

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عَرَبِيٌّ), French (Français), Hindi (हिन्दी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

I

Ibar, Íbis, Ibleão, Ibneias, Ibnijas, Ibri, Ibsã, Ibsão, Icabô, Icônio, Idala, Idbas, Idbás, Ido, Ídolos, Idolatria, Idumeia, Idumeus, Ifdeias, Ifta, Ifta-El, Igal, Igreja, Iim, Ije-Abarim, Ijé-Abarim, Ijom, Ilai, Ilírico, Imagem de Deus, Imagem esculpida, Imalkue, Imer (Lugar), Imer (Pessoa), Imersão, Imna, Imna, Imnaítas, Impecabilidade de Cristo, Imperador, Império Ptolemaico, Imposição de mãos, Imposto Meio-siclo, Imposto, Tributação, Impuro, impureza, Imputação, Inácio e suas epístolas, Incensário, Incenso, Incenso, Incesto, Incircuncisão, Índia, Inferno, Infértil, Iniquidade, Iniquidade, Inlá, Inocentes, Massacre dos, Inra, Inri, Inscrição de Beistum, Inscrição de Gálio, Inscrição de Siloé, Inscrições, Inseto, Inspiração, Instruir, Instrutor, Instrumento de cordas, Instrumento de sopro, Instrumentos Musicais, Interceder, Intercessão, Intercessão de Cristo, Intérprete, Iques, Ir, Ir-Naás, Ir-Semes, Ira, Irã, Ira de Deus, Irade, Iri, Irmã, Irmão, Irmãos (e Irmãs), Irmãos De Jesus, Irom, Irpeel, Irrigação, Iru, Isabel, Isaías (Pessoa), Isaías, Livro de, Isaque, Isar, Isbá, Isbaque, Isbi-Benobe, Isbosete, Iscá, Iscariotes, Isi, Ísis, Isma, Ismael, Ismaelita, Ismaías, Ismaquias, Ismerai, Isode, Ispa, Ispã, Israel (Lugar), Israel (pessoa), Israel, História de, Israelita, Issacar (Pessoa), Issacar, Tribo de, Issias, Issias, Issiás, Istar, Isvá, Isvi, Isvita, Itai, Itái, Itália, Itamar, Itiel, Itla, Itma, Itnã, Itra, Itrã, Itreão, Itritas, Itureia, Itureus, Iva, Izarita, Izlias, Izraías, Izraíta, Izri*

Ibleão

Cidade no território de Manassés ([Js 17.11; Jz 1.27; 2Rs 9.27](#)), possivelmente identificável com Bileão, uma cidade levítica a oeste do rio Jordão entre Samaria e Jizreel ([1Cr 6.70](#)). Veja Cidades levíticas.

Ibar

Um filho de Davi nascido durante seu reinado em Jerusalém ([2Sm 5.15; 1Cr 3.6; 14.5](#)).

Íbis

O íbis é uma ave pernalta com um bico longo e curvado. Esta ave aquática (nome científico *Threskiornis aethiopica*) é rara na Terra Santa atualmente, mas pode ter vivido lá durante os tempos bíblicos. Os antigos egípcios consideravam o íbis sagrado para seu deus Thoth (um deus da sabedoria e da escrita). O íbis quase desapareceu do Egito agora porque os pântanos ao longo do Rio Nilo secaram.

Algumas traduções da Bíblia identificaram a ave em [Levítico 11.17](#) como o íbis, que é classificado como ceremonialmente impuro para comer. A mesma palavra hebraica aparece em [Deuteronômio 14.16](#) e [Isaías 34.11](#), onde a maioria das traduções da Bíblia usa "Corujão" em vez de "íbis". A maioria dos estudiosos da Bíblia hoje prefere a tradução "Grande coruja" ou "Corujão". A NTLH em [Deuteronômio 14.16](#) traduz como íbis, mas em [Isaías 34.11](#) traduz como corvos.

Veja Corujão.

Ibneias

Filho de Jeroão, da tribo de Benjamim ([1Cr 9.8](#)).

Ibnijas

Antepassado de Mesulão, da tribo de Benjamim ([1Cr 9.8](#)).

Ibri

Levita merarita e filho de Jaazias, que viveu na época de Davi ([1Cr 24.27](#)).

Ibsã

Juíz que governou Israel, ou parte dele, por sete anos ([Jz 12.8-10](#)). Ibsã era natural de Belém, provavelmente de Zebulom, e foi sepultado em sua cidade natal. A tradição judaica identificou Ibsã

com Boaz e, consequentemente, entendeu que sua cidade natal era Belém em Judá. Ibsã teve 30 filhos e 30 filhas e era um homem de riqueza e alta posição social.

Veja também Juízes, Livro de.

Ibsão

Filho de Tolá, da tribo de Issacar ([1Cr 7.2](#)).

Icabô

Nome dado ao filho de Fineias (neto de Eli) para marcar a partida da glória de Israel, após a arca de Deus ter sido capturada pelos filisteus ([1Sm 4.19-22; 14.3](#)).

Fineias foi morto na batalha de Afeca, ao mesmo tempo em que os filisteus capturaram a arca. Quando a esposa de Fineias soube da tragédia, entrou imediatamente em trabalho de parto, e quando a criança nasceu, ela o chamou de Icabô (que significa "sem glória") para expressar seu desespero.

Icônio

Uma cidade na parte sudoeste da Ásia Menor central. Sua localização ficava a cerca de 153 quilômetros da costa do Mediterrâneo. Hoje, Icônio é a cidade turca de Cônia, que também é a capital da província de Cônia.

Economia

Icônio era um centro agrícola famoso por seus campos de trigo e pomares de damasco e ameixa. Sua localização e clima ideais ajudaram a estabelecer Icônio como um elo importante nas rotas comerciais entre a Síria, Éfeso e Roma.

Histórico

A origem da cidade é incerta. Um grupo de tribos imigrantes do norte da Grécia, chamado Frígios, a fundou. O historiador grego Xenofonte, que viveu por volta de 428–354 a.C., menciona Icônio. Ele afirma que era uma cidade frígia visitada pelo Rei Ciro. Os habitantes de Icônio falavam a língua frígia, portanto, devem ter considerado que se originaram de lá. O nome de Icônio foi primeiramente Frígio.

No entanto, um mito posterior atribuiu um significado grego ao nome. Segundo essa lenda, uma grande inundação destrói a humanidade. A vida é restaurada quando Prometeu e Atena sopram vida em figuras humanas. Essas figuras são feitas de lama deixada pelas águas em retirada. A palavra grega para "figura" é *eikon*. De acordo com a lenda, é daí que Icônio recebe seu nome.

No terceiro século a.C., os reis selêucidas da Síria governavam Icônio e promoviam a cultura grega. Os selêucidas rapidamente transformaram Icônio em uma cidade helenística onde se falava grego. Anualmente, dois magistrados nomeados governavam o povo. Mais tarde, os gauleses e os reis do Ponto dominaram Icônio de cerca de 165–63 a.C. No entanto, a cidade manteve seu caráter helenístico até os tempos do Novo Testamento. Em 36 a.C., Marco Antônio entregou a cidade ao rei Amintas. Quando ele morreu em 25 a.C., Icônio se uniu às cidades vizinhas de Listra, Derbe e Antioquia da Pisídia. Essas cidades se tornaram parte da província da Galácia e, posteriormente, foram incorporadas ao Império Romano.

Icônio na Bíblia

O apóstolo Paulo visitou Icônio em sua primeira viagem missionária. Depois que ele deixou Antioquia da Pisídia ([At 13.51](#)), Paulo foi à sinagoga em Icônio. Inicialmente, sua pregação foi bem recebida tanto pelos judeus quanto pelos gregos. No entanto, os "judeus incrédulos" logo incitaram um motim contra ele ([14.1-7](#)). Paulo fugiu para Listra, mas os judeus de Icônio o seguiram. Eles o apedrejaram e o deixaram como morto (v. [19](#); cp. [2Tm 3.11](#)). Cuidado por amigos, Paulo juntou-se a Barnabé em Derbe. Lá, eles fizeram muitos discípulos. Depois, retornaram a Icônio para fortalecer os cristãos ali ([At 14.20-23](#)). Mais tarde, Paulo partiu em uma segunda viagem missionária. Os cristãos em Icônio recomendaram Timóteo a Paulo e Silas ([16.1-2](#)).

Idala

Cidade atribuída à tribo de Zebulom como herança ([Js 19.15](#)). Geralmente é identificada com Khirbet el-Hawarah, a noroeste de Nazaré.

Idbas, Idbás

Um dos descendentes de Etã, da tribo de Judá ([1Cr 4.3](#)).

Ido

1. Pai de Ainadabe, oficial de Salomão em Maanaim, que fornecia provisões para a casa real ([1Rs 4.14](#)).
2. Levita gersonita, descendente de Joá e antepassado de Zerá ([1Cr 6.21](#)); possivelmente chamado alternadamente de Adaías no versículo [41](#). Veja Adaías #2.
3. Filho de Zacarias e chefe da meia tribo de Manassés em Gileade durante o reinado de Davi ([1Cr 27.21](#)).
4. Profeta e vidente que registrou os eventos do reinado de Salomão referentes a Jeroboão, filho de Nebate, em um livro de visões ([2Cr 9.29](#)), os atos de Roboão em seus registros genealógicos ([12.15](#)), e a vida de Abias como parte de um comentário ([13.22](#)).
5. Avô de Zacarias, o profeta ([Zc 1.17](#)). Ido foi um sacerdote bem conhecido que retornou a Jerusalém do exílio em 538 a.C., e cuja casa foi liderada por Zacarias durante o reinado de Joaquim como sumo sacerdote na era pós-exílica ([Ne 12.16](#)). De acordo com [Esdras 5.1](#) e [6.14](#), Zacarias, e não Berequias, seu pai, foi considerado o sucessor de Ido. Veja Zacarias (Pessoa) #20.
6. Líder levita em Casifia, na Babilônia, a quem Esdras enviou uma delegação de homens solicitando sacerdotes e servos do templo para se unirem à caravana de Esdras que retornava à Palestina para o serviço no templo de Jerusalém ([Ed 8.17](#)).

Ídolos, Idolatria

Imagens feitas pelo homem ou representações naturais adoradas como divindades; qualquer coisa que receba adoração além do único Deus verdadeiro. Idolatria é a adoração espiritual de um ídolo. Muitos idólatras servem literalmente ídolos: no antigo Egito, estátuas de deuses eram regularmente e ritualmente vestidas e alimentadas. Um conceito da adoração de um falso deus, Baal, é dado no relato do concurso no Monte Carmelo: os sacerdotes de Baal clamavam em voz alta, eles "saltavam" (ARC) ao redor do altar,

cortavam-se com espadas e lanças ([1Rs 18.26-29](#)). A adoração a Baal foi amplamente seguida por Israel durante o período da monarquia.

No Antigo Testamento

Os ancestrais de Abraão eram adoradores de ídolos na Mesopotâmia ([Is 24.2](#)). Escavações arqueológicas nessa área revelaram imagens de inúmeras divindades, e a literatura religiosa mesopotâmica mostra o grosseiro politeísmo do qual Abraão se originou. A tendência dos israelitas para a idolatria era, em parte, a expressão do anseio humano universal por um deus que se pode ver e conhecer através dos sentidos físicos.

A maior parte da idolatria dos israelitas foi adotada de seus vizinhos. Durante os mais de 400 anos que os descendentes de Jacó passaram no Egito, eles foram expostos à idolatria politeísta, o que influenciou sua mentalidade religiosa. No Sinai, enquanto Moisés recebia os Dez Mandamentos do Senhor, o povo exigiu que Arão fizesse deuses para eles ([Ex 32.1-6](#)). Ele moldou um bezerro de ouro, seguindo uma forma egípcia, pois toda a família bovina era adorada no Egito — o touro Ápis, a vaca Hathor e o bezerro Mnevis.

Foi após sua estadia no Egito ([1Rs 11.40](#)) que Jeroboão se tornou rei de Israel e instalou bezerros de ouro, um em Betel e outro em Dã ([12.26-33](#)), uma ação que lhe rendeu o rótulo de ser aquele que fez Israel pecar ([2Rs 3.3](#)).

Já nos tempos patriarcais há referências aos terafins, ou deuses domésticos. Exemplares desses ídolos foram encontrados em Ur dos Caldeus, Nuzi e outros locais, e são mencionados nas tábua cuneiformes. Os terafins que Raquel roubou de Labão poderiam estar escondidos na sela de seu camelo ([Gn 31.34](#)). Parece, no entanto, que no tempo de Davi tais ídolos eram maiores, pois quando os homens de Saul vieram para matar Davi, Mical, esposa de Davi e filha de Saul, ajudou Davi a escapar e então pegou tal imagem e a colocou em uma cama para fazer os homens pensarem que Davi estava doente ([1Sm 19.11-16](#)).

A proibição da idolatria é explicitamente declarada no Segundo Mandamento ([Ex 20.4-5](#), NTLH): “— Não faça imagens de nenhuma coisa que há lá em cima no céu, ou aqui embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não se ajoelhe diante de ídolos, nem os adore, pois eu, o Senhor, sou o seu Deus e não tolero outros deuses” (cf. [Ex 34.17](#); [Lv 19.4](#); [26.1](#); [Dt 4.15-19](#); [27.1-5](#)). Este mandamento é uma extensão ou auxiliar do primeiro, pois busca

preservar a singularidade de Deus e proteger sua glória. A definição de idolatria foi ampliada durante o tempo de Samuel, que confrontou o rei Saul com a acusação de que a rebeldia é o mesmo que idolatria ([1Sm 15.23](#)).

Antes da conquista de Canaã, o Senhor continuava alertando Israel contra casar-se com membros da população nativa, pois Ele havia ordenado que Israel os aniquilasse. Essa medida tinha o objetivo de prevenir o enfraquecimento da vida moral em Israel ([Ex 34.16](#); [Dt 7.3-4](#)). Esse princípio é novamente expandido no NT (cf. [1Co 15.33](#); [2Co 6.14](#)). A história de Israel demonstrou a praticidade da proibição contra tais casamentos, pois eles inevitavelmente levavam à apostasia. Talvez o exemplo mais triste seja Salomão ([1Rs 11.1-8](#)). Quando Salomão estava velho, suas esposas desviaram seu coração para outros deuses, de modo que ele não foi totalmente fiel ao Senhor seu Deus (v [4](#)).

Na época dos juízes, houve um caso infame de adoração a ídolos ([Jz 17.1-18.31](#)). A mãe de um efraimita chamado Mica pegou 200 peças de prata e mandou um ourives transformá-las em uma imagem esculpida para seu filho. Ele também tinha um santuário, um éfode e terafins. Ele contratou um levita errante para ser seu sacerdote, mas homens da tribo de Dã vieram e levaram o levita, a imagem e todos os acessórios e estabeleceram esse ídolo em Dã, usando-o como objeto de sua adoração ([18.30-31](#)).

Nas Escrituras, os reis de Israel são avaliados com base no que fizeram em relação aos "lugares altos" e ídolos. Asa removeu todos os ídolos que seus antepassados haviam feito ([1Rs 15.12](#)) e não permitiu que Maaca fosse rainha-mãe porque ela tinha uma imagem abominável feita para Aserá. Ele cortou e queimou a imagem (v [13](#)). O rei israelita Acabe, no entanto, era um idólatra ([1Rs 21.26](#); cf. [16.30-33](#)).

Ezequias destruiu os lugares altos, quebrou as colunas e cortou os postes-ídolos ([2Rs 18.4](#); [2Cr 31.1](#)). Ele também pôs fim a um culto estranho que ilustra a natureza insidiosa da idolatria. A serpente de bronze que Moisés levantou em um poste para salvar os israelitas da morte por picada de cobra ([Nm 21.9](#); cf. [Jó 3.14](#)) havia sido preservada até o tempo de Ezequias. Ela havia recebido o nome de Neustâ, e as pessoas a veneravam e queimavam incenso para ela. Ezequias a destruiu ([2Rs 18.4](#)) porque o que havia sido um instrumento para o bem havia se tornado algo do mal.

O profeta Isaías descreveu a fabricação de um ídolo em forma humana ([Is 40.19-20; 44.9-17](#)). Imagens eram moldadas usando metal fundido ([40.19](#); [44.10](#)). Estátuas eram forjadas por ferreiros ([44.12](#)), esculpidas em madeira ([44.13-17](#)) e revestidas com metal precioso ([40.19](#)). Pequenas imagens de barro e placas também eram moldadas e queimadas em um forno, e estátuas eram esculpidas em pedra. O salmista falou contra ídolos e imagens ([Salmos 96.5; 97.7; 106.34-39](#)) e a impotência dos ídolos é descrita em [Salmos 115.4-8](#) e [135.15-18](#).

Os reinos do norte e do sul de Israel foram levados ao cativeiro porque abandonaram Deus e serviram ídolos. Os judeus estavam bem cientes de que a idolatria os havia levado ao cativeiro, e durante seu tempo na Babilônia, desenvolveram uma aversão aos ídolos que tem caracterizado o judaísmo até hoje.

No Novo Testamento

A discussão mais completa no NT sobre idolatria e o adorador de ídolos é encontrada na primeira epístola de Paulo aos coríntios. Em uma epístola anterior (não mais existente), Paulo havia instruído os Coríntios a não se associarem com aqueles que se diziam crentes, mas ainda eram adoradores de ídolos ([1Co 5.9-11](#)). Após essa carta, os Coríntios devem ter pedido a Paulo esclarecimentos sobre este assunto. Assim, nesta epístola, Paulo fornece uma resposta à sua pergunta; o "adorador de ídolos" é mencionado em [5.10-11,6.9,10.7](#), e o termo "idolatria" é mencionado em [10.14](#).

Os termos "idolatria" e "adorador de ídolos" estão relacionados a duas outras expressões: (1) "ídolo" (eidolon), encontrado em [1Co 8.4; 10.19; 12.2](#); e (2) "comida sacrificada a ídolos" (eidolothutos), encontrado em [1Co 8.1-4,7; 10.19](#). O tipo de idolatria que Paulo condena é aquela que envolia cristãos oferecendo sacrifícios a ídolos e depois participando da comida que havia sido sacrificada a eles. Os participantes são chamados de adoradores de ídolos porque seu envolvimento em sacrifícios idólatras era percebido como tendo comunhão com demônios. Paulo proibia estritamente o consumo de comida sacrificial nos templos populares na presença de ídolos-demônios. Assim, ele compartilhava a mesma visão sobre ídolos que a maioria dos judeus em sua época. Para os judeus, ídolos e divindades pagãs eram idênticos. (Veja [1Ts 1.9](#), onde Paulo contrasta "ídolos" com "o Deus vivo e verdadeiro"). Para

Paulo, ídolos em si mesmos não eram nada ([1Co 8.4](#)); por trás do ídolo, no entanto, havia um demônio ([10.20](#)).

O consumo de alimentos sacrificiais nas refeições cultuais em templos pagãos foi censurado por Paulo porque se entendia que os participantes, assim, se uniam ao Demônio (veja [1Co 10.19–21](#)). No entanto, Paulo não tinha problema com aqueles que compravam alimentos que haviam sobrado desses eventos e que depois eram vendidos no mercado. Em seu julgamento, se eles os comessem em casa, não estariam participando da idolatria. Eles poderiam comer esse alimento com boa consciência — a menos, é claro, que, ao fazê-lo, fossem o meio de destruir um crente mais fraco. Por causa de tais crentes, deve-se abster. Isso era uma questão de consciência ([10.25–29](#)). Mas participar de festividades pagãs e comer refeições oferecidas a ídolos não era permitido de forma alguma.

Os coríntios participavam regularmente dessas refeições antes de se tornarem cristãos e, aparentemente, continuaram a fazê-lo após sua conversão. Em Corinto, tais refeições eram uma prática comum tanto em festivais nacionais quanto em celebrações privadas. Os “deuses” (que Paulo considerava “demônios”) eram vistos como presentes nesses eventos porque os sacrifícios eram feitos para eles. Assim, participar desses eventos era unir-se aos demônios e, portanto, tornar-se um adorador de ídolos. Os antigos israelitas foram levados à idolatria por seus vizinhos pagãos em várias ocasiões, quando foram seduzidos a participar dessas celebrações pagãs (p. ex. [Nm 25](#); cf. [Êx 32.6](#)). As festividades envolviam todo tipo de licenciosidade. Em [1Co 10](#), Paulo referiu-se a essa apostasia dos israelitas e usou-a como um exemplo negativo. Porque os israelitas se envolveram em festividades pagãs, foram levados à idolatria e fornicação, o que incitou a ira de Deus e trouxe destruição.

Em outras epístolas paulinas, a idolatria é mencionada, mas não com a definição e discussão extensas que se encontram em 1 Coríntios. No entanto, Paulo se manifesta contra a idolatria real e o que poderíamos chamar de idolatria figurativa (ou seja, idolatria no sentido de desejar algo acima de Deus).

Em [Rm 1.18–32](#), a licenciosidade sexual e outros pecados são, em última análise, atribuídos à idolatria. Os gentios, que deveriam ter sabido que Deus existia, como evidenciado na criação e na consciência, abandonaram o Deus imortal e

invisível em troca de imagens mortais e visíveis (ou seja, ídolos). Por causa desse abandono, Deus os entregou para fazerem as coisas impuras que seus corações desejavam ([Rm 1.24](#)). Assim, a idolatria está incluída na lista de Paulo do que ele chama de “as obras da carne” (veja [Gl 5.19–20](#)). E aqueles que são adoradores de ídolos estão incluídos no catálogo de todas aquelas pessoas más que não herdarão o reino de Deus (veja [1Co 6.9](#)).

Em [Ef 5.5](#), Paulo novamente inclui os idólatras entre aqueles que não herdarão o reino de Deus. No entanto, tais idólatras não são apenas aqueles que vão a templos pagãos e adoram ídolos; eles são aqueles que são gananciosos ou cobiçosos. De acordo com evidências de manuscritos superiores, o versículo diz: “Nenhum fornicador ou pessoa impura ou gananciosa, que é o mesmo que um idólatra, tem qualquer herança no reino de Cristo e de Deus”. O ponto parece ser que a pessoa gananciosa e cobiçosa que faz de seus desejos seu deus é muito semelhante a um idólatra. Assim, a cobiça e a idolatria são tornadas sinônimas. A passagem paralela, [Cl 3.5](#), torna isso explícito, dizendo literalmente que a cobiça é idolatria.

Veja também Deidades e religião dos cananeus; Deuses e deusas; Bosque; Lugar alto.

Idumeia, Idumeus

Termo derivado da forma grega de Edom (“vermelho”). A mudança de edomite para idumeu resultou das conquistas de Alexandre, o Grande, que tornaram o grego a língua comum da área. O nome foi aplicado ao antigo país dos edomitas e à porção do sul de Judá ocupada pelos descendentes de Esaú após os judeus terem sido deportados para Babilônia após a conquista por Nabucodonosor em 586 a.C. O país conhecido como Idumeia no período intertestamentário tinha sua fronteira norte em Bet-sur (Bete-Zur), a poucos quilômetros ao norte de Hebron, e incluía parte da Sefelá (terra baixa) que se estendia até o antigo país filisteu ([1Mc 4.15.22.61; 5.65](#)).

Inicialmente conhecidos como edomitas, depois como nabateus e finalmente como idumeus, os ancestrais dos idumeus traçam sua linhagem até Esaú, o irmão mais velho de Jacó, que foi enganado tanto em seu direito de nascimento quanto em sua bênção ([Gn 27.1–45](#)). Isso levou a conflitos entre os filhos de Israel e os descendentes de Esaú durante todo o período bíblico.

Não é surpreendente, portanto, que os edomitas tenham se alegrado quando os babilônios conquistaram Israel. Os edomitas então ocuparam o território deixado pelos israelitas após a subjugação do reino pelos babilônios depois de 586 a.C.

Por volta de 300 a.C., tribos árabes invadiram e tomaram a capital edomita Petra, forçando os edomitas restantes a se deslocarem para a área ao sul de Judá, que então passou a ser conhecida como Idumeia. Os invasores, conhecidos como nabateus, fizeram de Sela ou Petra o centro de seu comércio de caravanas tanto de leste a oeste quanto de norte a sul. Esses comerciantes do deserto, agora influenciados por ideias gregas, transformaram a "cratera" em forma de tigela de Petra em uma cidade fantástica com uma concentração de templos, tumbas e edifícios esculpidos na rocha, feitos do colorido arenito vermelho da região. Além de criar a cidade mais única do mundo, os nabateus eram excelentes comerciantes e agricultores. Como diz Josefo, eles não eram belicosos, mas habilidosos no comércio, na arte e na agricultura. Os nabateus criaram a fortaleza estratégica do deserto de Obodate, que, juntamente com Petra, comandava as rotas das caravanas. Os nabateus prosperaram de cerca de 100 a.C. a 100 d.C., quando os romanos gradualmente causaram seu declínio ao mudar as rotas das caravanas do sul do Mar Morto para a área em torno de Damasco e Palmira.

Durante o período intertestamentário, os judeus que retornavam tiveram pequenos combates de fronteira com os idumeus. Hebrom foi capturada por Judas Macabeu ([1Mc 5.65](#)). João Hircano obrigou os idumeus a se tornarem judeus e a se submeterem à circuncisão. O governador da Idumeia, Antípatro, que havia sido nomeado procurador da Judeia por Júlio César, era um idumeu. Antípatro designou seu filho Herodes como governador da Galileia. Isso abriu caminho para que Herodes se tornasse rei da Judeia, sob o título de Herodes, o Grande. Com a conquista da Judeia pelos romanos, primeiro em 70 d.C., e depois em 135 d.C., a Idumeia desapareceu da história. Somente nos últimos anos os arqueólogos começaram a desvendar alguns dos segredos dos idumeus e dos nabateus, seus conquistadores.

Veja também Edom, Edomitas; Judaísmo.

Ifdeias

Filho de Sasaque, da tribo de Benjamim ([1Cr 8.25](#)).

Ifta

Cidade de Sefelá atribuída à tribo de Judá como herança, listada entre Asã e Asná ([Is 15.43](#)).

Ifta-El

Vale na fronteira de Aser e Zebulom ([Is 19.14.27](#)), possivelmente o moderno Sahl el-Batof.

Igal

1. Grafia das Bíblias NTLH e NVI para Jigeal, um filho de José da tribo de Issacar. Ele foi um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar Canaã ([Nm 13.7](#)).
2. Um filho de Natã e um dos valentes do Rei Davi ([2Sm 23.36](#)). Em [1 Crônicas 11.38](#), ele é chamado Joel, o irmão de Natã. Em hebraico, este nome difere de Igal por apenas uma letra.
3. Um filho de Semaías e um descendente do Rei Davi através do Rei Jeoaquim ([1Cr 3.22](#)).

Igreja

A palavra "igreja" refere-se a um grupo ou assembleia de pessoas que se reúnem para um propósito específico. Embora o termo seja mencionado apenas duas vezes nos Evangelhos ([Mt 16.18; 18.17](#)), ele aparece frequentemente no livro de Atos, na maioria das cartas de Paulo e em outros escritos do Novo Testamento, especialmente no livro de Apocalipse.

No Antigo Testamento, uma maneira de descrever o povo de Israel era chamá-los de "a congregação". Alguns grupos que acreditavam ser o verdadeiro Israel chamavam a si mesmos de "a congregação". Eles acreditavam que não eram Israel por nascimento. Este termo foi usado pelos escritores dos Manuscritos do Mar Morto e pelos primeiros cristãos, e é o que a palavra "igreja" originalmente significava. Os cristãos frequentemente referiam-se a si mesmos como "a igreja" ou "a congregação"

(com "de Deus" sendo entendido sem precisar dizer).

O termo "igreja" pode significar todos os crentes em todo o mundo ou qualquer grupo local deles. Representava a presença do povo de Deus em um lugar específico. É por isso que o Novo Testamento frequentemente usa o singular "igreja", mesmo quando fala sobre muitos grupos de crentes ([At 9.31](#); [2Co 1.1](#)); o termo "igrejas" é raramente encontrado ([At 15.41](#); [16.5](#)). Cada grupo ou o grupo inteiro era o lugar onde Deus estava presente ([Mt 16.18](#); [18.17](#)). A congregação era algo que Deus havia comprado com o sangue de seu Filho ([At 20.28](#)).

Diferentes maneiras de usar "igreja" no Novo Testamento

A palavra "igreja" no Novo Testamento também tem conexões com o mundo grego. Em grego, a palavra traduzida como "igreja" significava uma assembleia, uma reunião. Referia-se a um encontro político ou qualquer grupo que se reunisse. A palavra é usada dessa forma em [Atos 19.32,39,41](#).

O uso cristão da palavra "igreja" no Novo Testamento varia amplamente:

- 1. Como uma reunião da igreja:** às vezes, como no Antigo Testamento, refere-se a uma reunião da igreja. Por exemplo, Paulo diz aos cristãos em Corinto: "Quando vocês se reúnem como igreja" ([1Co 11.18](#)). Isso significa que os cristãos são especialmente vistos como o povo de Deus quando se reúnem para adorar.
- 2. Como o grupo inteiro em um lugar:** em passagens como [Mateus 18.17](#), [At 5.11](#), [1 Coríntios 4.17](#) e [Filipenses 4.15](#), "igreja" refere-se ao grupo inteiro de cristãos vivendo em um lugar. A natureza local de um grupo cristão é frequentemente destacada. Por exemplo, em frases como "a igreja em Jerusalém" ([At 8.1](#)), "em Corinto" ([1Co 1.2](#)), e "em Tessalônica" ([1Ts 1.1](#)).

3. Como igrejas domésticas: em outros textos, pequenos grupos de cristãos que se reuniam na casa de alguém são chamados de igrejas, como aqueles que se reuniam na casa de Priscila e Áquila ([Rm 16.5](#); [1Co 16.19](#)).

4. Como a igreja universal: ao longo do Novo Testamento, "a igreja" também pode significar a igreja universal, que inclui todos os crentes ([At 9.31](#); [1Co 6.4](#); [Ef 1.22](#); [Cl 1.18](#)). A primeira menção de Jesus sobre a fundação do movimento cristão em [Mateus 16.18](#) usa o termo nesse sentido mais amplo: "Edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela".

Paulo frequentemente se refere à igreja como "a igreja de Deus" ([1Co 1.2](#); [10.32](#)) ou "as igrejas de Cristo" ([Rm 16.16](#)). Isso confere a uma palavra grega comum um significado cristão distinto. Isso diferencia a assembleia cristã de outros grupos, tanto seculares quanto religiosos.

O Novo Testamento como um todo deixa claro que a comunidade cristã se via como a comunidade dos tempos finais. Os cristãos acreditavam que foram chamados à existência pelo ato final de revelação e presença divina de Deus em Jesus de Nazaré. Paulo diz aos cristãos em Corinto que eles são aqueles "sobre quem o cumprimento dos tempos chegou" ([1Co 10.11](#)). Isso significa que Deus havia visitado sua criação e chamado novas pessoas tanto do judaísmo quanto do mundo não-judaico. Essas pessoas foram capacitadas pelo Espírito de Deus para estarem presentes no mundo, compartilhando as boas-novas do amor radical e incondicional de Deus por sua criação ([Ef 2.11-22](#)).

Os Evangelhos nos dizem que Jesus escolheu 12 discípulos que se tornaram a fundação deste novo povo. A conexão com as 12 tribos de Israel é clara. Isso mostra que a igreja era vista tanto como enraizada no Judaísmo quanto como o plano de Deus para fazer de Israel "uma luz para as nações" ([Is 49.6](#); [Rm 11.1-5](#)). Por causa disso, Paulo pode chamar essa nova comunidade gentio-judaica, essa nova criação, de "o Israel de Deus" ([Gl 6.15-16](#)). Nesta nova comunidade, divisões tradicionais de raça, classe e gênero foram desfeitas. Elas haviam separado e classificado as pessoas em grupos inferiores e superiores. "Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos

vocês são um em Cristo Jesus" ([Gl 3.28](#)). Este grupo único é chamado de "o corpo de Cristo".

A igreja como corpo de Cristo

Paulo é o único escritor do Novo Testamento a chamar a igreja de corpo de Cristo ([Rm 12.5](#); [1Co 12.27](#); [Ef 1.22-23](#); [4.12](#); veja também [1Co 10.16-17](#); [12.12-13](#)). Ele também descreve a igreja como "o corpo" do qual Cristo é a "cabeça" ([Ef 4.15](#); [Cl 1.18](#)). A origem exata dessa maneira de falar sobre a igreja não é clara, mas duas ideias são particularmente úteis para entender o pensamento de Paulo:

- 1. Experiência de Paulo na estrada de Damasco:** de acordo com os relatos em [Atos 9.3-7](#); [22.6-11](#); [26.12-18](#), Jesus se identificou com seus discípulos perseguidos. Quando Paulo perseguia esses primeiros cristãos, ele estava, na verdade, lutando contra o próprio Cristo. Refletir sobre essa experiência pode ter levado Paulo a acreditar que o Cristo vivo estava tão intimamente identificado com sua comunidade que poderia ser chamado de seu "corpo", significando a expressão real e física de sua presença.

2. O conceito hebraico de solidariedade corporativa:

Solidariedade corporativa é a ideia de que um grupo pode ser representado por uma única pessoa. Paulo era profundamente judeu, e ideias judaicas moldaram seu pensamento ([Fp 3.5](#)). Nesse contexto, o indivíduo é visto como intimamente conectado à nação como um todo. O indivíduo não existe verdadeiramente separado do povo como um todo.

Ao mesmo tempo, todo o povo pode ser representado por um indivíduo. Por exemplo, "Israel" é tanto o nome de uma pessoa quanto o nome de um povo inteiro. O "servo" em [Isaías 42-53](#) pode ser tanto um indivíduo ([Is 42.1-4](#)) quanto a nação de Israel ([Is 49.1-6](#)). Esta ideia de solidariedade corporativa (ou unidade) é o pano de fundo para a conexão estreita que Paulo faz entre "o primeiro Adão" e a humanidade pecadora. Também conecta "o último (ou segundo) Adão" (Cristo) com a humanidade renovada ([1Co 15.45-49](#); veja também [Rm 5.12-21](#)).

Paulo expressa a relação próxima entre Cristo e sua igreja comparando-a à unidade e cooperação de um corpo físico ([Rm 12.4-8](#); [1Co 12.12-27](#)). Para Paulo, a Ceia do Senhor é um exemplo específico dessa realidade: "O pão que partimos não é uma participação no corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo; pois todos participamos do único pão". ([1Co 10.16b-17](#)). Por causa disso, Paulo argumenta que cada função dentro do corpo tem seu lugar de direito.

A divisão dentro do corpo (significando a igreja) indica que algo não está certo. O repetido apelo de Paulo pela unidade dentro da comunidade cristã é baseado nesta imagem da igreja como "o corpo de Cristo".

lim

Uma cidade localizada perto de Edom. Estava na parte sul da terra que foi atribuída à tribo de Judá ([Js 15.29](#)).

Ije-Abarim

Este foi um dos lugares onde Israel parou durante sua jornada pelo deserto ([Nm 21.11](#) e [33.44](#)). Algumas versões em português traduzem essa localidade apenas como Abarim.

Ijé-Abarim

Um local de acampamento israelita na fronteira sudeste de Moabe durante suas peregrinações no deserto ([Nm 33.44](#)). No versículo [45](#), a cidade é chamada de Iyim, que é uma forma abreviada de Ijé-Abarim. Outras traduções em português usam apenas Abarim.

Ijom

Cidade atribuída à tribo de Naftali, no extremo norte da Palestina. Alguns a identificam com Tell ed-Dibbon, entre o rio Litani e o Monte Hermom, mas isso é contestado. Ijom foi uma das cidades tomadas por Ben-Hadade, de Damasco, durante o reinado de Baasa (cerca de 900 a.C.; [1Rs 15.20](#); [2Cr 16.4](#)). Tiglate-Pileser III, da Assíria, capturou a cidade e deportou seu povo durante o reinado de Peca (cerca de 733 a.C.; [2Rs 15.29](#)).

Ilai

Nome alternativo para Zalmom, um renomado guerreiro ([1Cr 11.29](#)). Veja Zalmom (Pessoa).

Ilírico

Província romana a noroeste da Macedônia. Durante o auge do Império Romano (c. d.C 117), quando incluía a Dalmácia, Ilírico era delimitada pelo Mar Adriático a oeste e pelas províncias da Panônia ao norte, Moésia Superior a leste e Macedônia ao sul. Hoje, Eslovênia, Croácia, Bósnia e Iugoslávia ocupam esse território.

Ao longo do século IV a.C., o povo de Ilírico guerreou com os macedônios até que o governante macedônio Filipe II os derrotou em 359 a.C. Durante o século III a.C., seus atos de pirataria contra navios gregos e romanos levaram a uma guerra com Roma que continuou

intermitentemente por 60 anos (229–168 a.C.). Após uma série de revoltas e domínio romano esporádico, o território de Ilírico foi oficialmente incorporado ao império em 11 a.C. e renomeado Dalmácia. Levou mais 20 anos para que o povo fosse totalmente integrado à cultura romana.

Em 229 a.C., o historiador romano Políbio afirmou que "os ilírios não eram inimigos de um povo específico, mas inimigos comuns de todos". Mais tarde, Estrabão, um geógrafo grego do primeiro século, ainda descrevia o povo do Ilírico como selvagem e saqueador.

A única referência no NT a Ilírico é encontrada na declaração do apóstolo Paulo de que ele havia pregado o evangelho de Jerusalém até Ilírico ([Rm 15.19](#)). Embora Atos não documente um ministério nessa região, Paulo pode ter visitado Ilírico durante sua visita à Macedônia e Acaia, pouco antes de retornar a Jerusalém ([At 20.1–2](#)). Paulo expressou o desejo de continuar seu ministério na Espanha, um ambiente totalmente latino ([Rm 15.28](#)); em Ilírico, ele teria sua primeira experiência em uma cultura mais latina do que grega.

Veja também Dalmácia.

Imagen de Deus

Semelhante a Deus, a afirmação mais básica a ser feita sobre a natureza dos seres humanos de uma perspectiva cristã. Os humanos são únicos entre as criaturas porque são semelhantes a Deus e, portanto, capazes de ter comunhão e relacionamento com Deus.

[Gênesis 1.26–27](#) ensina que Deus decidiu criar o homem e a mulher à sua própria "imagem" e "semelhança" e que eles teriam domínio sobre a criação animal. Os dois termos usados no relato da criação e encontrados também no NT transmitem nuances de significado intimamente relacionadas, mas a diferença entre eles não é mais considerada teologicamente significativa.

Porque [Gênesis 2.7](#) afirma inequivocamente que o *homem* tornou-se um ser vivente, a Bíblia não apresenta a visão de que uma criatura previamente viva desenvolveu-se em um humano, nem sugere que a imagem de Deus evoluiu de uma forma de vida inferior. No momento em que o homem e a mulher se tornaram criaturas viventes, eles eram a imagem de Deus. Tanto o homem quanto a mulher compartilham essa semelhança com Deus ([Gênesis 1.27](#)).

Outras passagens que falam sobre pessoas sendo criadas à imagem de Deus são [Gênesis 5.1, 9.6, 1 Coríntios 11.7](#) e [Tiago 3.9](#). [Efésios 4.24](#) e [Colossenses 3.10](#) referem-se à recriação redentora da humanidade, mas essas passagens são geralmente consideradas diretamente relevantes para a compreensão da semelhança original da humanidade com Deus. Embora referências explícitas aos humanos como expressando a imagem de Deus sejam comparativamente infrequentes na Bíblia, essa própria verdade é a base de toda a relação entre Deus e os humanos e é, portanto, a pressuposição de todo o relato bíblico.

A afirmação em [Gênesis 1](#) de que o homem e a mulher foram feitos à imagem de Deus não é feita sobre nenhuma das outras criaturas vivas. Os animais, os peixes e as aves não compartilham esse privilégio. É discutido se os anjos são imagem de Deus, mas certos teólogos entendem assim porque encontram a imagem na retidão moral. No entanto, não há declaração bíblica explícita a esse respeito.

Em virtude de sua criação do pó da terra, a humanidade tem uma afinidade óbvia com a terra. Não é estranho, portanto, que o corpo, tanto em sua constituição quanto em suas funções, mostre semelhanças com outras criaturas terrenas. Mas os humanos são únicos em todos os aspectos de sua existência; não é apenas alguma parte de um humano ou alguma faculdade de um humano, mas um humano em sua totalidade é a imagem de Deus. O conceito bíblico não é que a imagem está *em* homem e mulher, mas que homem e mulher *são* a imagem de Deus.

No entanto, assim como o parentesco do homem com a terra é mais claramente visível em seu corpo, a imagem de Deus é melhor vista quando os humanos são observados a partir da perspectiva de sua espiritualidade. Os teólogos procuraram neste ponto enumerar aqueles aspectos da espiritualidade que definem os humanos e os distinguem da criação animal. A imagem de Deus é então encontrada em algum atributo ou combinação de atributos, como racionalidade, vontade, liberdade, responsabilidade ou algo semelhante. Os teólogos contemporâneos preferem não enumerar atributos, e a Bíblia não apresenta a imagem de Deus dessa forma. No entanto, é a personalidade dos humanos que os separa dos animais e é um reflexo da personalidade de Deus. Os animais passaram à existir à partir de Deus, mas os humanos têm seu ser *em* Deus, e eles são sua descendência ([Atos 17.28–29](#)).

Outro aspecto importante da doutrina da imagem de Deus é desenvolvido a partir de [Efésios 4.24](#) e [Colossenses 3.10](#). Esses versículos descrevem a recriação dos crentes à semelhança de Deus — em justiça, santidade da verdade e verdadeiro conhecimento. Em outras palavras, Paulo declara que os redimidos são recriados à imagem de Deus à medida que são transformados à imagem de Cristo, que possui a imagem imaculada de Deus. Assim como a queda no pecado não foi sem efeito sobre a imagem de Deus, também a redenção do pecado afeta os humanos como imagem de Deus. Efésios e Colossenses falam de renovação na imagem de Deus Criador, mas outros textos tornam-se ainda mais específicos em vista do ofício mediador de Cristo.

Jesus Cristo é preeminentemente a imagem de Deus ([2 Coríntios 4.4](#); [Colossenses 1.15](#); [Hebreus 1.3](#)). Frequentemente, isso é entendido exclusivamente como uma referência à divindade de Cristo. Ver Cristo é ver o Pai ([João 14.9](#)). No entanto, nas passagens citadas, é o Mediador encarnado, o último Adão, que é pelo menos tudo o que Deus pretendia que o primeiro Adão fosse. A encarnação significa que Jesus é verdadeiramente humano, e porque ele é verdadeiramente humano, ele é verdadeiramente a imagem de Deus.

Como o último Adão e o Mediador da nova aliança, Jesus traz seu povo à conformidade com sua própria imagem, a imagem do Filho de Deus ([Romanos 8.29](#)). Aquele que se tornou como seus irmãos, na semelhança da carne pecaminosa, destrói o pecado para que seus irmãos possam refletir sua própria glória. Eles são transformados na mesma imagem de glória em glória pelo Espírito do Senhor ([2 Coríntios 3.18](#)). O crente deve "Revestir-se de Cristo" ([Romanos 13.14](#); [Gálatas 3.27](#); cf. [Efésios 4.24](#); [Colossenses 3.10](#), "a nova natureza" na imagem de Deus), uma ação também descrita como a formação de Cristo no crente ([Gálatas 4.19](#)).

Conformidade à imagem de Jesus Cristo é alcançada através do processo de santificação que é finalmente completado na ressurreição. Só então o corpo é transformado até ser moldado como o corpo glorioso de Cristo ([Filipenses 3.21](#)). A restauração na imagem de Cristo vai além da criação na imagem de Deus, pois a imagem do terreno é então trocada pela imagem do celestial ([1 Coríntios 15.49](#)).

Veja também Homem; Mulher.

Imagen esculpida

Imagen ou representação de uma divindade feita de madeira, pedra ou metal. *Veja Ídolos, Idolatria.*

Imalkue

Um chefe árabe que estava encarregado de Antíoco, o filho de Alexandre. Trifon, que uma vez apoiou Alexandre, buscou a ajuda de Imalkue para coroar Antíoco como rei em vez de Demétrio. Trifon teve sucesso e Antíoco se tornou o rei Antíoco VI. As tropas de Demétrio apoiaram o novo rei e derrotaram Demétrio ([1Mc 11.39–55](#)).

Imer (Lugar)

Lugar da Babilônia. Os judeus que retornaram de Imer haviam perdido o registro de sua ancestralidade e não podiam provar sua linhagem judaica ([Ed 2.59](#); [Ne 7.61](#)).

Imer (Pessoa)

Sacerdote na época de Davi. Ele se tornou o chefe ancestral de uma casa de sacerdotes: Pasur, o sacerdote que mandou prender Jeremias e colocá-lo no tronco, era descendente de Imer ([Jr 20.1](#)). Havia 1.052 sacerdotes do subclã de Imer que retornaram do exílio ([1Cr 9.12](#); [Ed 2.37](#); [Ne 7.40](#)). Um descendente de Imer ajudou a reconstruir o muro de Jerusalém ([Ne 3.29](#)) e 128 sacerdotes sob Amasai (também um descendente) ajudaram a repovoar a cidade e cuidar do templo ([Ne 11.13–14](#)).

Imersão

Método de batismo em que o crente é submerso na água. *Veja Batismo.*

Imna

1. Filho de Aser ([Gn 46.17](#); [1Cr 7.30](#)) e fundador da família Imnita ([Nm 26.44](#)).

2. Levita e pai de Coré. Coré foi um assistente do templo durante o reinado do Rei Ezequias ([2Cr 31.14](#)).

Imna

Filho de Helém, da tribo de Aser ([1Cr 7.35](#)).

Imnaítas

Qualquer descendente de Imna da tribo de Aser ([Nm 26.44](#)).

Veja Imna #1.

Imppecabilidade de Cristo

A Bíblia ensina que Jesus Cristo nunca pecou. Ele é perfeito em todos os aspectos como Filho de Deus. Sua natureza humana foi completamente santa, sem qualquer pecado.

O que a Bíblia ensina sobre a impecabilidade de Cristo?

A Bíblia afirma claramente que Jesus era sem pecado. Paulo afirma que Cristo “não conheceu pecado” ([2Co 5.21](#)). Pedro diz “Ele não cometeu pecado, e nenhum engano foi encontrado em sua boca” ([1Pe 2.22](#)). Ele o chama de “justo” ([3.18](#)).

O escritor aos Hebreus diz que Cristo é “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores” ([Hb 7.26](#)). Tiago fala dele como “o justo” ([Tg 5.6](#)). João diz que “nele não há pecado” ([1Jo 3.5](#)). Nos Evangelhos e na pregação dos apóstolos, Jesus é repetidamente testemunhado como o Santo Filho de Deus, o Santo de Deus, o Santo e Justo ([Lc 1.35](#); [Jo 6.69](#); [At 3.14](#)).

O próprio Jesus perguntou aos seus oponentes: “Qual de vocês pode me provar culpado de pecado?” ([Jo 8.46](#)). Ao longo de sua vida, Jesus viveu com o pleno conhecimento de que era santo e sem pecado. Muitas referências e inferências são feitas afirmando que ele é sem pecado. Ele cumpriu toda a lei em cada detalhe e em cada aspecto ([Rm 10.4](#); [Hb 4.15](#)). A esposa de Pilatos considerava Jesus um homem justo ([Mt 27.19](#)). O próprio Pilatos falou dele como um homem inocente ([Mt 27.24](#)). Até mesmo Judas percebeu que ele próprio havia pecado ao “trair sangue inocente” ([Mt 27.4](#)).

O que significa Cristo ser sem pecado?

A impecabilidade de Cristo significa mais do que apenas o fato de que ele nunca pecou. Há também

uma questão importante sobre se Jesus poderia ter pecado de alguma forma. Era possível para Jesus pecar? Esta questão é conhecida como a impecabilidade de Cristo, o que significa que Cristo era incapaz de pecar. A visão oposta é a pecabilidade, que afirma que Jesus poderia ter pecado, embora ele tenha escolhido não fazê-lo. Ambas as visões levantam questões importantes:

- Se Jesus não podia pecar, como ele poderia realmente ser tentado? A Bíblia nos fala sobre várias ocasiões em que Jesus enfrentou a tentação.
- Se Jesus pudesse ter pecado (mesmo que não tenha), isso significaria que Deus poderia pecar? Este é um problema porque Jesus é completamente o Filho de Deus.

Algumas pessoas dizem que Jesus poderia ter pecado como humano, mas não como Deus. Isso está errado porque as naturezas humana e divina de Jesus não podem ser separadas. Jesus não pode agir apenas como humano ou apenas como Deus. Ele é sempre ambos ao mesmo tempo. Isso fazia parte do erro dos antigos heróges nestorianos. Tudo o que Jesus faz, ele faz sendo totalmente Deus e totalmente humano.

Ser tentado e ser incapaz de pecar podem ser verdade ao mesmo tempo. Isso é difícil para nós entendermos porque somos pecadores e sabemos como é fazer o errado. A experiência de Jesus foi única. Suas tentações no deserto e ao longo de sua vida foram reais, mesmo que fosse impossível para ele realmente pecar ([Lc 22.28,39-46](#)).

Aqui está um exemplo para ajudar a explicar isso: pense em uma fortaleza que não pode ser capturada enquanto suas defesas permanecerem fortes. Mesmo que a fortaleza não possa ser derrotada, inimigos ainda podem atacá-la ferozmente. De maneira semelhante, Jesus enfrentou tentações reais, mas não pôde ser derrotado por elas porque ele é o Santo Filho de Deus".

Suas tentações foram reais. Portanto, "não temos um sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas, mas temos um que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, para que possamos receber misericórdia e encontrar graça que nos ajude no momento da necessidade" ([Hb 4.15-16](#)).

Imperador

Designação oficial do soberano romano que começou em 27 a.C. com o reinado de César Augusto; uma derivação de "rei", um título honorário de comando supremo conferido pelo Senado Romano a um de seus generais vitoriosos. Veja Césares, Os.

Império Ptolemaico

Um império nomeado em homenagem a Ptolemeu I Sóter. Ptolemeu foi um general macedônio de Alexandre, o Grande. Ele foi nomeado sátrapa (governador) do Egito logo após a morte de Alexandre em 323 a.C. O império foi mais forte durante o terceiro século a.C. Incluía o Egito, Cirenaica (Cirene), sul da Síria, Palestina, Chipre, a costa sul da Ásia Menor e algumas ilhas do Egeu. Todos os governantes do império vieram da mesma família, chamada dinastia Ptolemaica. Todo governante usava o nome Ptolemeu.

Ptolemeu I Soter

Ptolemeu travou muitas batalhas contra outros líderes que haviam governado partes do império de Alexandre. Ele venceu a maioria dessas batalhas. Em 305 a.C., ele se tornou tão poderoso que se autoproclamou rei. Mais tarde, ele ajudou a proteger a ilha de Rodes quando a Macedônia tentou tomar o controle dela. Por ter salvado Rodes, as pessoas lhe deram o nome de 'Soter', que significa 'salvador'. Hoje, usamos números para diferenciar reis com o mesmo nome (como Ptolemeu I e Ptolemeu II). No entanto, nos tempos antigos, as pessoas usavam títulos especiais em vez de números para identificar seus reis.

Em 301 a.C., Ptolemeu Soter assumiu o controle da Palestina após atacar a área quatro vezes. Sua família governaria essa terra por mais de 100 anos. Em 285 a.C., ele decidiu não ser mais rei. Ele havia construído um reino forte onde os gregos eram leais a ele. Ele também trabalhou arduamente para fazer as pazes com o povo egípcio (os habitantes originais da terra). Ele fez de Alexandria sua capital. Lá, ele construiu uma famosa biblioteca e museu e apoiou artistas e estudiosos.

Ptolemeu II

Ptolemeu II Filadelfo governou o Egito de 285 a 246 a.C. Ele viveu em um grande palácio em Alexandria, cercado por riqueza e luxo. Ele apoiou as artes e a pesquisa científica, ampliando ainda mais a biblioteca de Alexandria. Ptolemeu II também era muito poderoso, com seus navios controlando grande parte do Mar Mediterrâneo e do Mar Egeu. Ele aumentou o comércio em todo o seu reino e até construiu um canal para conectar o Rio Nilo ao Mar Vermelho, facilitando a viagem e o comércio dos navios.

Ptolemeu III

Ptolemeu III Euergetes governou de 246 a 221 a.C. Ele manteve o controle dos poderosos navios do império. No início de seu governo, venceu batalhas contra o reino Selêucida na Mesopotâmia (a região entre os rios Tigre e Eufrates). Após essas vitórias, ele não manteve o exército tão forte quanto antes. Sob Ptolemeu III, o império alcançou seu maior poder. Como seu pai, ele apoiou as artes e construiu muitos edifícios públicos e templos.

Ptolemeu IV

Ptolemeu IV Filopátor governou de 221 até cerca de 203 a.C. Ele levava um estilo de vida pouco saudável e não foi um bom governante. Sob sua liderança, o império começou a enfraquecer. A luta com o reino Selêucida continuou durante seu reinado. Em 217 a.C., o Egito venceu uma grande batalha contra o rei da Síria, Antíoco III. Para vencer essa batalha, os líderes gregos armaram os soldados egípcios. Essa decisão levou a várias rebeliões nos 30 anos seguintes, à medida que o povo egípcio começou a lutar contra seus governantes gregos.

Ptolemeu V

Ptolemeu V Epifânio tornou-se rei em 203 a.C. quando tinha apenas cinco anos de idade. Com um governante tão jovem, o Egito estava enfraquecido. Dois reis poderosos viram uma oportunidade de tomar partes do império egípcio: Antíoco III da Síria e Filipe V da Macedônia. Eles dividiram partes do império entre si. A Síria assumiu o controle da Palestina, que o Egito havia governado por mais de 100 anos. Durante esse período difícil, o Egito começou a trabalhar de perto com Roma para obter proteção. Roma ajudou o Egito porque não queria que a Síria e a Macedônia se tornassem muito poderosas.

Ptolemeu VI

Ptolemeu VI Filométor tornou-se rei em 181 a.C. quando ainda era criança. Como ele era muito jovem para governar, outras pessoas governaram o Egito por ele, o que enfraqueceu ainda mais o país. Esses governantes temporários tentaram retomar a Palestina da Síria, mas falharam. Em 170 a.C., a Síria atacou o Egito e capturou Ptolemeu VI. Roma interveio para ajudar e o recolocou no trono. Mais tarde, em 163 a.C., Ptolemeu VII tentou tomar o poder de Ptolemeu VI. Novamente, Roma ajudou Ptolemeu VI a manter sua posição como rei. As pessoas achavam que Ptolemeu VI era um bom governante porque ele era gentil e tomava decisões sábias. Muitos dizem que ele foi o melhor de todos os reis ptolomaicos.

Ptolemeu VII

Ptolemeu VII Fiscom governou o Egito de 145 a 116 a.C. Ele era muito diferente de Ptolemeu VI, que governou antes dele. Enquanto Ptolemeu VI foi bondoso e sábio, Ptolemeu VII era cruel e não se importava com seu povo. Ele também era obeso e tinha saúde precária.

O fim do império ptolemaico

Após a morte de Ptolomeu VII, a família real enfrentou muitos conflitos internos. O império tornou-se instável. Durante os anos 100 a.C., Roma começou a interferir cada vez mais nos assuntos egípcios, alegando ajudar os governantes ptolomaicos. Seguiram-se vários reis fracos. Na época de Ptolomeu XII e sua filha Cleópatra VII, Roma já havia ganhado muito controle sobre o Egito. Quando Cleópatra morreu por suicídio em 30 a.C., Roma assumiu o controle completo do Egito. Isso marcou o fim do Império Ptolemaico.

Imposição de mãos

Veja Mão.

Imposto Meio-siclo

O imposto sobre todos os judeus adultos em todo o mundo começou durante o período entre os testamentos para sustentar o templo. Foi continuado por Vespasiano como substituição romana; o imposto do templo de [Mateus 17.24–25](#).

Imposto, Tributação

Imposto é o dinheiro ou bens que nações poderosas retiravam das pessoas que viviam nelas. Esse pagamento, também chamado de tributo, geralmente incluía ouro, prata, animais, colheitas ou trabalho forçado. Governantes e sacerdotes também coletavam impostos para manter o templo.

O termo "tributo" aparece pela primeira vez em [Gênesis 49.15](#) (às vezes traduzido como "trabalho forçado"). Em [Números 31.28](#), os despojos de batalha foram divididos para incluir um tributo para os sacerdotes. Inicialmente, os hebreus davam tributo ao templo como uma oferta voluntária ao Senhor ([Dt 16.10](#)). Mais tarde, tornou-se um imposto obrigatório ([Mt 17.24](#)).

Tributos no mundo antigo

Já em 2500 a.C., os impostos influenciavam muitos aspectos da vida na cidade de Lagash, incluindo renda, casamento, divórcio e morte. Os sumérios acreditavam que a terra pertencia ao deus e ao rei, então pagavam aluguel ou uma taxa.

Tributos na Antiga Israel

No Egito, José impôs um imposto de 20% sobre os grãos durante sete anos de fartura, o que ajudou durante os sete anos de fome ([Gn 41.25–42.5](#)). Esse imposto foi possível porque o governante possuía a terra.

No Egito, José coletou 20% dos grãos durante os sete anos de fartura para se preparar para os sete anos de fome ([Gn 41.25–42.5](#)). Mais tarde, durante a fome, o povo vendeu suas terras ao Faraó, tornando-o proprietário da maior parte das terras do Egito. A partir de então, o povo cultivava a terra e dava ao Faraó um imposto de 20% sobre suas colheitas ([Gênesis 47:13–26](#)).

Reis guerreiros como Davi mantinham sua tesouraria cheia sem tributar seu próprio povo. Povos conquistados, como os cananeus, contribuíam com riquezas para a tesouraria ([2Sm 8.6–14](#); [1Cr 27.25–31](#)). Isso incluía prata, ouro, bronze, 1.700 cavaleiros e 20.000 soldados de infantaria. Davi e seus sucessores frequentemente impunham trabalho forçado a estrangeiros dentro das fronteiras de Israel ([2Sm 20.24](#); [1Rs 9.20–21](#)).

Israel provavelmente foi tributado pela primeira vez durante o reinado de Salomão. Durante esse período, a renda vinha de tributos, mas não dos despojos de guerra. Para sustentar a corte e os

grandes projetos de construção, Salomão dividiu Israel em 12 áreas. Um oficial foi colocado sobre cada área. Os oficiais forneciam alimentos e apoio para a casa do rei por um mês por ano ([1Rs 4.7](#)).

Salomão também gerou renda ao taxar caravanas de comércio que passavam por seu reino. Além disso, tanto estrangeiros quanto israelitas foram obrigados a trabalhar em grandes projetos, especialmente no templo ([1Rs 5.13; 9.20–21](#); [2Cr 8.7–8](#)). Arqueólogos encontraram alças de jarros com a frase hebraica "ao rei" estampada. Provavelmente, elas eram de grandes jarros usados para coletar mercadorias como parte de um imposto real ([2Cr 2.10](#)).

Josafá conseguiu tributar as pessoas em casa ([2Cr 17.5](#)). Ele também manteve o tributo do exterior, incluindo prata e ouro dos filisteus e 7.700 carneiros e 7.700 bodes dos árabes ([2Cr 17.11–12](#)). À medida que os impérios vizinhos se tornavam mais fortes, Judá pagava tributo. Senaqueribe, rei da Assíria, exigiu 300 talentos de prata e 30 talentos de ouro, requerendo a remoção de ouro das portas do templo ([2Rs 18.14–16](#)). Mais tarde, Faraó Neco exigiu 100 talentos de prata e um talento de ouro de Judá ([2Rs 23.33](#)). Logo depois, Nabucodonosor levou todos os tesouros do templo e do palácio, 10.000 cativos, artesãos e ferreiros, deixando poucos em Jerusalém, exceto os pobres ([2Rs 24.13–16](#)).

Tributação internacional

Os persas estabeleceram um sistema regular de impostos. Nesse sistema, os sátrapas (governadores provinciais) eram obrigados a pagar quantias fixas à Tesouraria real ([Et 10.1](#)). Artaxerxes I isentou sacerdotes, levitas e trabalhadores do templo de impostos ([Ed 7.24](#)). Um imposto adicional para a casa do governador incluía comida, vinho e 40 siclos de prata ([Ne 5.14–15](#)). Como governador, Neemias não reivindicou essa concessão de alimentos porque considerava os impostos já onerosos. As pessoas tinham que pedir dinheiro emprestado contra seus campos, vinhedos e casas para pagar "o imposto do rei". Isso significava que corriam o risco de perder suas propriedades se não conseguissem pagar os empréstimos. Dario permitiu que os judeus usassem o dinheiro dos impostos reais para reconstruir o templo ([Ed 6.7–10](#)).

Sob os Selêucidas, Ptolomeus e Romanos, a coleta de impostos mudou. O cargo de coletor de impostos era vendido ao maior lance, que então extraía o máximo de pagamentos das pessoas para construir

riqueza pessoal. Os judeus pagavam dízimos para a manutenção do templo e impostos de até um terço do grão e metade das frutas cultivadas. Eles também pagavam impostos sobre consumo, vendas e capitação.

Tributação na Lei e Prática Judaica

Além dos impostos estrangeiros, judeus em todo o mundo com 20 anos ou mais ([Ex 30.11-16](#)) pagavam meio ciclo anualmente para apoiar o templo de Jerusalém ([Mt 17.24](#)), mesmo após a destruição do templo em 70 d.C. Jesus foi questionado sobre esse imposto ([Mt 17.25](#)) e sobre a legalidade de pagar impostos a Roma ([Mt 22.17](#); [Mc 12.14-15](#); [Lc 20.22](#)). Apesar da famosa resposta de Jesus — “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” ([Mt 22.21](#); [Mc 12.17](#); [Lc 20.25](#)) — ele foi acusado perante Pilatos de proibir impostos a César ([Lc 23.2](#)). A igreja primitiva também apoiaava a legalidade da tributação como um dever cívico ([Rm 13.5-7](#)).

Veja também Dinheiro; Banqueiro, Bancos; Cobrador de impostos.

Impuro, impureza

Veja Pureza e impureza, regulamentos relacionados.

Imputação

O que é imputação?

Imputação significa cobrar uma conta. É usado na Bíblia com referência legal ao pecado e à salvação sendo registrados por Deus. O ensino sobre imputação é uma parte fundamental da fé cristã.

Embora o substantivo "imputação" não apareça na Bíblia, o verbo "imputar" é frequentemente encontrado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O significado básico de "imputar" é "registrar em um livro ou conta". No contexto da salvação, a palavra é consistentemente usada em um sentido legal. Um bom exemplo disso está em [Filemom 1.18](#), onde o apóstolo Paulo assume a dívida de Onésimo, dizendo, "se ele... lhe deve alguma coisa, ponha isso na minha conta".

Quando a Bíblia fala sobre imputar o bem ou o mal, isso não significa que o caráter moral de uma pessoa muda. Em vez disso, significa que, da

perspectiva de Deus, a justiça ou o pecado são creditados na conta de uma pessoa. No sentido mais amplo, a Bíblia ensina que tanto Deus ([Sl 32.2](#)) quanto as pessoas ([1Sm 22.15](#)) participam desse processo. Boas ações eram frequentemente creditadas para recompensa ([Sl 106.30-31](#)), enquanto más ações eram creditadas para punição ([Lv 17.3-4](#)).

Três maneiras como a Bíblia explica a imputação

A Bíblia explica a imputação de três maneiras principais:

1. O pecado original de Adão é imputado a todas as pessoas. No plano de Deus, o primeiro pecado de Adão foi atribuído a cada pessoa. Assim, todos compartilham a culpa e a penalidade desse pecado.
2. O pecado e a culpa de todas as pessoas foram atribuídos a Cristo. Embora Jesus fosse sem pecado, ele assumiu a penalidade pelo pecado.
3. A Bíblia ensina que a justiça de Cristo é atribuída aos crentes por causa de sua obra na cruz. Mesmo que os crentes não sejam perfeitamente santos, eles são justificados (declarados justos diante de Deus) perante a lei de Deus e estão "vestidos" com a justiça de Cristo.

Imputação e salvação

Paulo explicou que Cristo levou o castigo pelos pecados dos crentes na cruz. Ele escreveu que Deus “Em Cristo não havia pecado. Mas Deus colocou sobre Cristo a culpa dos nossos pecados para que nós, em união com ele, vivamos de acordo com a vontade de Deus” ([2Co 5.21](#)). Paulo também disse que Cristo assumiu a maldição da lei mosaica ([Gl 3.13](#)). Pedro, refletindo sobre [Isaías 53](#), disse que Cristo “levou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz a fim de que morrêssemos para o pecado” ([1Pe 2.24](#)). A ideia de que a culpa do mundo foi colocada sobre o Salvador sem pecado ajuda a explicar o clamor de Cristo na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ([Mt 27.46](#)).

Imputação também significa que a justiça de Cristo é creditada aos crentes. Um exemplo da vida de Abraão ilustra isso. Depois que Deus prometeu

bênçãos a Abraão, [Gênesis 15.6](#) diz que Abrão “creu em Deus, o SENHOR, e por isso o SENHOR o aceitou”. A Bíblia ensina que nenhuma pessoa possui naturalmente o nível de justiça que Deus exige ([Sl 130.3; Is 64.6; Rm 3.10](#)). Mas em seu plano de salvação, Deus fornece a justiça necessária ([Is 45.24; 54.17; Os 10.12](#)). Quando uma pessoa aceita a obra de Cristo pela fé, Deus credita a justiça de Cristo a ela.

A imputação da justiça divina aos crentes é um tema importante na Carta de Paulo aos Romanos ([Rm 3.21-5.21](#)). Paulo fala sobre a alegria de um pecador que é declarado justo ([Rm 4.6](#)). A imputação da justiça de Cristo também leva à justificação no tribunal da lei de Deus ([Rm 5.18](#)). A morte de Cristo, creditada ao pecador, é a razão para a absolvção pelo Deus santo. A Bíblia ensina que os efeitos nocivos do pecado de Adão, que foram imputados à humanidade, são revertidos para aqueles que creem em Cristo. A imputação do pecado humano a Cristo permite que sua justiça seja creditada aos crentes.

Veja também Adão (Pessoa); Cristologia; Queda do homem; Pecado.

Inácio e suas epístolas

Inácio foi bispo de Antioquia, na Síria, no final do primeiro século. Seus escritos estavam muito alinhados com os pensamentos dos escritores do Novo Testamento. Ele escreveu sete cartas enquanto era levado para Roma como prisioneiro, onde iria morrer por sua fé (provavelmente em 107 d.C.).

Ele escreveu cartas para igrejas nas cidades por onde passou, Filadélfia e Esmirna. Ele escreveu cartas para igrejas que enviaram representantes para visitá-lo durante esta jornada final — nomeadamente, Éfeso, Trales e Magnésia. Ele enviou uma carta para a igreja em Roma antes de chegar. Ele pediu que não tentassem impedir os líderes romanos de matá-lo por sua fé. Ele também escreveu uma carta para Policarpo, o bispo de Esmirna.

Essas cartas são semelhantes às do Novo Testamento. Elas revelam um forte compromisso com Cristo e com os fatos concretos de seu nascimento, morte e ressurreição. As cartas de Inácio se assemelham aos evangelhos em vários aspectos e utilizam a linguagem de várias cartas paulinas.

As cartas de Inácio são evidências do rápido desenvolvimento da estrutura episcopal na igreja primitiva da Ásia Menor e Síria. No Novo Testamento, a igreja local era governada por um corpo de oficiais iguais chamados presbíteros ou bispos. Nessas cartas, há uma referência a um único bispo governante em cada cidade, exceto Roma. Inácio é o primeiro escritor a usar o termo “católico” (significando “universal”) para descrever a igreja. Seu uso do termo mostrou que as igrejas estavam conectadas. Elas acreditavam nas mesmas coisas sobre Jesus e trabalhavam juntas. Quando uma igreja tinha problemas ou ideias, enviava pessoas para conversar com outras igrejas.

Inácio se opôs à heresia ebionita, que exigia a observância das regulamentações judaicas como caminho para a salvação. Segundo Inácio, para afirmar Cristo, o crente deve rejeitar as práticas judaicas. O cristão deve adorar no Dia do Senhor, o dia de sua ressurreição, em vez de observar os sábados judaicos. No entanto, ele via a igreja como a continuação do povo de Deus do Antigo Testamento e os profetas como discípulos que aguardavam Cristo.

Inácio também atacou o docetismo. Essa visão sustentava que Cristo apenas parecia ter um nascimento, morte e ressurreição reais. Ao recitar os fatos da vida de Cristo, Inácio foi o primeiro, fora dos escritores do Novo Testamento, a falar do nascimento virginal de Jesus. Inácio também enfatizou que os apóstolos tocaram o corpo do Senhor ressuscitado. Inácio afirmou que foi o sofrimento real de Jesus Cristo na cruz e sua ressurreição física que tornaram possível para ele enfrentar o martírio.

Incensário

Um queimador de incenso, ou incensário, é um recipiente usado para queimar incenso. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote queimava dois punhados de incenso no incensário. Ele fazia isso dentro do Lugar Santíssimo diante do Senhor ([Lv 16.12](#)). Os queimadores de incenso do tabernáculo eram de bronze ([Nm 16.39](#)). Além disso, os incensários usados pelos anjos no livro de Apocalipse eram de ouro ([Ap 8.3-5](#)).

Veja também Tabernáculo; Templo.

Incenso

Uma resina gomosa e fragrante (um líquido espesso de plantas). Pode ser moída em pó e queimada para liberar um aroma semelhante ao bálsamo. É frequentemente mencionada junto com a mirra na Bíblia ([Ct Sl 3.6; 4.6; Mt 2.11](#)). O incenso vem de árvores balsâmicas do gênero *Boswellia*. É das espécies *B. carterii*, *B. papyrifera* e *B. thurifera*. Essas árvores, que são relacionadas às árvores de terebintina, têm flores em forma de estrela que são brancas ou verdes com pontas rosadas. Para coletar a resina, é feito um corte profundo no tronco da árvore, o que libera uma goma de cor âmbar. Essas árvores eram nativas apenas de Sabá (Seba) na Arábia ([Is 60.6; Jr 6.20](#)) e da Somalilândia. Portanto, o incenso era caro. Era transportado para a Palestina por caravanas. A chamada árvore de incenso na Palestina ([Ec 50.8](#)) era provavelmente *Commiphora opobalsamum*. Sua resina era usada para produzir perfume.

O incenso era usado sozinho ou misturado com outras substâncias para incenso. Era um dos ingredientes no incenso sagrado usado para adoração no tabernáculo ([Ex 30.34](#)). Era colocado sobre o pão da Presença ([Lv 24.7](#)) e misturado com óleo nas ofertas de cereais ([Lv 2.1-2.14-16; 6.15](#)), embora não fosse incluído nas ofertas pelo pecado ([5.11](#)). O templo em Jerusalém mantinha um suprimento de incenso ([Ne 13.5.9](#)). O incenso foi posteriormente usado em cosméticos e perfumes ([Ct Sl 3.6](#)). Devido ao seu alto valor e seu uso na adoração, dar incenso como presente ao menino Jesus era considerado altamente apropriado ([Mt 2.11](#)).

Veja também Plantas.

Incenso

Especiarias e óleos fragrantes ou sacrifícios que enviam fumaça perfumada a Deus para agradá-lo.

Pessoas de todas as idades sempre apreciaram odores fragrantes. Nos tempos antigos, os sacrifícios incluíam aromas agradáveis para agradar a divindade. O aroma era um fator crucial para que o deus aceitasse a oferta. Portanto, plantas aromáticas e perfumes exóticos eram valiosos tanto para fins seculares quanto religiosos.

Especiarias e óleos preciosos eram valorizados junto com prata e ouro. A Rainha de Sabá trouxe especiarias para Salomão como presente ([1Rs 10.2](#)). O incenso era guardado na tesouraria real

([2Rs 20.13](#)). O preço das especiarias e óleos era extremamente inflacionado devido ao trabalho árduo de extração dos sucos, custos de transporte para importá-los de lugares distantes e altos lucros para os comerciantes que vendiam os perfumes.

Consequentemente, os amantes às vezes comparavam sua amada à "mirra", uma "montanha de mirra" e uma "colina de incenso" ([Ct 1.13; 4.6](#)). A fragrância do incenso criava o clima certo ([1.12](#)). Toda especiaria conhecida por um comerciante queimava ao lado do leito de Salomão ([3.6](#)). Um noivo se deleitava nos perfumes de sua amada. Ela era seu próprio jardim privado de incenso ([4.10-14](#)). Até mesmo uma prostituta queimava incenso ao lado de sua cama ([Ez 23.41](#)). Não é de se admirar que os sábios dissessem que "óleo perfumado" alegra o coração e a "doçura da amizade" conforta a alma (p. ex. [Pv 27.9](#)).

Tipos de incenso

O incenso é mencionado com frequência na Bíblia. Era importado da Índia, da Somalilândia e da Arábia Feliz. A mirra também vinha da Arábia Feliz. A canela era outra fragrância importante do Ceilão e da China. O gálbano, o tragacanto (goma) e o láudano eram todos cultivados nas montanhas da Ásia Menor. O gálbano era o mais popular desses três, pois também era encontrado no Turquestão, na Pérsia, na Síria e em Creta. A henna, o açafrão e o bálsamo vinham de plantas aromáticas nativas de Israel. Em tempos pós-exílicos, outras plantas foram introduzidas na Palestina e cultivadas lá: a rosa, o narciso e o jasmim. Onycha parece ter sido produzida a partir da fauna local, e o almíscar (muskin) pode ter sido extraído de uma glândula do cervo-almiscarado.

O incenso vinha em muitas formas. Poderia ser usado como grânulos colocados em uma bolsa pendurada no pescoço ([Ct 1.13](#)). No geral, no entanto, os perfumes estavam em forma líquida, dissolvidos em azeite de oliva. Um bom exemplo disso é o "óleo sagrado da unção" ([Ex 30.31](#)). Esses óleos eram usados para ungir os sacerdotes e reis de Israel. Somente os sacerdotes tinham permissão para prepará-los e administrá-los. O incenso continha especiarias cruas batidas até uma consistência fina e temperadas com sal para torná-las sagradas. Estacte, ônica, gálbano e incenso puro eram misturados em proporções iguais, tudo de acordo com a arte do perfumista ([Ex 30.34-37](#)). As especiarias e o incenso para o santuário eram doados como presentes ([Nm 7.14-86; Jr 17.26; 41.5](#)) e guardados no templo ([Ne 13.5.9](#)). Josefo

descreveu o incenso de sua época como um composto muito mais complicado. Ele listou 13 ingredientes no melhor incenso da era herodiana.

Oferta de incenso

A arqueologia demonstrou que as oferendas de incenso eram comuns em todo o antigo Oriente Próximo desde os primeiros tempos de culto organizado. Pinturas e relevos egípcios do Novo Reino ocasionalmente mostram um homem segurando um incensário com incenso queimando. O incenso parece ter sido usado também nos rituais da Assíria, Babilônia e Arábia. Altares cananeus encontrados em Megido e Tell Beit Mirsim possuem altares de calcário com chifres (século X a.C.) que podem ter sido projetados para segurar uma tigela de incenso. Portanto, é seguro presumir que as oferendas de incenso também desempenharam algum papel no culto de Israel desde o início.

As ofertas de incenso parecem ter servido a uma infinidade de propósitos. Elas podem ter sido usadas para afastar espíritos malignos e, assim, santificar todos os utensílios do local de adoração ([Êx 30.26-29](#)). Sem dúvida, o doce cheiro do incenso fornecia um antídoto para o odor pútrido dos sacrifícios de animais. Portanto, se Deus fosse receber um aroma agradável e, assim, ficar satisfeito com uma oferta, o incenso era necessário para compensar o cheiro dos sacrifícios. No entanto, especiarias nunca eram adicionadas à carne dos animais ou aves.

Em algumas ocasiões, o próprio incenso tornou-se um sacrifício. Como complemento a outros sacrifícios, apenas o incenso era queimado. Para aliviar uma praga, Arão realizou um ritual de queima de incenso ([Nm 16.46-47](#)). No Dia da Exiação, o sumo sacerdote carregava incenso queimando e brasas quentes em uma panela (incensário) para dentro do Santo dos Santos ([Lv 16.12-13](#)). Acreditava-se que o incenso queimando protegia a vida do sumo sacerdote, talvez porque a fumaça o impedia de ver a plena glória de Deus.

O incenso foi adicionado ao grão para ofertas no altar de holocausto ([Lv 2.1,15-16; 6.15](#)). Ele também acompanhava o pão da Presença ([24.7](#)) em dois pratos. A serpente de bronze destruída por Ezequias em sua reforma havia se tornado um objeto profano ao qual se queimava incenso ([2Rs 18.4](#)).

Exceto no Dia da Exiação, o incenso era oferecido em um altar especial ([Lv 4.7](#); cf. [Êx 30.9](#)), onde

queimava de manhã e à noite e passou a ser chamado de "incenso perpétuo" ([Êx 30.7-8](#)). Provavelmente, o altar de ouro no templo de Salomão ([1Rs 6.20-22](#)) era o altar de incenso.

Oferecer incenso era um ritual sagrado, e as pessoas que o ofereciam desrespeitando os procedimentos eram condenadas ([Lv 10.1-2](#); [Nm 16.6-50](#)). Uzias, o rei de Judá, tornou-se leproso porque ousou oferecer incenso ([2Cr 26.16-21](#)). A queima de incenso em "lugares altos" é frequentemente criticada (p. ex. [1Rs 22.43](#)), seja porque os santuários eram idólatras ou porque seus sacerdotes não cuidavam adequadamente como fazia o sacerdócio em Jerusalém. Profetas que criticaram a oferta de incenso ([Is 1.13](#); [66.3](#); [Jr 6.20](#)) o fizeram para condenar um formalismo que estava vazio de devoção ao Deus de Israel.

Significado do incenso

Como o incenso era uma mercadoria preciosa, era uma oferta adequada a Deus ([Ml 1.11](#)). As ofertas de incenso também proporcionavam uma sensação tangível da santidade de Deus, na qual o povo podia experimentar a expiação pelo pecado ([Nm 16.46-47](#)). A fumaça subindo para o céu simbolizava as orações do povo ([Sl 141.2](#); [Lc 1.10](#); [Ap 5.8](#); [8.3-4](#)). Ao mesmo tempo, a fumaça no templo simbolizava a presença de Deus, como havia sido retratada pela nuvem no deserto ([Êx 19.18](#); [33.9-10](#); [Nm 11.25](#)). Juntamente com o sol nascente, a fumaça fornecia um símbolo poderoso para a glória do Senhor ([Is 6.1-7](#)).

A importância do incenso é ainda mais destacada pelas alusões do NT. O testemunho do cristão sobre Cristo é comparado à oferta de incenso ([2Co 2.14-15](#)). O doce aroma do evangelho é contrastado com o cheiro de morte que leva à perdição. Da mesma forma, o dinheiro dos cristãos filipenses chegou a Paulo no espírito de um sacrifício de incenso ([Fp 4.18](#)), uma expressão valiosa de amor e devoção. Finalmente, o incenso parece santificar e acompanhar as orações dos santos na presença de Deus ([Ap 5.8](#); [8.3-4](#)). Nenhuma das referências do NT convoca o cristão a oferecer incenso, mas sim a aprender a devoção e dedicação à santidade representadas pela queima desta substância preciosa.

Veja também Plantas (Aloé; Bálsmo; Cálamo; Canela; Incenso; Gálbano; Henna; Hissopo; Mirra; Nardo; Árvore de estorache); Perfume; Tabernáculo; Templo.

Incesto

Relações sexuais entre parentes próximos.

O incesto é fortemente proibido em [Levítico 18](#). [Levítico 20](#) até menciona que alguns tipos de incesto devem ser punidos com a morte. A Bíblia considera o incesto uma ofensa muito grave, chamando-o de desonroso e pervertido.

Exemplos de incesto na Bíblia mostram que isso resulta de um mau caráter:

- As filhas de Ló embebedaram seu pai e dormiram com ele. Ambas ficaram grávidas ([Gn 19.30-38](#)).
- Amnom enganou e forçou-se sobre sua meia-irmã Tamar ([2Sm 13.1-22](#)).
- Paulo criticou fortemente o incesto que acontecia na igreja de Corinto ([1Co 5.1-5](#)), mostrando que ainda era errado nos tempos do Novo Testamento.

Relação de sangue, ou consanguinidade, é uma das razões para o contato sexual ilegal. Isso se aplica, por exemplo, a irmãos e irmãs, pais e filhos, avós e netos, assim como a algumas tias, tios, sobrinhos e sobrinhos. [Levítico 18](#) também proíbe sexo com parentes por casamento (afinidade) e algumas tias e tios. No antigo Israel, havia uma exceção: um homem poderia se casar com a viúva de seu irmão falecido se ela não tivesse filho ([Dt 25.5-10](#)).

Embora existam razões genéticas para evitar o incesto entre parentes consanguíneos, o principal problema é que isso prejudica as famílias. Como as famílias são centrais para o trabalho de Deus na Terra, Ele julga o incesto de forma muito severa. As famílias não podem sobreviver quando há má conduta sexual entre seus membros.

Incircuncisão

É a condição natural do homem, ou seja, com o prepúcio cobrindo o pênis. Como os judeus, entre muitos outros povos, removiam isso cirurgicamente como um sinal de sua aliança com Deus ([Gn 17.9-14](#); [Êx 12.48](#); [Lv 12.3](#)), o termo passou a designar “não judeu” ou “gentio” (filisteus, gregos e romanos não circuncidavam, mas egípcios e muitos povos semitas sim). Por extensão, conotava “aqueles fora da aliança”.

O termo “incircuncisão” ocorre 20 vezes no NT, geralmente significando simplesmente “gentio”, em oposição a judeu. Paulo argumenta fortemente contra fazer tais distinções. Para Paulo, a atitude do coração de alguém em relação a Deus é muito mais importante do que a lei ritual, que não tem nada a ver com sua salvação ([Rm 2.25-27](#)). Abraão se tornou um crente e foi justificado por Deus enquanto estava incircunciso, então a circuncisão não tem nada a ver com sua salvação ([3.30](#); [4.9-12](#)). Anteriormente, os gentios eram excluídos do povo de Deus ([Ef 2.11-12](#)), mas agora os crentes judeus e não judeus (gentios) se tornaram um em Cristo ([Gl 2.7](#); [5.6](#); [6.15](#); [Cl 3.11](#)). Paulo se recusa a ceder àqueles que exigem circuncisão para a plena membresia na igreja.

Em uma passagem ([Cl 2.8-15](#)), Paulo fala da incircuncisão metaforicamente, significando o estado não regenerado de uma pessoa. Aqui, a incircuncisão é equivalente à “carne” (significando o impulso maligno ou estado natural de alguém). Assim como a carne literal é cortada no rito da circuncisão, essa “carne” é cortada por Cristo no momento da conversão, como simbolizado no batismo. A pessoa batizada é purificada da “impureza”, assim como um não judeu circuncidado é purificado da impureza incircuncisão anterior.

Veja também Circuncisão.

Índia

Uma terra oriental de fronteiras geográficas inconsistentes nos tempos bíblicos. A Bíblia menciona a Índia apenas em [Ester 1.1](#) e [8.9](#). O império de Assuero se estendia de Hodu a Cuxé. O termo “Hodu” parece vir de uma palavra persa antiga, Hindush. Estava relacionado a uma palavra sânscrita, Sindhu, que significa “corrente”, ou seja, o rio Indo. Inscrições da Pérsia mostram que a Índia era uma província do Império Aquemênida de 559 a 330 a.C. Isso apoia as declarações bíblicas em Ester. Até mesmo o historiador grego Heródoto no século V a.C. parece ter sido mal informado sobre a Índia (*Guerras Persas* 3.94-106; 4.40, 44). Algumas lendas e tradições hebraicas mencionam judeus na Índia nos dias do rei Salomão. Alguns intérpretes sugeriram que o rio Pisom na terra de Havilá pode se referir à Índia ([Gênesis 2.11](#)). Alguns dizem que bens de Ofir, como sândalo (“madeira de almug”, [1 Reis 10.11](#); [2 Crônicas 2.8](#)), marfim e macacos, eram de origem indiana. Além disso, alguns dos itens transportados por mercadores para Tiro,

como presas de marfim e ébano ([Ezequiel 27.15](#)), podem ter vindo da Índia.

O Novo Testamento não faz referência à Índia. No entanto, escritos judaicos de antes e depois do Novo Testamento referem-se à terra. Estes incluem os Targuns sobre Ester, os Midraxe e o Talmude. Foi somente após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., que a Palestina e a Europa começaram a escrever sobre a Índia. [1 Macabeus 6.37](#) diz que os exércitos selêucidas usavam elefantes de guerra (que possivelmente eram da Índia), montados por condutores indianos no segundo século a.C. [1 Macabeus 8.8](#) afirma que os romanos forçaram Antíoco III a se render.

O valor da Índia é incerto devido a questões textuais. Além disso, não há prova de que o Império Selêucida se estendeu até a Índia. No entanto, os romanos comercializavam na Índia via Egito e o Mar Vermelho. Isso torna a falta de referências no Novo Testamento estranha. À medida que os séculos cristãos passaram, referências apareceram tanto na literatura judaica quanto na cristã primitiva. É certo que, no início da era cristã, havia assentamentos de judeus e cristãos monofisitas na Índia. O monofisismo é a crença de que Jesus Cristo tinha apenas uma natureza, que era divina, em vez de ambas as naturezas humana e divina. Segundo a lenda, foi o apóstolo Tomé quem levou o evangelho à Índia e fundou a Igreja Mar Toma.

Inferno

Lugar de futura punição para os mortos perdidos, impenitentes e ímpios.

Resumo

- Definição e descrição
- Termos Bíblicos
- A justiça da punição eterna

Definição e descrição

O Inferno é o destino final dos incrédulos e é descrito de várias maneiras pelas figuras de uma fornalha de fogo, fogo eterno, punição eterna ([Mt 13.42,50; 25.41,46](#)); trevas, o lugar de pranto e tormento ([8.12](#)); o lago de fogo, a segunda morte ([Ap 21.8](#)); um lugar para o diabo e seus demônios ([Mt 25.41](#)). Evidentemente, aqueles que estão no inferno experimentam a separação eterna do Senhor, nunca verão a glória de seu poder ([2Ts](#)

[1.9](#)). Aqueles que adoravam a besta estarão sujeitos a tormento contínuo ([Ap 14.10-11](#)).

Outras expressões que indicam que o estado final dos ímpios é eterno são estas: “mas queimarão a palha no fogo que nunca se apaga” ([Mt 3.12](#)); “Ali os vermes que devoram não morrem, e o fogo nunca se apaga.” ([Mc 9.43,48](#)); há pecado que “não será perdoado, nem agora nem no futuro” ([Mt 12.32](#), NTLH). Quando as Escrituras são entendidas corretamente, não há nenhuma sugestão em qualquer lugar do término do terrível estado dos incrédulos no inferno. Sua condenação é interminável; há uma finalidade solene sobre sua condição miserável. (É significativo que as declarações mais descriptivas e conclusivas sobre o inferno venham dos lábios de Jesus).

Um resumo do que as Escrituras falam do inferno indica que há a perda e ausência de todo o bem, e a miséria e tormento de uma consciência maligna. O aspecto mais aterrorizante é a separação completa e merecida de Deus e de tudo o que é puro, santo e belo. Além disso, há a consciência de estar sob a ira de Deus e de suportar a maldição de uma sentença justa por causa dos pecados que foram consciente e voluntariamente cometidos.

Embora as descrições bíblicas do inferno sejam declaradas em termos muito físicos e literais, o caráter essencial do inferno não deve ser concebido ou limitado a designações como o verme que devora, as chicotadas que são infligidas, a queima ou ser consumido pelo fogo. Esta afirmação não diminui o horror ou a gravidade da situação no inferno, porque nada poderia ser pior do que a separação de Deus e o tormento de uma consciência maligna. O inferno é o inferno para aqueles que estão lá essencialmente porque eles estão completamente separados de Deus, e onde quer que haja separação de Deus, sempre há separação dos semelhantes. Esta é a pior punição possível à qual qualquer um poderia estar sujeito: ser total e irrevogavelmente separado de Deus e estar em inimizade com todos aqueles que estão ao redor de si. Outra consequência dolorosa de tal condição é estar em conflito consigo mesmo — dilacerado de dentro para fora por um senso de culpa e vergonha. Esta condição é de conflito total: com Deus, os próximos e a si mesmo. Isto é o inferno! Se as descrições de inferno são figurativas ou simbólicas, as condições que elas representam são mais intensas e reais do que as figuras de linguagem pelas quais elas são expressas.

Punição pelo pecado é um ensino persistente da Bíblia. A doutrina do julgamento é tão extensa

quanto o próprio Cânon. Passagens típicas sobre o assunto são [Gênesis 2.17; 3.17-19; 4.13](#); [Levítico 26.27-33](#); [Salmo 149.7](#); [Isaías 3.11](#); [Ezequiel 14.10](#); [Amós 1.2-2.16](#); [Zacarias 14.19](#); [Mateus 25.41, 46](#); [Lucas 16.23-24](#); [Romanos 2.5-12](#); [Gálatas 6.7-8](#); [Hebreus 10.29-31](#); e [Apocalipse 20.11-15](#).

Termos bíblicos

A palavra hebraica “Sheol” no AT é predominantemente usada para “o túmulo, o fosso, o lugar dos mortos” ([Gn 37.35](#); [Jó 7.9](#); [14.13](#); [17.13-16](#); [Sl 6.5](#); [16.10](#); [55.15](#); [Pv 9.18](#); [Ec 9.10](#); [Is 14.11](#); [38.10-12, 18](#)). Não parece haver uma distinção muito clara no AT entre o destino final dos bons e os maus. Todos eles vão igualmente para o túmulo, para o mundo abaixo, um mundo de tristeza, cansaço, trevas, decadência e esquecimento, onde se está longe de Deus ([Jó 10.20-22](#); [Sl 88.3-6](#)), ainda acessível a ele ([Jó 26.6](#); [Sl 138.8](#); [Am 9.2](#)). É um lugar caracterizado pelo silêncio ([Sl 94.17](#); [115.17](#)) e descanso ([Jó 3.17](#)). Outros textos, no entanto, parecem sugerir algum aspecto de consciência, esperança e comunicação no Sheol ([Jó 14.13-15](#); [19.25-27](#); [Sl 16.10](#); [49.15](#); [Is 14.9-10](#); [Ez 32.21](#)). Alguns textos parecem sugerir a ameaça do julgamento divino após a morte ([Sl 9.17](#); [55.15](#)). Em geral, o Sheol era considerado com desalento e agouro ([Dt 32.22](#); [Is 38.18](#)).

Não foi até o tempo da literatura judaica pós-canônica, os escritos que foram desenvolvidos entre o fim do AT e o início dos tempos do NT, que distinções claras foram feitas entre os destinos finais dos justos e dos injustos. A ideia de divisões separadas dentro do Sheol para os bons e os maus foi desenvolvida. É inconfundível que havia no pensamento judaico, como refletido em todo o AT, uma crença em um futuro e existência continuada além da morte, por mais sombrio e indefinido que fosse o conceito.

A palavra grega “hades” no NT é usada de forma muito semelhante a “Sheol” no AT. Foi, na verdade, usada pelos tradutores da Septuaginta, a versão grega do AT, para Sheol. Designava, em geral, o lugar ou estado dos mortos, do túmulo, ou da própria morte. Em algumas versões, a palavra não é traduzida, mas é transliterada simplesmente como “hades”. O NT nem sempre é muito explícito sobre o significado do hades, além do que acabou de ser descrito. O uso da palavra muitas vezes não revela muito sobre a condição específica dos mortos. Há algumas passagens, no entanto, que indicam um avanço distinto sobre o uso do Sheol no AT. Uma passagem do NT definitivamente

descreve hades como um lugar de maldade e punição dos ímpios, e pode ser apropriadamente traduzida como “inferno” ([Lc 16.23](#)). Em todos os outros casos, hades indica nada mais do que o lugar dos mortos.

A palavra grega “Geena” é usada em vários textos do NT para designar o lugar ardente para a punição dos pecadores e muitas vezes é traduzida como “inferno” ou “o fogo do inferno” ([Mt 5.22,29-30](#); [10.28](#); [18.9](#); [23.15,33](#); [Mc 9.43,45,47](#); [Tg 3.6](#)). Geralmente é usada em conexão com o julgamento final e muitas vezes tem a sugestão de que a punição mencionada é eterna. Geena é derivada por transliteração do hebraico do AT “vale de Hinom” ou o “vale do filho de Hinom”, um desfiladeiro no lado sul de Jerusalém. Este vale era o centro da adoração idólatra em que as crianças eram queimadas pelo fogo como uma oferta ao deus pagão Moloque ([2Cr 28.3](#); [33.6](#)). No tempo de Josias, tornou-se um lugar de abominação, poluído pelos ossos e lixo de homens mortos ([2Rs 23.10-14](#)) e pelo entulho e sujeira de Jerusalém jogados lá. Um fogo queimava continuamente neste vale. Assim, tornou-se um símbolo dos fogos intermináveis onde os perdidos são consumidos em tormento. Era um símbolo de julgamento a ser imposto aos idólatras e desobedientes ([Jr 7.31-34](#); [32.35](#)).

Outra palavra grega usada para designar inferno ou “as regiões inferiores” é “Tártaro” ([2Pe 2.4](#)), uma palavra clássica para o lugar de punição eterna. O apóstolo Pedro a usa para os anjos caídos que foram lançados no inferno, “os jogou no inferno e os deixou presos com correntes na escuridão, esperando o Dia do Julgamento” (NTLH).

Como observado acima, há, além desses termos, as frases muito explícitas e vívidas que ensinam claramente a doutrina do inferno, como desenvolvida no início deste artigo. A doutrina bíblica é determinada muito mais por essas frases decisivas do que pelos termos um pouco indecisos, mas frequentemente usados “Sheol” e “hades”.

A justiça da punição eterna

É difícil para nós entendermos o julgamento justo de um Deus santo que, por um lado, odeia todo o mal, mas, por outro lado, ama os malfeitos o suficiente para sacrificar seu único Filho por sua salvação do pecado. A ira divina é a reação necessária de um Deus santo que odeia tudo o que é contrário à sua natureza justa. Quando a única solução para o pecado humano é rejeitada e todos os apelos de um Deus amoroso e buscador para a

reconciliação dos pecadores rebeldes são rejeitados, não há outro caminho de ação que o próprio Deus possa seguir, senão entregar o pecador para seu destino autoescolhido. A punição pelo pecado é então a resposta inevitável e inescapável da santidade ao que é moralmente oposto, e deve continuar enquanto a condição pecaminosa que a exige continuar. Não há nenhuma indicação em lugar algum nas Escrituras de que os pecadores perdidos sejam capazes de arrependimento e fé. Se nesta vida eles não se afastaram do pecado e receberam a Cristo como Salvador com todas as circunstâncias e oportunidades favoráveis que lhes foram dadas na terra, não é razoável pensar que eles o farão na vida porvir. A punição não pode chegar a um fim até que a culpa e o pecado cheguem ao fim. Quando o pecador em última análise resiste e rejeita a obra do Espírito Santo pelo qual ele está convencido de pecado, não resta mais possibilidade de arrependimento ou salvação. Ele cometeu um pecado eterno ([Mc 3.29](#); [Ap 22.11](#)), que merece a punição eterna.

A impossibilidade de fé e arrependimento no inferno é vista também da realidade trágica da vontade depravada, condicionada e determinada por sua repetida rebelião contra Deus. O pecado se reproduz na vontade, e o caráter tende a se tornar irrevogavelmente fixo. Deus responde ao pecado sem fim com a contraparte necessária da punição sem fim.

Se a pergunta for feita, como um Deus amoroso pode enviar pessoas para um inferno eterno? deve ser respondido que Deus não escolhe este destino para as pessoas; elas o escolhem livremente para si mesmas. Deus simplesmente concorda em seu caminho autoescolhido e revela as consequências completas de sua escolha maligna. Deve-se sempre ser lembrado que Deus não é apenas amoroso; ele também é santo e justo. Deve haver alguma consideração adequada com a justiça no universo, onde uma revolta contra Deus trouxe consequências malignas de proporções enormes.

Embora a duração da punição no inferno seja eterna para todos os que escolheram esse destino para si, há graus de punição proporcionais aos graus de iniquidade de cada indivíduo. Apenas Deus é capaz de determinar quais são esses graus, e ele atribuirá as consequências com justiça perfeita de acordo com a responsabilidade de cada um. Evidências de tais graduações na punição futura são encontradas nas Escrituras ([Mt 11.20-24](#); [Lc 12.47-48](#); [Ap 20.12-13](#); cf. [Ez 16.48-61](#)). Uma

comparação óbvia é feita nesses textos entre as diferentes intensidades de punição que estão envolvidas nos privilégios, conhecimento e oportunidades contrastantes.

De tudo o que foi dito, deveria ser óbvio que uma variedade de visões não-bíblicas deve ser descartada, por mais atraentes que elas possam ser apresentadas por seus defensores e por mais populares que elas possam ser de tempos em tempos. Entre essas visões estão as doutrinas errôneas, mas às vezes persuasivas, do universalismo, aniquilacionismo e a segunda graça. O universalismo promove o conceito de que Deus salvará a todos no final. O aniquilacionismo ensina que o inferno não é um lugar de sofrimento consciente, mas de extermínio final. E a segunda graça é uma noção de que as pessoas podem ser libertas do inferno. Deve-se sempre ser lembrado que a Bíblia é nossa regra de fé para a doutrina do inferno, por mais difícil que a doutrina possa parecer por razão natural ou por sentimento humano. As Escrituras não deixam dúvida sobre a natureza terrível e a duração eterna do inferno. A rejeição ou negligência desta doutrina terá efeitos terríveis sobre a missão da igreja.

Veja também “Seio de Abraão”; Morte, Lugar de; Morte; Geena; Hades; Estado intermediário; Sheol; Ira de Deus.

Infértil

Uma palavra usada para descrever alguém que não tem filho ou filhos. *Veja Esterilidade.*

Iniquidade

Iniquidade é um termo usado na Bíblia para descrever atos graves de transgressão ou pecado.

Veja Pecado.

Iniquidade

Iniquidade é realizar o que é moralmente errado ou maligno. A Bíblia utiliza essa palavra para descrever ações e atitudes que contrariam os mandamentos de Deus. Iniquidade é uma forma de descrever o pecado. Está intimamente ligada ao mal, que significa qualquer coisa prejudicial, corrupta ou contrária ao que é bom.

Veja Pecado; veja também Mal.

Inlá

Pai de Micaías, um profeta durante o reinado do rei Acabe, a quem o rei desprezava por falar a verdade ([1Rs 22.8-9; 2Cr 18.7-8](#)).

Inocentes, Massacre dos

A matança de Herodes, o Grande, de todos os meninos menores de dois anos em Belém e na área circundante ([Mt 2.16-18](#)). Herodes massacrou “os santos inocentes” em um esforço para destruir a criança sobre a qual os magos lhe haviam falado.

Embora Mateus não explique por que Herodes agiu assim, outros historiadores nos informam que Herodes era extremamente ciumento de seu poder como rei. Ele temia tanto sua própria família como rivais ao ponto de mandar matar sua esposa e vários de seus filhos. No reino de Herodes, muitas pessoas aguardavam e falavam sobre a vinda de um messias. Algumas até afirmavam ser o Messias. Um messias é um salvador ou líder prometido. Na crença judaica, o messias seria enviado por Deus para ajudar o povo judeu. O próprio Herodes fez essa associação com a busca dos magos por aquele que nasceu “Rei dos Judeus” ([Mt 2.2](#)).

Além de sua instabilidade, Herodes sofria de uma forma dolorosa de arteriosclerose (o endurecimento das artérias). Isso tornava o rei propenso a acessos de delírio e raiva.

Mateus provavelmente tinha várias razões para incluir a história em seu evangelho.

1. Seu uso segue o padrão de Mateus de citar profecias do Antigo Testamento. Neste caso, Mateus cita [Jeremias 31.15](#).
2. O incidente explica a estadia da família de Jesus no Egito e sua posterior fixação em Nazaré ([Mt 2.13-15.19-23](#)).

Inra

Filho de Zofa, um chefe da tribo de Aser ([1Cr 7.36,40](#)).

Inri

1. Antepassado de Utai, um dos judeus pós-exílicos da tribo de Judá ([1Cr 9.4](#)). Na genealogia de [Neemias 11.4](#), Inri e Amarias são provavelmente a mesma pessoa.
2. Pai de Zacur, um dos que reconstruíram o muro de Jerusalém ([Ne 3.2](#)).

Inscrição de Beistum

Uma grande escultura em rocha da antiga Pérsia esculpida na encosta do Monte Beistum. Está escrita em três idiomas:

- Persa antigo
- Elamita
- Acadiano

É um registro das realizações de Dario I, rei do Império Persa. Ela fornece a chave para a compreensão da escrita cuneiforme (um antigo sistema de escrita que utilizava marcas em forma de cunha) na qual várias dessas línguas antigas eram escritas.

Veja Inscrições.

Inscrição de Gálio

Uma inscrição grega datada encontrada em Delfos, Grécia, identifica Gálio como procônsul (governador) e estabelece a época da primeira visita de Paulo a Corinto (cp. [At 18.12-17](#)).

Veja Cronologia da Bíblia (Novo Testamento); Inscrições.

Inscrição de Siloé

Uma inscrição em hebraico no túnel de Siloé, também conhecido como túnel de Ezequias, marcou o progresso da construção enquanto estava sendo feito.

Veja: Siloé, Tanque de.

Inscrições

Termo usado para se referir à escrita no mundo antigo, feita em materiais de natureza permanente, como pedra ou argila, em vez de substâncias comuns e impermanentes, como papiro ou pergaminho.

Resumo

- Apresentação.
- Inscrições em monumentos.
- Registros históricos.
- Comunicados oficiais.
- Dedicatórias.
- Correspondência.
- Decorações de piso com mosaico.

Introdução

Há referências ocasionais a inscrições na Bíblia; p. ex. os Dez Mandamentos foram inscritos em pedra ([Ex 31.18](#)) e dados a Moisés, e mais tarde escritos por Josué em pedra e colocados no monte Ebal perto de Siquém ([Js 8.32](#)). Nas escavações em Siquém, G. E. Wright encontrou uma grande pedra preparada para receber uma inscrição que ele datou da época de Josué com base em critérios estratigráficos. Ela ainda pode ser vista no local. Uma mensagem da mão de Deus para o rei babilônico Belsazar foi inscrita nas paredes de seu palácio ([Dn 5.5.24](#)). Paulo observou um altar com a inscrição "ao deus desconhecido" no mercado de Atenas ([At 17.23](#)). O livro de Apocalipse fala dos nomes das 12 tribos dos filhos de Israel sendo inscritos nos portões da cidade celestial ([Ap 21.12](#)).

Inscrições no mundo antigo podem ser encontradas em quase qualquer idioma e de qualquer período da história: egípcio, babilônico, persa, grego, latim, hebraico, aramaico, nabateu, moabita, e assim por diante. Já foi popular argumentar que Moisés não poderia ter escrito o Pentateuco porque a escrita não havia sido inventada tão cedo. Inscrições encontradas nas minas de turquesa de Serabit el-Khadim, datadas do século XV a.C., refutaram essa alegação. Além disso, pode-se notar que tábua de argila encontradas em Ras Shamra por Claude Schaeffer, datadas de cerca de 1400 a.C., demonstram um considerável período de atividade literária, assim como as tábua em Ebla de aproximadamente 1.000 anos antes.

Inscrições podem ser encontradas em quase qualquer posição ou lugar, mas os locais mais comuns são nos pisos de sinagogas, edifícios de igrejas e mesquitas; os pavimentos de fóruns; as paredes de edifícios públicos; pedras e estátuas dedicatórias; estelas e placas monumentais; túmulos e sarcófagos; e marcos romanos. Uma lista exaustiva é impossível, mas algumas amostras representativas ilustrarão os vários tipos de material inscricional existentes.

Inscrições em monumentos

O faraó egípcio Merneptá celebrou sua vitória sobre os Povos do Mar no século XIII a.C. ao inscrever uma estela de granito preto com o registro de sua vitória. Ela contém a mais antiga referência conhecida a Israel fora da terra da Palestina: "Israel jaz desolada".

O rei israelita Onri ([1Rs 16.16-30](#)) é mencionado em um texto esculpido na língua moabita em uma pedra datada do final do reinado do rei moabita Mesa, por volta de 830 a.C. Foi encontrada em Diban (Dibom no AT) em 1868 e contém um registro da bem-sucedida rebelião do rei contra a opressão israelita.

Outra inscrição monumental foi encontrada na Pérsia, esculpida na encosta íngreme do Monte Behistun. É um registro trilíngue (Persa Antigo, Elamita, Acádio) das façanhas de Dario I, fornecendo a chave para desvendar o mistério da escrita cuneiforme, na qual várias dessas línguas antigas foram escritas.

O rei assírio Salmanaser III deixou um registro de suas primeiras seis campanhas de conquista inscrito em um monólito encontrado em 1861 em Curque, no rio Tigre. A pedra é esculpida na frente e atrás em cuneiforme, que está escrito sobre um baixo-relevo do rei. Este mesmo rei deixou um obelisco de pedra preta, com dois metros de altura, retratando seus triunfos sobre vários outros reis, entre os quais está Jeú, rei de Israel, retratado no segundo painel de cima para baixo, prostrando-se diante do monarca assírio. Esta é a imagem mais antiga disponível de um israelita e a única representação conhecida de um rei israelita por um contemporâneo. A inscrição acima da imagem diz: "O tributo de Jeú, filho [descendente] de Onri ...". Esta inscrição é datada de meados do século IX a.C.

Registros históricos

Frequentemente na região da Mesopotâmia, reis antigos registravam eventos importantes ou

proclamações em pedra ou argila. Um exemplo notável é o prisma de argila contendo a edição final dos Anais de Senaqueribe, datada de 691 a.C. É hexagonal, com 15 polegadas (38,1 centímetros) de altura e 6 polegadas (15,2 centímetros) de largura, e escrito em todas as faces em escrita cuneiforme. A inscrição fala de “Ezequias, o Judeu (rei de Judá), que não se submeteu ao meu jugo... Como um pássaro enjaulado, eu o tranquei em Jerusalém, sua cidade real” (cf. [2Rs 18; Is 36-39](#)).

Embora nenhum dos anais comparáveis aos produzidos pelos reis assírios tenha sobrevivido entre os babilônios, temos algumas crônicas escritas em tabuletas de argila cobrindo os anos de 626 a.C. até a queda de Babilônia para Ciro em 539. Uma delas, a Crônica Babilônica, fornece a data exata de 16 de março de 597 a.C. para a queda de Jerusalém para o rei babilônico Nabucodonosor (cf. [2Rs 24.10-17](#)).

A própria Babilônia caiu para Ciro, o Medo, rei da Pérsia, em 539. O evento não é apenas mencionado na Bíblia ([Ed 1.1-3](#)), mas também é descrito em um cilindro de argila em forma de barril com nove polegadas (22,9 centímetros) de comprimento, escrito em escrita cuneiforme, durante o reinado de Ciro. Refere-se à sua política que permitia que nações cativas reconstruissem suas cidades e templos. Isso explica seu incentivo e ajuda financeira aos judeus para retornarem a Jerusalém e reconstruírem o templo de Salomão que Nabucodonosor havia destruído ([Ed 1.2-4](#)).

Os faraós egípcios costumavam registrar suas façanhas em escrita hieroglífica nas paredes de templos e tumbas. Esses registros geralmente eram entalhados na pedra e depois pintados. Um dos mais interessantes é a descrição de Sisaque sobre sua invasão à terra de Israel, entalhada na parede sul de um pátio do templo de Amon em Carnaque. A inclusão de Megido, assim como outras cidades em Israel, entre as mais de 75 cidades cujos nomes ainda podem ser lidos, acrescenta interesse histórico ao relato bíblico da invasão e conquista de Sisaque de Jerusalém e das “cidades fortificadas de Judá” ([1Rs 14.25-26; 2Cr 12.2-10](#)). Descobertas arqueológicas confirmam uma destruição e queima da cidade nessa época.

Anúncios oficiais

Quando um monarca antigo ou funcionário público queria publicar um anúncio com algum grau de permanência, ele era esculpido em pedra ou colocado em mosaico. Uma inscrição em uma placa de mármore datada do reinado de Cláudio (d.C. 41-

54) foi encontrada em 1878, originária da cidade de Nazaré. Ela contém um aviso contra o roubo de túmulos ou qualquer outra profanação de cemitérios. A penalidade para tal violação era a morte. A inscrição pode refletir alguns dos problemas que Cláudio teve em Roma em relação à pessoa de Cristo (Suetônio, *Cláudio* 25) que levaram à expulsão dos judeus da cidade capital ([At 18](#)). A questão deve ter sido a ressurreição de Cristo, conforme proclamado em Roma.

Anúncios foram colocados até mesmo em templos. Josefo mencionou um pequeno muro ao redor do templo judaico em Jerusalém que continha placas de pedra em intervalos regulares, avisando em grego e latim aos gentios que entravam no templo (*Guerra* 5.193-34; 6.125-26; *Antiguidades* 15.417). Dois exemplos fragmentários foram encontrados. Um descoberto por Clermont-Ganneau em 1871 diz: “Nenhum estrangeiro deve entrar dentro da balaustrada e do aterro ao redor do santuário. Quem for pego será responsável por sua própria morte que se seguirá”. Os romanos permitiam que os judeus executassem qualquer pessoa, até mesmo um romano, que ultrapassasse essa barreira (*Guerra* 6.126).

Uma inscrição importante encomendada pelo Imperador Cláudio foi encontrada no início do século 20 em Delfos, Grécia. Ela foi escrita em grego e menciona Gálio como procônsul, com uma data que pode ser estabelecida como 51-52 d.C. para seu mandato. Este Gálio é o procônsul diante de quem Paulo foi levado pelos judeus de Corinto ([At 18.12-17](#)). Portanto, é extremamente importante para estabelecer a data da estadia de 18 meses de Paulo em Corinto, sendo uma data crucial para a cronologia paulina em geral. A inscrição é um anúncio imperial aos cidadãos de Delfos sobre a necessidade de aumentar a população da cidade com pessoas eminentes.

O nome Pôncio Pilatos apareceu em uma inscrição em latim esculpida em uma pedra encontrada no teatro romano em Cesareia Marítima, na costa de Israel. Refere-se a ele, em palavras parcialmente danificadas, como prefeito e contém o nome Tiberium, que designa uma estrutura construída em homenagem ao Imperador Tibério.

Dedicatórias

Inscrições eram comumente colocadas em paredes ou pisos de edifícios ou anexadas a alguma outra estrutura, dedicando o edifício concluído. Uma inscrição foi gravada na parede de um longo túnel construído pelo rei judeu Ezequias em Jerusalém

quando o túnel foi concluído ([2Rs 20.20](#)). Está em hebraico e agora está no museu de Istambul. Uma das inscrições mais antigas que temos nessa língua descreve a construção do túnel de Siloé.

Na cidade de Corinto, na Grécia, há uma inscrição dedicatória gravada no pavimento de uma praça no lado norte do grande teatro. A inscrição latina abreviada diz: *Erasto pro aedilitate sua pecunia stravit* ("Erasto, em troca de sua edilidade, pavimentou à sua própria custa"). O bronze há muito foi removido das letras profundamente gravadas no calcário cinza Acrocórintio. Este é provavelmente o mesmo "Erasto, o tesoureiro da cidade" mencionado por Paulo em [Rm 16.23](#). Uma inscrição semelhante da ágora coríntia dos dias de Paulo diz: "Gnaeus Babbius Philinus, edil e pontífice, mandou erger este monumento à sua própria custa, e o aprovou em sua capacidade oficial como duúnviro".

Uma inscrição dedicatória monumental em grego foi encontrada em Jerusalém durante escavações em 1913–14, que esteve na parede de uma sinagoga do século I d.C. no Monte Ofel. Ela se refere a um Teódoto, filho de um dirigente da sinagoga chamado Vettenos, que construiu a sinagoga. Como o nome Vettenos é romano, é possível que Teódoto fosse um escravo judeu que foi libertado e recebeu o nome romano de seu mestre. Se for assim, esta inscrição pode ter estado pendurada na "sinagoga dos libertos" em Jerusalém ([At 6.9](#)).

O Museu Britânico contém uma parte de um arco quebrado que ficava sobre uma entrada na cidade grega de Tessalônica desde o primeiro século d.C. até 1867, quando foi demolido para fornecer pedra para o reparo da vasta muralha da cidade. A inscrição começa: "No tempo dos politarcas..." Esta é uma palavra rara que se refere a oficiais romanos e é usada no livro de Atos ([At 17.6](#)) em referência às autoridades da cidade de Tessalônica. Esta palavra não é encontrada em nenhum outro lugar na literatura grega.

Correspondência

No segundo milênio antes de Cristo, era prática comum escrever correspondências em pequenas tábua de argila. Mais de meio milhão foram encontradas em Mari, Nuzi, Nínive, Ebla e em outros lugares. Exemplos interessantes de tal correspondência podem ser encontrados em um grande número de tábua de argila descobertas em Tell el-Amarna, no Alto Egito. Elas foram escritas na língua babilônica usando a escrita cuneiforme

durante o tempo em que Aquenáton estava fascinado com sua reforma da arte e religião egípcia em sua nova capital Tell el-Amarna (Akhetaten), e a Palestina e a Síria foram deixadas à mercê de saqueadores chamados Habiru nos documentos. Muitas dessas tábua são escritas de cidades em Canaã sob ataque e pedem ajuda ao Faraó, de quem eram vassalos nessa época (final do século 14 a.C.). Alguns acreditam que esses Habiru eram os antigos hebreus que invadiram a terra sob a direção de Josué.

Às vezes, a correspondência era escrita com tinta em pedaços quebrados de cerâmica (cacos) chamados ostraca. Em 1935, 18 desses foram encontrados nas escavações em Laquis, no sul de Israel. Eles estão escritos em hebraico e fornecem exemplos do tipo de escrita usada pelos judeus na época de Jeremias. A linguagem é essencialmente idêntica ao hebraico do Antigo Testamento. As cartas foram enviadas por Hosha'yahu, um oficial encarregado de uma cidade próxima, para Ya'osh, o governador militar de Laquis, durante a invasão da Judeia pelos babilônios, que terminou com a destruição do templo em Jerusalém em 586 a.C.

Onze desses cacos de cerâmica foram encontrados em Masada, na margem ocidental do Mar Morto, durante escavações conduzidas por Yigael Yadin de 1963 a 1965. Masada foi destruída pelo exército romano sob o comando de Flávio Silva em 73 d.C. Novecentos e sessenta homens, mulheres e crianças cometem suicídio em vez de se renderem aos romanos. Dez homens foram escolhidos para cortar a garganta dos que restaram. Eles tiraram sortes para essa tarefa angustiante, de acordo com Josefo (*Guerra* 7.395), e o professor Yadin acredita que os ostraca encontrados foram usados nesse sorteio. Um deles continha o nome de Ben Yair, que provavelmente era Eleazer Ben Yair, o comandante da fortaleza.

Decorações de piso com mosaico

Nos períodos Romano e Bizantino, era comum decorar os pisos de basílicas, banhos, sinagogas, igrejas e outros edifícios públicos com elaboradas tesselações contendo inscrições e obras de arte. Escavações em 1972 revelaram um edifício em Cesareia Marítima com inscrições em mosaico em seis pisos ao longo da estrutura. Dois deles contêm o texto grego de [Rm 13.3](#) definido em uma borda circular. Outro é uma bênção para quem entra e sai da sala: "Que o Senhor abençoe sua entrada e sua saída". Dois deles invocam a ajuda de Cristo para pessoas associadas à função e construção do

edifício. Estes faziam parte de um edifício que foi destruído no século VII d.C..

Os pisos das sinagogas em Tiberíades-Hamate, Beth Shan, Beth Alpha, Estemoa, Susiya, Hamate-gader, En-Gedi e outras em Israel possuem inscrições em grego e aramaico que geralmente se referem aos benfeiteiros da sinagoga. Um piso de sinagoga foi encontrado em Naro, Tunísia, contendo uma inscrição em latim. Na sinagoga de Tiberíades, o hebraico foi usado apenas para definir os símbolos astrológicos que aparecem no zodíaco. O aramaico foi usado principalmente para Halakah (regra ou lei religiosa), e o grego foi usado principalmente para homenagear doadores.

Uma das inscrições de piso em mosaico mais conhecidas em igrejas estava em Madaba, Jordânia, onde o mapa mais antigo conhecido de Israel e Jordânia foi inserido no piso no século VI d.C. Os nomes de lugares das cidades, características geográficas e passagens das Escrituras são apresentados em grego. Os pisos das igrejas geralmente contêm dedicatórias datadas ou não datadas, bênçãos e citações das Escrituras que aparecem em aramaico, copta, siríaco, latim e grego. O simbolismo muitas vezes acompanha as inscrições, mas em 427 d.C. foi emitido um edicto proibindo o uso de cruzes e outros símbolos religiosos nos pavimentos para que não fossem pisados. Não está claro quanto disseminada foi essa proibição.

Veja também Arqueologia e a Bíblia; Cerâmica.

Inseto

Pequenos invertebrados que geralmente são caracterizados por um corpo segmentado (cabeça, tórax, abdômen) e três pares de pernas. *Veja Animais* (Formiga; Abelha; Grilo; Pulga; Mosca; Mosquito; Gafanhoto; Gafanhoto migratório; Mariposa).

Inspiração

Veja Bíblia, Inspiração da.

Instruir, Instrutor

A palavra "instruir" significa ensinar ou fornecer informações a alguém. Um instrutor é uma pessoa

que ensina ou dá instruções, semelhante a um professor.

Veja Professor.

Instrumento de cordas

Veja: Instrumentos musicais.

Instrumento de sopro

Expressão em português que traduz uma série de palavras hebraicas e gregas que designam vários instrumentos de sopro tubulares.

Veja Instrumentos musicais.

Instrumentos Musicais

Instrumentos de cordas, sopro e percussão são usados para fazer música.

O Antigo Testamento nos conta como as pessoas usavam música no culto no templo. No entanto, não fornece muitos detalhes sobre como eram os instrumentos ou como eram feitos. Isso se deve em parte ao segundo mandamento de Deus. O povo hebreu entendia esse mandamento como significando que não deveriam fazer imagens ou desenhos de coisas, incluindo instrumentos musicais. O livro de Daniel menciona seis instrumentos diferentes que eram tocados no palácio do Rei Nabucodonosor.

O antigo povo hebreu tinha regras especiais sobre quais instrumentos podiam usar no culto do templo. Eles não escolhiam os instrumentos com base em como soavam, mas sim se eram considerados "puros" (aceitáveis) ou "impuros" (não aceitáveis) para o culto. Alguns instrumentos não eram permitidos no templo porque eram considerados impuros.

Instrumentos de corda

O povo judeu valorizava especialmente os instrumentos de cordas. Eles acreditavam que esses instrumentos eram os melhores para tocar música durante o culto no templo. Muitos outros povos antigos também consideravam os instrumentos de cordas muito importantes. Por exemplo, o Rei Davi tocava um instrumento de cordas chamado lira. No [Salmo 150.4](#), a palavra

hebraica *minim* (que significa "cordas") refere-se a todos os diferentes tipos de instrumentos de cordas que as pessoas usavam para louvar a Deus.

Asor

Asor ocorre três vezes no livro dos Salmos ([Sl 33.2](#); [92.3](#); [144.9](#)). A palavra asor (que significa "dez" em hebraico) pode se referir a um instrumento com dez cordas. Os estudiosos acreditam que o asor era provavelmente como uma cítara (um instrumento de cordas plano) da Fenícia que tinha dez cordas. Também pode ter sido semelhante a um alaúde (outro tipo de instrumento de cordas).

Káetros

Um kathros era tocado no palácio do Rei Nabucodonosor. Provavelmente, era semelhante a uma lira, um pequeno instrumento parecido com uma harpa que as pessoas seguravam nas mãos ([Dn 3.5,7,10,15](#)).

Kinnor

O kinnor aparece mais frequentemente na Bíblia do que qualquer outro instrumento. É mencionado 42 vezes. Muitas pessoas o chamam de "harpa de Davi" e ele se tornou o instrumento mais amado do povo judeu. Era mais parecido com uma lira do que com uma grande harpa. O número de cordas é incerto, mas elas eram feitas de intestinos de ovelha. A caixa de ressonância ficava na parte inferior do instrumento.

Não temos certeza se as pessoas tocavam o kinnor com uma palheta ou com as mãos. A Bíblia nos diz que Davi "tocou com a mão" ([1Sm 16.23](#)). Isso pode significar que tocar com as mãos não era o modo usual. O kinnor era "de som suave" ([Sl 81.2](#)). Era usado em adoração, celebrações e ocasiões de estado ([1Sm 10.5](#); [2Sm 6.5](#); [Is 5.12](#)). Também era tocado por pastores ([1Sm 16.16](#)).

Nebel

Apresenta-se 27 vezes na Bíblia. A palavra nebel significa "pele" ou "garrafa de pele" em hebraico. Isso pode ser porque o instrumento tinha o formato de uma garrafa, com uma parte inferior redonda e larga que produzia o som. Era um tipo de harpa ([2Sm 6.5](#); [1Rs 10.12](#); [Ne 12.27](#); [Sl 57.8](#); [Am 5.23](#)). Provavelmente era semelhante às harpas do Egito. As pessoas provavelmente tocavam o nebel com as mãos em vez de uma palheta. Era maior e produzia um som mais alto do que o kinnor.

As Bíblias modernas em português geralmente traduzem nebel como "harpa".

Psantrin (Pesanterin)

O psantrin (também chamado de pesanterin) era um instrumento da Grécia. Era tocado na orquestra do Rei Nabucodonosor ([Dn 3.5-15](#)). Pode ter sido semelhante a um dulcimer (um instrumento de cordas que as pessoas tocam batendo nas cordas com pequenos martelos). Algumas versões em português traduzem psantrin por "saltério" (e.g. NVI).

Sabeque (Sabbeka)

O sabeque (também chamado de sabbeka) era um instrumento de cordas tocado no palácio do rei em Babilônia ([Dn 3.5-15](#)). Os gregos o chamavam de *sambyke*, e os romanos de *sambuca*. Tinha a forma de um triângulo, possuía quatro cordas e produzia um som agudo e estridente. Algumas versões da Bíblia em português a traduzem por "cítara".

Instrumentos de sopro

Instrumentos de sopro (instrumentos nos quais as pessoas sopram para fazer música) podem ser divididos em dois grupos: flautas e chifres.

Halil

O halil era um tipo de instrumento de sopro mencionado seis vezes na Bíblia. Muitos escritores judeus após os tempos bíblicos também escreveram sobre ele. O halil era semelhante ao *aulos* grego (um instrumento antigo parecido com o oboé moderno). Muitas traduções da Bíblia o chamam de "flauta" ([Mt 9.23](#); [1Co 14.7](#); [Ap 18.22](#)). As pessoas faziam versões antigas a partir de plantas ocas como juncos. Ele tinha um bocal especial feito com duas pequenas peças de junco e provavelmente produzia um som alto e agudo.

As pessoas tocavam o halil em diferentes ocasiões:

- Eles usavam em eventos felizes como festas ([Is 5.12](#)).
- Eles usavam quando os profetas estavam cheios do Espírito de Deus ([1Sm 10.5](#)).
- Eles também tocavam em momentos tristes para chorar e lamentar ([Jr 48.36](#)).

Hatzotzrot

A hatzotzrot era um tipo de trombeta usada nos tempos antigos. Sabemos mais sobre este instrumento do que sobre muitos outros instrumentos hebraicos porque podemos ver imagens dele. Quando os romanos capturaram Jerusalém, levaram duas dessas trombetas do templo. Eles esculpiram imagens dessas trombetas em um arco de vitória em Roma, construído para seu líder Tito.

A hatzotzrot tinha cerca de 0,9 metros de comprimento, mas era estreita, com uma abertura larga na extremidade. As pessoas faziam essas trombetas de prata ou ouro. O design pode ter vindo das trombetas egípcias. Instrumentos semelhantes também eram usados na Assíria, no Império Hitita e na Grécia.

Deus disse a Moisés para fazer duas trombetas de prata ([Nm 10.2](#)). Somente os descendentes de Arão (o primeiro sumo sacerdote) tinham permissão para tocar esses instrumentos. Essas antigas trombetas eram a versão inicial do que agora chamamos de trombetas do anúncio.

A Bíblia diz que essas trombetas ajudavam as pessoas a se lembrarem de Deus ([Nm 10.10](#)). As pessoas as usavam para:

- Convocar as pessoas para se reunirem na tenda da congregação
- Dar avisos
- Informar aos acampamentos quando se moverem
- Sinalizar o início das batalhas.

As hatzotzrot tornaram-se muito importantes no culto do templo. O templo sempre usava pelo menos duas trombetas para os serviços diários. Durante celebrações religiosas especiais, podiam usar muito mais trombetas ([1Cr 15.28](#); [2Cr 15.14](#); [Sl 98.6](#); [Dn 3.5-15](#); [Os 5.8](#)).

Mashroqita

A mashroqita era um instrumento tocado no palácio do Rei Nabucodonosor ([Dn 3.5,7,10,15](#)). Os estudiosos acreditam que era semelhante a uma flauta de Pã, similar à *syrinx* grega, que tinha uma fileira de tubos ocos de tamanhos diferentes unidos. Esses tubos produzem diferentes notas musicais quando alguém sopra sobre as extremidades.

Shofar

Um shophar é um instrumento de sopro (semelhante a uma trombeta) que era usado no antigo Israel. As pessoas ainda o utilizam hoje em serviços religiosos judaicos. Ele é mencionado 72 vezes na Bíblia, mais do que qualquer outro instrumento hebraico.

O shofar inicial era curvado como o chifre de um carneiro. Versões posteriores eram retas com uma curva perto da extremidade larga do chifre. O shofar só podia emitir dois ou três sons diferentes. Por causa desse alcance limitado, algumas pessoas não o consideram um verdadeiro instrumento musical. Em vez disso, as pessoas o usavam principalmente para enviar sinais e mensagens.

As pessoas usavam o shofar em muitas cerimônias religiosas, incluindo:

- Quando eles moveram a arca ([2Sm 6.15](#); [1Cr 15.28](#))
- Quando o Rei Asa renovou o acordo entre Deus e seu povo ([2Cr 15.14](#))
- Quando as pessoas davam graças a Deus ([Sl 98.6](#); [150.3](#))
- No começo de cada novo mês
- No início do ano do jubileu (um ano especial que ocorre a cada 50 anos)

As pessoas também usavam o shofar para eventos importantes relacionados aos reis:

- Quando Absalão se declarou rei ([2Sm 15.10](#))
- Quando Salomão foi escolhido como rei ([1Rs 1.34](#))
- Quando Jeú se tornou rei ([2Rs 9.13](#))

Sumpônia

Sumponia é uma palavra encontrada em [Daniel 3](#), mas os estudiosos não têm certeza do que significa exatamente. Alguns especialistas da Bíblia acreditam que sumponia se refere a uma gaita de foles. A versão da Bíblia ARA e outras traduz dessa forma. No entanto, especialistas que estudam instrumentos musicais antigos discordam fortemente. Eles afirmam que não havia gaitas de foles na época do Rei Nabucodonosor.

Outros estudiosos sugerem que sumponia pode não ser um instrumento. Em vez disso, eles acreditam que pode descrever muitos instrumentos tocando música juntos. Esse significado faria sentido porque a palavra vem do grego *symphonia*, que significa "soando juntos". Em [Lucas 15.25](#), é traduzido como "música".

Ugab

Um ugab é um instrumento antigo semelhante a uma flauta. A Bíblia menciona o ugab quatro vezes ([Gn 4.21](#); [Jó 21.12](#); [30.31](#); [Sl 150.4](#)). Normalmente, quando o ugab é mencionado, não está relacionado a eventos religiosos. Apenas em [Salmo 150](#) é usado na adoração.

Instrumentos de percussão

Instrumentos de percussão (instrumentos que produzem som quando são batidos ou agitados) aparecem com mais frequência nas histórias antigas do povo judeu. Com o tempo, as pessoas deixaram de usar esses instrumentos no culto do templo. Isso pode ter ocorrido porque outras religiões usavam instrumentos semelhantes para adorar falsos deuses.

Mena anim

A mena anim é um tipo de chocalho de metal barulhento. Tinha anéis de metal que pendiam de uma estrutura e faziam barulho quando sacudidos. A mena anim provavelmente era semelhante ao sistro (um chocalho sagrado usado no antigo Egito). A mena anim aparece em [2 Samuel 6.5](#).

Algumas versões da Bíblia em português traduzem como "pandeiro" ou "chocalho".

Pamonim

Os pamonims eram pequenos sinos que os sacerdotes usavam em suas roupas especiais ([Ex 28.33-34; 39.25-26](#)). Os sinos emitiam sons suaves quando o sumo sacerdote caminhava. Isso ajudava as pessoas a saberem onde ele estava ao entrar no lugar sagrado para adorar a Deus.

Shalishim

Um shalishim é um tipo de chocalho mencionado na Bíblia. Algumas Bíblias traduzem essa palavra como "sistre" (um chocalho sagrado do antigo Egito) ou "adufe" (um tipo de pandeiro). Os estudiosos não têm certeza se o shalishim era realmente um instrumento musical. O shalishim aparece em [1 Samuel 18.6](#). Nesta história, as pessoas o usaram para celebrar quando o Rei Saul e Davi retornaram da luta contra os filisteus.

Tofe (Tof)

Um tofe (também chamado de tof) era um tipo de tambor de mão usado no antigo Israel. As mulheres geralmente tocavam o tofe, mas algumas passagens da Bíblia sugerem que os homens também o tocavam ([1Sm 10.5](#); [2Sm 6.5](#); [1Cr 13.8](#)). As versões da Bíblia em português geralmente traduzem por "tambor".

Tofe ocorre 15 vezes na Bíblia. Tinha uma estrutura de madeira ou metal em forma de círculo. Pele de animal era esticada sobre a estrutura (de um carneiro ou cabra selvagem). As pessoas tocavam batendo com as mãos. Não sabemos se o tofe tinha pele de animal em um lado ou em ambos os lados. Alguns estudiosos dizem que era como um pandeiro ou adufe (um pequeno tambor). No entanto, não há evidências de que tivesse peças de metal que faziam sons de tilintar como um pandeiro.

As pessoas tocavam o tofe durante as celebrações. Ele produzia sons altos ([Ex 15.20](#); [Sl 81.2](#)).

Zelzelim (Meziltayim)

Zelzelim e meziltayim eram címbalos usados no antigo Israel. Essas palavras vêm da palavra hebraica *zala*, que significa "fazer um som de toque". A Bíblia sempre usa essas palavras no plural dual (indicando que dois itens andam juntos). Isso nos mostra que os címbalos eram sempre usados em pares.

Algumas traduções da Bíblia traduzem incorretamente essas palavras como "castanholas" (blocos de madeira ou metal que produzem sons de clique).

As pessoas faziam esses címbalos de metal. Eles vinham em pares, e uma pessoa tocava os dois címbalos juntos. Esses eram os únicos instrumentos de percussão permitidos no culto do templo. Címbalos de metal eram comuns em muitas culturas antigas.

Os pratos aparecem pela primeira vez na Bíblia quando as pessoas moveram a arca para Jerusalém ([2Sm 6.5](#); [1Cr 13.8](#)). Mais tarde, os líderes dos cantores levíticos (músicos da tribo de Levi) tocaram pratos no templo ([1Cr 15.19](#)).

Os pratos tinham um propósito especial na adoração. Em vez de fazer música, eles eram usados para:

- Indicar quando as pessoas devem começar a cantar
- Diferentes seções dos Salmos

[Salmo 150](#) menciona dois tipos diferentes de címbalos. Não temos certeza de como esses címbalos se diferenciavam. Eles podem ter sido de tamanhos distintos ou feitos de materiais diferentes.

Interceder, Intercessão

O ato de orar ou fazer pedidos a Deus em favor de outras pessoas.

Veja Oração.

Intercessão de Cristo

O termo teológico para o trabalho de Jesus Cristo ao interceder junto a Deus Pai para salvar, ajudar e apoiar as pessoas na terra.

A palavra hebraica para "intercessão" vem de uma raiz que significa "golpear", sugerindo a ideia de fazer um pedido forte. Esta palavra é usada em uma profecia sobre o "servo do Senhor" em Isaías: "Ele levou o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores" ([Is 53.12](#)). Em grego, a palavra para intercessão originalmente significava "encontrar", "aproximar-se" ou "apelar". Durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento, esta palavra era usada para descrever o ato de pedir

pessoalmente um favor a um oficial (como visto em [2Mc 4.8](#)). No Novo Testamento, a forma substantiva é traduzida tanto como "intercessão" ([1Tm 2.1](#)) quanto como "oração" ([1Tm 4.5](#)).

Teólogos consideram a intercessão de Cristo como a segunda parte de seu trabalho sacerdotal. Seu sofrimento e morte na cruz foram a primeira parte. Isso resolveu o problema do erro humano (pecado) e restaurou a relação entre Deus e as pessoas ([1Tm 2.5-6](#)). No Antigo Testamento, os sacerdotes oravam pelo povo. No Dia da Exiação, o sumo sacerdote entrava no santo dos santos com o sangue da oferta pelo pecado. Ele então santificava o lugar com incenso e aspergia sangue sobre o "propiciatório" ([Lv 16.11-19](#)). Depois que Jesus morreu pelos pecados, Ele foi ao Pai e entrou no céu, onde agora representa seu povo ([Hb 7.25](#)).

Intercessão de Cristo na Terra

Antes de iniciar sua vida de intercessão no céu, Jesus Cristo orou e intercedeu pelas pessoas na terra. Isso estava de acordo com seu ensinamento de que seus seguidores deveriam sempre orar e não desanimar ("perder o ânimo, [Lc 18.1](#)"). A Bíblia frequentemente mostra Jesus orando. e.g., ele orou no túmulo de seu amigo Lázaro ([Jo 11.41-42](#)). Ele passou a noite toda em oração em uma montanha antes de escolher os doze apóstolos ([Lc 6.12-13](#)). Depois de avisar seu discípulo Pedro que Satanás queria testá-lo, Jesus disse a Pedro: "Eu orei por você para que sua fé não falhe" ([Lc 22.32](#)). As primeiras palavras de Jesus na cruz foram uma oração por aqueles que o perseguiam ([Lc 23.34](#)).

A "oração sacerdotal" em [João 17](#) é o exemplo mais completo de uma oração intercessória de Jesus na Bíblia. Esta oração é baseada em seu relacionamento próximo com seu Pai ([Jo 17.5.8](#)). Jesus ora por três coisas:

1. Por si mesmo, pedindo que pudesse glorificar o Pai e terminar a obra que foi enviado para fazer ([Jo 17.1-5](#))
2. Para seus discípulos, que foram escolhidos para espalhar o evangelho após sua partida ([Jo 17.8-9](#))
3. Para todos os crentes ([Jo 17.20](#))

Os objetivos de sua intercessão incluem:

1. A unidade do povo de Deus ([Jo 17.11,21](#))

2. A alegria deles, apesar das dificuldades ([Jo 17.13](#))
3. Sua proteção contra o mal ([Jo 17.15](#))
4. Sua santificação pela Palavra de Deus ([Jo 17.17](#))
5. Sua comunhão eterna com Cristo ([Jo 17.24](#))

Intercessão de Cristo no Céu

A intercessão de Cristo por seu povo, que começou na terra, continua no céu. O Livro de Hebreus descreve Cristo como um sacerdote e foca em seu ministério contínuo de intercessão. Sua intercessão celestial segue seu sacrifício terrestre, que foi completado “uma vez por todas” ([Hb 10.10-18](#)). O próprio Jesus disse: “Todo aquele que me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei diante de meu Pai que está no céu” ([Mt 10.32](#)). Esta intercessão contínua é reconhecida em frases do Novo Testamento como “por meio de Jesus Cristo” ([Rm 1.8; 16.27; 1Pe 2.5](#)), “por meio dele” ([Cl 3.17; Hb 13.15](#)), e “em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” ([Ef 5.20](#)).

O Novo Testamento afirma explicitamente a doutrina da intercessão celestial de Cristo em quatro passagens-chave. O apóstolo Paulo diz que Cristo está “à direita de Deus, que de fato intercede por nós” ([Rm 8.34](#)). O autor de Hebreus afirma que Cristo “é capaz de salvar para sempre aqueles que se aproximam de Deus por meio dele, visto que ele sempre vive para interceder por eles” ([Hb 7.25](#)). Além disso, Cristo entrou “no próprio céu, agora para aparecer na presença de Deus em nosso favor” ([Hb 9.24](#)). O apóstolo João também descreve este ministério: “Se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo” ([1Jo 2.1](#)). A palavra grega para “Advogado” refere-se a um conselheiro legal que representa a causa de um cliente perante um juiz. João, portanto, apresenta o Senhor ressuscitado como aparecendo diante de Deus em favor de seu povo, oferecendo sua própria obediência e sofrimento como a razão para o perdão deles.

Como funciona a intercessão?

A intercessão de Cristo no céu tem dois aspectos. É tanto completa quanto contínua. Sua obra redentora está concluída, mas Ele continua a cuidar do povo de Deus. Sua intercessão inclui:

1. Sua presença com o Pai como base para a justificação de cada crente ([Hb 9.24](#))
2. Ele interrompe as acusações de Satanás contra cada crente ([Rm 8.33; Ap 12.10](#))
3. Ele reivindica o direito de cada crente de entrar na presença de Deus ([Hb 4.14-16](#))
4. Sua mediação nas orações de cada crente

Em resposta, Deus Pai concede aos crentes diversas bênçãos espirituais.

João Owen, um puritano que viveu de 1616 a 1683, disse: “A intercessão de Cristo... é sua contínua aparição por nós na presença de Deus, representando o poder de seu sacrifício, juntamente com seu cuidado terno, amor e desejo pelo bem-estar, apoio, libertação e salvação da igreja”.

A Bíblia descreve as pessoas por quem Cristo intercede tanto de forma ampla quanto específica. Afirma-se que Cristo ora por todas as pessoas em todos os lugares ([Is 53.12](#); compare [Mt 26.28](#)). Mais especificamente, Ele ora por sua comunidade redimida, a igreja ([Jo 14.16; 17.9,20; Hb 4.15-16](#)). No entanto, as orações de Cristo também são focadas nas necessidades específicas dos crentes individuais ([Lc 22.31-32; 1Jo 2.1](#)).

Intérprete

Uma pessoa que ajuda a comunicar entre falantes de diferentes idiomas ou alguém que interpreta sonhos.

José fingiu precisar de um intérprete para falar com seus irmãos ([Gn 42.23](#)). Além disso, sonhos precisavam ser interpretados ([Gn 40.8; 41.15-16; Dn 2; 4.6-9,18-24; 5.7-8,12-17; 7.16](#)). O intérprete às vezes era alguém que atuava como mediador ([Jó 33.23](#)).

Esdras e Neemias atuaram como intérpretes ou tradutores da lei de Moisés quando ela foi lida para os judeus que haviam retornado do exílio ([Ne 8.8-9](#)). Eles provavelmente não conheciam hebraico.

Nos tempos do Novo Testamento, o intérprete:

- Explicava as palavras daqueles que falavam em línguas ([1Co 14.28](#)).
- Traduzia línguas estrangeiras ([At 2.6](#)).
- Explicava as Escrituras ([Lc 24.27](#)).

Iques

Um homem de Tecoa, cujo filho Ira foi um dos valentes do rei Davi ([2Sm 23.26](#); [1Cr 11.28](#)). Ele era chefe de uma divisão de 24.000 homens durante o sexto mês do ano ([1Cr 27.9](#)).

Ir

Ir era um homem da tribo de Benjamim. Ele era o pai de Supim e Hupim ([1Cr 7.12](#) ARC). Ir pode ser idêntico a Iri no versículo 7. Em [Números 24.19](#), a mesma palavra hebraica não é usada como um nome. Em vez disso, é traduzida como "da cidade" na tradução da ARC e como "nas cidades" na NTLH.

Ir-Naás

Filho de Teína, filho de Estom, da tribo de Judá ([1Cr 4.12](#)). A versão da NTLH menciona a forma alternativa "cidade de Naás".

Ir-Semes

Cidade atribuída à tribo de Dâ como herança ([Js 19.41](#)), provavelmente idêntica a Bete-Semes.

Ira

1. Um sacerdote do rei Davi ou oficial chefe em seu serviço na época da revolta de Seba ([2Sm 20.26](#)).
2. Um guerreiro entre os homens valentes do rei Davi, conhecido como "os trinta" ([2Sm 23.26](#)). Ele era filho de Iques, de Tecoa ([1Cr 11.28](#); [27.9](#)). Ele se tornou comandante da sexta divisão da milícia de Davi.

3. Um guerreiro entre os valentes do rei Davi, conhecido como "os trinta". Ele é um itrita ([2Sm 23.38](#); [1Cr 11.40](#)).

Irã

O líder de uma tribo (chefe) em Edom ([Gn 36.43](#); [1Cr 1.54](#)).

Ira de Deus

Ira é uma palavra que descreve a forte desaprovação de Deus em relação aos seres humanos e suas ações pecaminosas. Nos idiomas originais da Bíblia, muitas palavras e frases diferentes são usadas para falar sobre ira. Todas essas palavras expressam a ideia de raiva justificada em resposta a ações injustas.

No Antigo Testamento.

No Antigo Testamento, é dito que Deus está irado com nações, pecadores e até mesmo com seu povo da aliança. A ira de Deus se manifestou pela primeira vez contra Israel depois que eles se recusaram a acreditar em Sua palavra sobre entrar na terra Prometida. Após serem resgatados do Egito, receberem os Dez Mandamentos e a aliança, e verem a glória de Deus, ainda assim não acreditaram ([Nm 11.10](#); [12.9](#); [22.22](#); [32.10-14](#)). Assim, Deus condenou os israelitas a vagarem no deserto até morrerem. A principal razão para a ira de Deus no Antigo Testamento era que Seu povo constantemente quebrava a aliança. Eles o provocaram por:

- Adorar outros deuses ([Dt 2.15; 4.25; 9.7-8.19; Jz 2.14; 1Rs 11.9; 14.9.15; 2Rs 17.18](#));
- Misturar práticas não-judaicas com sua adoração ([Is 1.10-17; Jr 6.20; Os 6.6; Am 5.21-27](#));
- A rebelião deles ([1Rs 8.46](#));
- A sua incredulidade ([Nm 11.33; 14.11.33; Sl 95.10-11](#));
- Seu desrespeito pela preocupação dele com amor, justiça, retidão e santidade ([Êx 22.22-24; Is 1.15-17; Am 5.7-12; Mq 3.1](#)).

A ira de Deus também se estende a toda a humanidade ([Na 1.2](#)). O conceito do Dia do Senhor, desenvolvido pelos profetas, adverte que ninguém pode escapar da justa ira de Deus ([Am 5.18-20](#)). O Dia do Senhor é o dia de sua ira ([Sf 1.15](#)).

O Antigo Testamento equilibra a ira de Deus com sua paciência, amor e disposição para perdoar.

1. Deus é paciente. A palavra hebraica para "paciente" está relacionada à palavra para "ira" e significa "longa duração da ira"; Deus não se ira rapidamente. Ele é longânimo ([Êx 34.6](#)).
2. Deus é cheio de compaixão e fidelidade ([Êx 34.6](#)). Mesmo quando seus filhos pecam, Ele é como um pai, cheio de compaixão e amor. Ele é sempre fiel aos seus filhos.
3. Deus está pronto para perdoar aqueles que expiam e purificam seus pecados ([Êx 34.6](#)). Seu amor é muito maior do que sua ira ([Sl 30.5](#)). Miquéias orou para que o Senhor logo perdoasse e restaurasse seu povo, acreditando que Ele não pode ficar irado para sempre ([Sl 7.18](#); compare [Sl 89.46; Jr 3.5](#)). Em [Sl 103.8-13](#), o salmista compara o amor e o perdão de Deus a um pai que não permanece irado ou disciplina severamente seus filhos por causa de seu grande amor por aqueles que o temem.

O propósito da ira de Deus não é destruir a humanidade ([Os 11.9](#)). Sua ira não é uma reação emocional vingativa, nem é imprevisível. Em sua ira, ele controla nações (como Babilônia e Assíria) e disciplina seu povo para que retornem a ele ([Il 2.13-14](#)). O Dia do Senhor no Antigo Testamento não termina com a ira de Deus; ele conclui com a restauração da terra quando ela estará cheia do conhecimento de Deus ([Is 11.9; Hb 2.14](#)), e a maldade não existirá mais ([Is 65.25](#)).

No Novo Testamento.

O Novo Testamento também ensina sobre a ira de Deus juntamente com sua graça, amor e paciência ([Mt 3.7; Lc 21.23; Jo 3.36; Rm 1.18; Ef 5.6; Ap 14.10](#)). Aqueles que não acreditam no Cristo ressuscitado permanecem em seus pecados e enfrentarão a ira de Deus. Aqueles que acreditam são salvos dela ([Ef 2.3; 1Ts 1.10](#)). As boas-novas do Novo Testamento são que Jesus veio para nos salvar da ira de Deus ([Rm 5.9](#)). Os salvos são reconciliados com Deus porque não estão mais sob condenação ([Rm 5.10; 8.1](#)).

Veja também Morte; Inferno; Julgamento; Juízo Final; Amor.

Irade

Um filho de Enoque, da linhagem de Caim ([Gn 4.18](#)).

Iri

Filho de Belá, da tribo de Benjamim ([1Cr 7.7](#)).

Irmã

Veja: Vida familiar e as relações.

Irmão

Homem ou menino em seu relacionamento com os outros filhos de seus pais; também um amigo próximo ou membro da mesma raça, credo, profissão, organização e similares; um parente.

No AT, a palavra hebraica traduzida como "irmão" descreve o relacionamento entre filhos homens que têm pelo menos um dos pais em comum. José e

Benjamim eram filhos de Jacó e Raquel ([Gn 35.24](#)), mas os outros filhos nascidos de Jacó também são chamados de irmãos de José ([42.6](#)). O amor que José tinha por Benjamim nem sempre é encontrado entre os irmãos. Caim matou seu irmão Abel ([4.8](#)), e Esaú odiava seu irmão, Jacó ([27.41](#)). Um irmão pode ser uma má influência ([Dt 13.6-7](#)), mas idealmente ele é alguém que ajuda em tempos de necessidade ([Pv 17.17](#)). A lei do casamento levirato exigia que se um homem morresse deixando uma viúva sem filhos, o irmão do homem tinha que criar filhos através dela para perpetuar o nome da família ([Dt 25.5](#)).

Davi falou afetuadamente de seu “irmão” Jônatas, embora eles não fossem relacionados ([Sm 1.26](#)). Um companheiro israelita poderia ser chamado de irmão. O relacionamento exigia certas obrigações: o dinheiro não poderia ser emprestado a um irmão a juros, e um irmão não poderia ser escravizado ([Lv 25.35-43](#)).

No NT, a palavra grega é usada para descrever irmãos naturais, como André e Pedro ([Io 1.41](#)). Quatro irmãos de Jesus são nomeados ([Mc 6.3](#)). (A visão católica romana é que eles eram, na verdade, primos de Jesus, mas a língua grega tem várias palavras para primo, e a palavra “irmão” é usada aqui; assim, se refere a crianças ou filhos adotivos de Maria e José). Os irmãos de Jesus não acreditaram nele a princípio ([Io 7.5](#)), mas após a ressurreição, eles estavam se encontrando com a comunidade cristã ([At 1.14](#)). Jesus ensinou que seus discípulos tinham um Pai (Deus) e eram, portanto, irmãos ([Mt 23.8-9](#)), e ele graciosamente se identificou com os discípulos como seu irmão ([28.10](#)).

No início da história da igreja, tornou-se costume que os cristãos se dirigessem uns aos outros como irmão ([At 9.17](#); [Cl 1.1](#)); em duas ocasiões, a comunidade cristã é chamada de “fraternidade” ([1Pe 2.17](#); [5.9](#), ARC). Deveres e responsabilidades específicas acompanham a fraternidade cristã. O amor de um cristão por seu irmão será demonstrado na contenção das paixões sexuais ([1Ts 4.6](#)), provisão de bens materiais quando necessário ([Tg 2.15-16](#)) e determinação de não escandalizar ([Rm 14.13](#)). Um cristão não deve “ir a juízo” contra um irmão ([1Co 6.5-6](#)), mas os irmãos devem resolver seus problemas pessoalmente ou dentro do grupo da igreja ([Mt 18.15-17](#)). O relacionamento entre cristãos é significativo porque um cristão não pode oferecer adoração a Deus se ele estiver em desarmonia com seu irmão ([Mt 5.23-24](#)).

Veja também Vida familiar e Relações; Irmãos (e Irmãs).

Irmãos (e Irmãs)

Maneira como se chamam aqueles que fazem parte do povo de Deus. Existem boas evidências de que os judeus na época de Jesus frequentemente se chamavam de irmãos ([At 2.29,37](#); [7.2](#); [22.5](#); [28.21](#); [Rm 9.3](#)). Desde o início, parecia natural que os cristãos judeus chamassem uns aos outros de “irmãos e irmãs” (isto é, “irmãos” — o termo incluía homem e mulher; [At 1.15-16](#); [9.30](#); [11.1](#)). Os membros das comunidades religiosas gentias também se chamavam de irmãos, dessa forma, o nome também se estabeleceu nas igrejas gentias ([At 17.14](#); [Rm 1.13](#); [1Co 1.1,10](#); além de dezenas de outros lugares nas cartas de Paulo às igrejas gentias). Na verdade, juntamente com “discípulo” (em Atos) e “santo” (sempre plural nos escritos de Paulo e o livro de Apocalipse), era um dos nomes mais populares para os cristãos e o mais usado em Tiago e 1 João.

Cada cristão era chamado de “irmão”, e os cristãos coletivamente eram “os irmãos”. O nome enfatizava a intimidade da comunidade cristã. Ou seja, o relacionamento dos crentes uns com os outros era tão próximo quanto o de parentes de sangue (mais próximo, na verdade — [Mc 10.23-31](#)). Em 1 João e Tiago, o nome enfatiza a alegação de que os cristãos mais pobres têm sobre aqueles em melhor situação ([Tg 2.15](#); [1Jo 3.10-18](#); [4.20-21](#)). Também aponta para a igualdade entre os membros da comunidade cristã.

Irmãos De Jesus*

Tiago, José, Simão e Judas, identificados no NT como membros da própria família de Jesus ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)). Eles são descritos como visitando Jesus com Maria, sua mãe ([Mt 12:47-50](#); [Mc 3.34-35](#); [Lc 8:19-21](#)), e ouvindo a declaração de Jesus de que todos os que faziam a vontade de Deus eram irmãos, irmã e mãe para ele.

Eles eram tão suficientemente bem conhecidos em Nazaré que, quando Jesus voltou para pregar lá, as pessoas disseram: “Este não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão, e não estão suas irmãs aqui conosco?” ([Mc 6.3](#), ARA). No Evangelho de Mateus, a ordem dos nomes dos últimos dois irmãos é invertida ([Mt 13.55](#)). Quando

Jesus e seus discípulos foram para Cafarnaum, eles foram acompanhados por Maria e seus irmãos ([Jo 2.12](#)). Pouco antes da Festa dos Tabernáculos, os irmãos visitaram Jesus para persuadi-lo a ir a Jerusalém para a festa. Embora eles fossem céticos sobre seus milagres, eles disseram que ele deveria realizar seus feitos em público para ganhar reconhecimento ([Jo 7.4](#)). Jesus reconheceu a oposição de dentro de sua família quando disse: “Um profeta é honrado em todos os lugares, exceto em sua própria cidade natal e entre sua própria família” ([Mt 13.57](#), NTLH). Seus irmãos ou outros amigos de casa pensavam que ele estava perdendo o contato com a realidade quando as multidões foram atraídas por ele pela primeira vez ([Mc 3.21](#)).

Apesar de seu ceticismo inicial, no entanto, os irmãos se tornaram membros ativos da igreja de Jerusalém durante seus primeiros dias. Eles são mencionados como estando frequentemente em oração em uma sala no andar superior com Maria, mostrando uma nítida reversão de sua falta de fé anterior ([Atos 1.14](#)). Uma das aparições da ressurreição foi feita a Tiago ([1Co 15.7](#)). No retorno a Jerusalém após sua conversão, Paulo conheceu Pedro e Tiago, “o irmão do Senhor”, mas não os outros apóstolos ([Gl 1.19](#)). Quando o apóstolo Pedro foi libertado da prisão, ele foi para a casa de Maria, mãe de João Marcos, e apesar da emoção da ocasião, ele imediatamente pediu ao grupo para “contar isso a Tiago e aos irmãos” ([Atos 12.17](#), ARA). Uma série de referências em Atos mostra Tiago como um líder forte e respeitado da igreja de Jerusalém ([Atos 15.13-21; 21.18](#)). No concílio em Jerusalém, ele expressou uma forte opinião sobre a aceitação dos gentios na igreja; ele foi mais tarde visitado por Paulo, que lhe contou sobre seu ministério e as muitas conversões entre os gentios. Embora Tiago seja mencionado mais frequentemente pelo nome, todos os irmãos parecem ter sido bem respeitados naquela época. Assim, suas ações foram usadas como um exemplo por Paulo quando ele argumentou que seria apropriado que ele também tivesse uma esposa que o acompanhasse em suas viagens, como os irmãos de Jesus fizeram ([1Co 9.5](#)).

O autor da Epístola de Tiago é geralmente assumido como o irmão do Senhor, embora ele não se identifique especificamente dessa maneira ([1.1](#)). Parece claro, no entanto, que o autor escreveu como um líder reconhecido na igreja; por isso, identificá-lo como o irmão do Senhor parece lógico. O autor da Epístola de Judas se identifica como o irmão de Tiago. A referência seria mais lógica a Tiago, o líder mencionado em Atos e

provavelmente o autor da outra epístola. O autor assim parece ser o Judas nomeado como o irmão do Senhor nos Evangelhos ([Mt 13.55; Mc 6.3](#)).

Em todo o NT, o grupo dos 12 apóstolos é consistentemente distinguido dos irmãos do Senhor. Lucas nomeou os apóstolos e então disse: “Todos estes de comum acordo se dedicaram à oração, juntamente com as mulheres e Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos” ([Atos 1.13-14](#)). O apóstolo Paulo apontou para os irmãos do Senhor como um grupo separado dos apóstolos ([1Co 9.5](#)); cada menção deles nos Evangelhos os descreve como membros da família e distintos dos discípulos.

Veja também Tiago (Pessoa) #1; José #7; Judas (Pessoa); Maria #1.

Irom

Uma das cidades fortificadas da tribo de Naftali ([Josué 19.38](#)). Alguns identificaram Yiron com a atual vila de Jarun, a sudeste de Bint Jebeil.

Irpeel

Cidade de herança atribuída à tribo de Benjamim ([Js 18.27](#)), possivelmente localizada na região montanhosa a vários quilômetros a noroeste de Jerusalém, perto de Gibeão.

Irrigação

A prática de levar água para terras agrícolas por meio de sistemas artificiais como canais e valas.

Veja Agricultura.

Iru

Filho de Calebe, da tribo de Judá ([1Cr 4.15](#)).

Isabel

A mãe de João Batista é uma parente de Maria, a mãe de Jesus ([Lc 1.36](#)). Ela pertencia a uma família de sacerdotes ([Lc 1.5](#)). O nome Isabel (ou Elisabete) vem da mesma palavra hebraica que Eliseba, a esposa de Arão ([Êx 6.23](#)). Significa “meu Deus é um

juramento". Somente o Evangelho de Lucas, que frequentemente enfatiza o papel das mulheres, nos conta sobre Isabel e seu marido, Zacarias.

Lucas destaca que Isabel e Zacarias eram justos e viviam de uma maneira que agradava a Deus ([Lc 1.6](#)). No entanto, o casal era idoso e não tinha filhos, o que muitas vezes era visto como uma desgraça na cultura judaica ([Gn 30.22-23](#); [Lc 1.25](#)). Apesar disso, eles permaneceram fiéis em sua adoração e serviço a Deus. Um dia, um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, anunciando que Isabel teria um filho. Este filho seria aquele que prepararia o caminho para o Messias Prometido ([Lc 1.13-17](#)). Quando Isabel ficou grávida, ela permaneceu em reclusão por cinco meses. Durante esse tempo, sua parente Maria veio visitá-la.

Veja também João Batista.

Isaías (Pessoa)

Profeta do oitavo século a.C. durante os reinados dos reis de Judá Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias; autor do livro bíblico de Isaías. Isaías era filho de Amoz ([Is 1.1](#)) e pode ter sido parente do rei Amazias. Crescendo em Jerusalém, Isaías recebeu a melhor educação que a capital podia oferecer. Ele também era profundamente conhecedor das pessoas e tornou-se o conselheiro político e religioso da nação. Ele tinha fácil acesso aos monarcas e parece ter sido o historiador na corte de Judá por vários reinados ([2Cr 26.22](#); [32.32](#)).

A esposa de Isaías é mencionada como profetisa ([Is 8.3](#)) e eles tiveram pelo menos dois filhos, Sear-Jasube ([7.3](#)) e Maer-Salal-Hás-Baz ([8.3](#)). O traje habitual de Isaías era a vestimenta de um profeta, ou seja, sandálias e uma roupa de pelo de cabra ou saco. Em determinado momento durante seu ministério, o Senhor ordenou que Isaías ficasse nu e descalço por um período de três anos, usando apenas um pano de linho ([20.2-6](#)). Isso deve ter sido humilhante em uma sociedade que media status por códigos de vestimenta meticolosos.

Isaías trabalhou para reformar as injustiças sociais e políticas. Mesmo os membros mais altos da sociedade não escaparam de sua censura. Ele repreendeu adivinhos e denunciou pessoas ricas e influentes que ignoravam as responsabilidades de suas posições. Ele exortou as massas a serem obedientes, em vez de indiferentes, ao pacto de Deus. Ele repreendeu reis por sua teimosia e falta de preocupação.

Os escritos de Isaías expressam uma profunda consciência da majestade e santidade de Deus. O profeta denunciou não apenas a idolatria dos cananeus, mas também as práticas religiosas de seu próprio povo, que eram apenas cerimônias externas e careciam de sinceridade ([1.10-17](#); [29.13](#)). Ele pregou sobre o julgamento iminente dos judeus idólatras, declarando que apenas um remanescente justo sobreviveria ([6.13](#)).

Isaías previu a vinda do Messias, o "príncipe da paz", e o governante do reino de Deus ([11.1-11](#); cf. [9.6-7](#)). Ele também retratou esse Messias como um servo sofredor e obediente ([53.3-12](#)). Isaías foi preeminente entre os profetas pela variedade e grandiosidade de sua imaginação. Sua imaginação produziu figuras de linguagem vigorosas e brilhantes.

Isaías profetizou durante as últimas três décadas do reino do norte de Israel, mas como vivia em Jerusalém, em Judá, fez poucas referências diretas a Israel. No entanto, quando aquele reino caiu, Judá ficou exposto à conquista pela Assíria. Isaías aconselhou o rei Acaz a evitar envolvimentos estrangeiros e a depender de Deus para proteger seu povo. Ignorando esse conselho, Acaz fez uma aliança com a Assíria.

Foi Ezequias, o piedoso filho de Acaz, quem procurou tirar Judá dessa situação perigosa. Quando os assírios sob Senaqueribe se aproximaram de Jerusalém, Isaías inspirou Ezequias e os judeus a confiarem no Senhor para a defesa da cidade, e "o anjo do Senhor" destruiu o exército de Senaqueribe ([37.36-38](#)), garantindo um curto período de paz para Ezequias e os judeus.

A profecia hebraica alcançou seu auge com Isaías, que foi altamente estimado tanto nos tempos do AT quanto do NT. Uma indicação desse apreço é a coleção de literatura apócrifa associada ao seu nome.

Veja também Isaías, Livro de; História de Israel; Profecia; Profeta, Profetisa.

Isaías, Livro de

Resumo

- Autor
- Data
- Contexto
- Unidade literária

- Ensino teológica
- Conteúdo

Autor

O profeta Isaías, cujo nome significa “o Senhor salva”, viveu e ministrou em Jerusalém. Devido ao seu contato frequente com os reis de Judá, alguns estudiosos acreditam que Isaías era parente da família real, mas isso não é certo. De acordo com os capítulos [7](#) e [8](#), Isaías era casado e tinha pelo menos dois filhos, Shear-Jasube e Maer-Salal-Hás-Baz, cujos nomes simbólicos ilustravam os tratos de Deus com a nação como um todo. Os “discípulos” mencionados em [8.16](#) provavelmente ajudaram Isaías em seu ministério e podem ter ajudado a registrar o livro que leva seu nome.

Quando Isaías viu o Senhor na famosa visão do templo descrita no capítulo [6](#), ele estava disposto a ir aonde Deus o enviasse, mesmo sabendo que enfrentaria forte oposição ([6.9-10](#)). O rei Acaz provou ser particularmente resistente aos conselhos de Isaías ([7.4-17](#)), e o povo em geral ridicularizou sua pregação ([5.10-12](#); [28.9-10](#)). Durante o reinado do piedoso Ezequias, no entanto, o ministério de Isaías foi muito apreciado, e o rei o consultou ansiosamente durante tempos de crise ([37.1-7.21-35](#)).

Isaías é geralmente considerado o maior dos profetas escritores. Alguns dos capítulos em seu livro exibem uma beleza literária incomparável e fazem uso de dispositivos poéticos e uma rica variedade de símbolos. Os capítulos [40-66](#) contêm muitas passagens poderosas que ressaltam a grandiosidade do livro. É irônico, então, que muitos estudiosos atribuem esses capítulos a um “Segundo” ou “Terceiro” Isaías, autores desconhecidos que escreveram muito depois de Isaías, em conexão com o exílio babilônico. No entanto, em outras partes do AT, os nomes de todos os que escreveram os livros proféticos são preservados, e seria muito incomum para os judeus não saberem quem escreveu uma profecia tão magnífica como os capítulos [40-66](#).

Data

Como muitos dos eventos registrados nos capítulos [1-39](#) ocorreram durante o ministério de Isaías, a maioria desses capítulos provavelmente foi escrita por volta de 700 a.C. ou logo depois. A destruição do exército assírio em 701 a.C. representa o clímax da primeira metade do livro, cumprindo a profecia de [10.16.24-34](#) e [30.31-33](#). Em [37.38](#), Isaías

refere-se à morte do Rei Senaqueribe, que não ocorreu até 681 a.C. Isso significa que alguns dos capítulos anteriores, junto com [40-66](#), provavelmente foram escritos mais tarde, durante os anos de aposentadoria de Isaías. Um intervalo de várias décadas poderia explicar a mudança no assunto encontrada na última metade do livro. Nesses capítulos, Isaías projeta-se no futuro ao se dirigir aos judeus que estariam no exílio na Babilônia por volta de 550 a.C.

Contexto

O ministério público de Isaías ocorreu principalmente de 740 a 700 a.C., um período marcado pela rápida expansão da nação da Assíria. Sob o reinado do Rei Tiglate-Pileser III (745 a 727 a.C.), os assírios moveram-se para o oeste e sul, e por volta de 738 a.C. o monarca assírio estava exigindo tributo de Damasco e Israel. Por volta de 734 a.C., Rezim de Damasco (Síria) e Peca de Israel organizaram uma coalizão para se rebelar contra a Assíria e tentaram obter o apoio do Rei Acaz de Judá. Mas Acaz recusou-se a se juntar, e quando os reis de Damasco e Israel invadiram Judá (veja [7.1](#)), Acaz apelou diretamente a Tiglate-Pileser por ajuda (cf. [2 Reis 16.7-9](#)). Com pouca hesitação, os assírios voltaram para capturar Damasco e transformar o reino do norte de Israel em uma província assíria.

O rei fantoche Oseias governou Israel de 732 a 723 a.C., mas foi preso quando se juntou a uma revolta contra Salmanasar V, o novo rei assírio. Salmanasar sitiou a cidade capital de Samaria, que finalmente caiu em 722 a.C., marcando o fim do reino do norte. Sargão sucedeu Salmanasar em 722 e teve que sufocar uma série de revoltas. Em 711 a.C., Sargão capturou a cidade filisteia de Asdode em uma campanha que se tornou a ocasião da profecia de Isaías no capítulo [20](#).

Ainda mais importante foi a rebelião generalizada que eclodiu com a ascensão de Senaqueribe em 705 a.C. O rei Ezequias de Judá reteve seu pagamento normal de tributo, e em 701 a.C. Senaqueribe havia invadido a Palestina para punir os rebeldes. Os detalhes desta campanha são dados em [Isaías 36-37](#) e contam como cidade após cidade foi capturada pelos assírios antes que os invasores estivessem às portas de Jerusalém e exigissem rendição total. Com quase nenhuma esperança de sobrevivência, Ezequias, no entanto, foi encorajado por Isaías a confiar em Deus, e em uma noite o anjo do Senhor abateu 185.000 soldados assírios, praticamente

dizimando o exército de Senaqueribe ([Is 37.36-37](#)).

Em um esforço para fazer amizade com os inimigos da Assíria, Ezequias mostrou seus tesouros aos enviados do rei da Babilônia ([39.1-4](#)). Isaías alertou que algum dia os exércitos babilônicos conquistariam Jerusalém e levariam aqueles mesmos tesouros, junto com os moradores da cidade (vv. [5-7](#)). Isaías não apenas previu o cativeiro babilônico de 586-539 a.C. (cf. [6.11-12](#)), mas também previu que Israel seria libertado da Babilônia ([48.20](#)). O reino caldeu liderado por Nabucodonosor seria o instrumento de julgamento de Deus sobre Judá, mas eles também sofreriam derrota. Uma das profecias mais notáveis de Isaías foi a nomeação de Ciro, rei da Pérsia, o governante que conquistaria os babilônios em 539 a.C. e libertaria Israel do exílio (cf. [44.28](#)). Junto com os Medos (cf. [13.17](#)), Ciro conquistou várias vitórias importantes antes de enviar suas tropas contra Babilônia. Isaías o saudou como um ungido pelo Senhor para trazer libertação para Israel ([45.1-5](#)).

Unidade literária

Em grande parte devido às referências aos reinos posteriores de Babilônia e Pérsia, a unidade de Isaías foi questionada. Os capítulos [40-66](#) movem-se abruptamente para o período do exílio em 550 a.C., quase 150 anos após a época de Isaías. Além disso, o Servo do Senhor desempenha um papel proeminente nesses capítulos, e o rei messiânico desaparece em segundo plano. Passagens poéticas brilhantes são encontradas nos capítulos [40, 53, 55](#), e [60](#), demonstrando uma profundidade e poder notáveis.

Embora esses fatores às vezes sejam citados como um sinal de desunião, na verdade há fortes indicações de unidade no livro. Por exemplo, o interlúdio histórico (caps [36-39](#)) forma uma dobradiça ou ponte que liga os capítulos [1-35](#) e [40-66](#). Os capítulos [36-37](#) completam a seção assíria, e os capítulos [38-39](#) introduzem o material babilônico. A maioria dos capítulos de ligação é escrita em prosa, enquanto os outros (em algumas traduções) são em grande parte poesia. Do ponto de vista da unidade verbal ou estilística, pode-se apontar para o título favorito de Isaías para Deus, “o Santo de Israel”. Este título aparece 12 vezes nos capítulos [1-39](#) e [14](#) vezes nos capítulos [40-66](#), mas apenas sete vezes no restante do AT. Um estudo das famosas Canções do Servo de [52.13-53.12](#) revela vários vínculos com passagens anteriores, especialmente nos capítulos [1-6](#). O servo que é

ferido e machucado ([53.4-5](#)) recebe o mesmo castigo que a nação espancada e ferida de [1.5-6](#) (também cf. [52.13](#) com [2.12](#) e [6.1](#)).

Ensino teológico

Isaías é para o AT como o livro de Romanos é para o NT — um livro repleto de rica verdade teológica. Assim como Romanos, Isaías revela a pecaminosidade do povo rebelde de Deus e sua graciosa provisão de salvação. Porque Deus é o Santo de Israel ([1.4; 6.3](#)), ele não pode ignorar o pecado, mas deve punir aqueles que são culpados. Tanto Israel ([5.30; 42.25](#)) quanto as outras nações ([2.11,17,20](#)) experimentam um tempo de julgamento conhecido como o Dia do Senhor. Em sua ira, Deus levanta sua mão contra seu povo (cf. [5.25](#)), mas, em última análise, sua ira é derramada sobre Babilônia e as nações (cf. [13.3-5; 34.2](#)).

Com a queda da Assíria e Babilônia, o Dia do Senhor torna-se um dia de vitória jubilosa ([10.27; 61.2](#)). De acordo com [Isaías 63.4](#), é o ano da redenção do Senhor. Anteriormente, Israel havia sido redimido da escravidão no Egito; agora o retorno do cativeiro babilônico traz alegria igual ([52.9; 61.1](#)). A redenção final será realizada através da morte de Cristo, e [Isaías 53](#) descreve o sofrimento e a morte do nosso Senhor de forma gráfica. Seu ministério como o Servo Sofredor também é introduzido em [49.4](#) e [50.6-7](#); enquanto isso, [49.6](#) afirma que o servo será “uma luz para os gentios”. Olhando para a Segunda Vinda, Isaías prediz uma era messiânica de paz e justiça. As nações “converterão suas espadas em arados” ([2.4](#)) e o “Príncipe da Paz” reinará para sempre ([9.6-7](#)).

Ao longo do livro, Deus é retratado como o Criador todo-poderoso ([48.13](#)) — o soberano sentado em um trono, alto e exaltado; o Rei, o Senhor Todo-poderoso ([6.15](#)). Ele controla os exércitos da terra ([13.4](#)) e remove governantes conforme sua vontade ([40.23-24](#)). Diante dele, as nações “são como uma gota de água num balde” ([40.15](#), NTLH), e comparados a ele, todos os ídolos são inúteis e sem poder ([41.29; 44.6](#)). Este é o Deus que mostra sua fúria aos seus inimigos e seu amor aos seus servos ([66.14](#)).

Conteúdo

Mensagens de Julgamento e Esperança ([1-12](#))

No capítulo de abertura, Isaías caracteriza Israel (incluindo Judá) como “uma nação pecadora” que se rebelou contra Deus. Embora o povo ofereça sacrifícios regularmente a Ele, sua adoração é

hipócrita, uma tentativa de mascarar sua opressão aos pobres e desamparados. O Senhor encoraja a nação a se arrepender de seus pecados ou enfrentar as chamas do julgamento. Após esta introdução, Isaías passa a descrever a paz da era messiânica em [2.1-4](#). O dia chegará quando todas as nações obedecerão à palavra de Deus e viverão em paz. "O monte... do Senhor" — Jerusalém — será exaltado e "os povos de todas as nações irão correndo para lá" ([2.2-3](#), NTLH). Entretanto, por enquanto, tanto Israel quanto as nações se exaltaram contra o Senhor, e Ele os julgará em uma impressionante demonstração de poder. Para Israel, o julgamento de Deus trará grande tumulto, incluindo a perda de seus líderes. Desafiantes e implacáveis, os governantes enfrentarão a morte ou a deportação. O capítulo [3](#) termina denunciando o orgulho e a vaidade das mulheres de Sião; elas também sofrerão desgraça. Após Jerusalém ser purificada de seu pecado, o remanescente desfrutará do governo do "ramo do Senhor", que protegerá e guardará seu povo ([4.2-6](#)).

Em [5.1-7](#), Isaías apresenta uma breve canção sobre Israel como a vinha de Deus. O Senhor fez tudo o possível para garantir uma colheita de boas uvas, mas a vinha produziu apenas frutos ruins e teve que ser destruída. Isaías então pronuncia seis avisos contra Israel e anuncia que o exército assírio invadirá a terra. Contra o pano de fundo do pecado de Israel, Isaías (cap. [6](#)) relata a visão através da qual foi chamado como profeta. Impressionado pela santidade de Deus e por sua própria pecaminosidade, Isaías pensou que estava arruinado, mas quando foi assegurado de que seus pecados foram perdoados, ele respondeu positivamente ao chamado de Deus, apesar da teimosia da nação para a qual foi enviado.

Um dos indivíduos mais teimosos de toda a nação era o Rei Acaz de Judá, e o capítulo [7](#) descreve o encontro de Isaías com este governante ímpio. Quando Acaz foi ameaçado por Damasco e pelo reino do norte, ele se recusou a acreditar na promessa de Isaías de que Deus o protegeria. Esta foi a ocasião em que Isaías deu a Acaz o sinal de Emanuel ([7.14](#)). A "virgem" refere-se, em última análise, a Maria e "Emanuel" a Cristo ([Mt 1.23](#)), mas no cumprimento próximo a criança poderia ser o próprio filho de Isaías, Maer-Salal-Hás-Baz ([Is 8.3](#)). (Veja quatro interpretações desta passagem em Nascimento virginal de Jesus.) Este nome (que significa "rápido para saquear e veloz para despojar," v. [1](#)) seria um sinal de que em breve os inimigos de Judá cairiam; "Emanuel" significava que Deus estaria com Judá (v. [10](#)). No entanto, se

Acaz apelasse por ajuda ao rei da Assíria, Isaías o advertiu, os poderosos exércitos da Assíria um dia também invadiriam Judá (cf. [7.17-25](#); [8.6-8](#)). A destruição trazida pela Assíria mergulharia Judá em um tempo de fome e angústia ([8.21-22](#)).

No entanto, a escuridão e a tristeza associadas à invasão assíria não durariam indefinidamente, e [9.1-5](#) fala de um tempo de paz e alegria. Os versículos [6-7](#) introduzem uma criança que se tornaria um Rei justo e governaria para sempre. Este "Príncipe da Paz" é o Messias, o "Deus Poderoso" cujo reino é descrito em [2.2-4](#).

No futuro imediato, tanto Israel quanto Judá sofrerão a agonia da guerra como punição por seus pecados. Deus está irado com seu povo porque eles são orgulhosos e arrogantes, e seus líderes ignoram os apelos dos pobres e necessitados. Guerra civil e invasão estrangeira esmagarão a nação desamparada ([9.8-10.4](#)). Mas, uma vez que Israel tenha sido julgado, Deus voltará sua mão contra a Assíria, o instrumento que Ele usou para julgar outras nações. Por causa de sua série de vitórias, a Assíria está cheia de orgulho e ansiosa por mais triunfos. No entanto, mesmo quando Jerusalém está prestes a sucumbir, Deus derrubará o exército assírio como um cedro no Líbano e poupará seu povo ([10.26-34](#)).

Após a derrota da Assíria, Isaías descreve a restauração de Israel e o poderoso governo do Messias (cap. [11](#)). Tanto judeus quanto gentios serão atraídos para Jerusalém para desfrutar de uma era de paz e justiça. Como Davi, o Messias terá o Espírito de Deus repousando sobre ele enquanto julga os ímpios e protege os necessitados. Para concluir essas mensagens iniciais, Isaías oferece duas breves canções de louvor que celebram a libertação passada de Deus e sua promessa de bênção futura (cap. [12](#)).

Oráculos contra as nações ([13-23](#))

Embora Babilônia não seja a maior potência do momento, Isaías comece seus anúncios de julgamento com dois capítulos sobre a destruição do vizinho ao sul da Assíria. Babilônia eventualmente conquistará Jerusalém (entre 605 e 586 a.C.), mas os medos ([13.17](#)), junto com os elamitas, capturarão Babilônia (539 a.C.). Apesar da glória que futuros reis de Babilônia alcançarão, Deus levará sua pompa para a sepultura ([14.9-10](#)). O capítulo termina com breves profecias contra a Assíria e os filisteus.

Um dos inimigos mais antigos de Israel era a nação de Moabe, situada a leste do Mar Morto. Embora fosse um país pequeno, Isaías dedica dois capítulos a esses descendentes de Ló. O capítulo 15 descreve o extenso luto que dominará suas cidades. Após um breve interlúdio instando os moabitas a se submeterem a Israel e ao seu Deus (16.1-5), Isaías observa que o orgulho levará à queda de Moabe. Sons de choro enchem a terra enquanto as vinhas e campos murcham e são pisoteados.

No capítulo 17, o quarto oráculo é dirigido contra Damasco e Efraim (o reino do norte de Israel), provavelmente refletindo sua aliança contra Judá por volta de 734 a.C. Ambas as nações enfrentarão a ruína, e Efraim é condenado por abandonar o Senhor, seu “Salvador” e “Rocha” (17.10).

Nos capítulos 18 e 19, Isaías se volta para o sul e dirige-se à Etiópia e ao Egito, países que tinham fortes laços de 715-633 a.C., quando um etíope chamado Shabako tornou-se Faraó no Egito. Mas o Egito é assolado pela desunião e sofre muito nas mãos dos reis assírios. Apesar da suposta sabedoria de seus líderes, o Egito enfrenta ruína econômica e política (19.5-15). No entanto, o tempo está chegando em que os egípcios serão restaurados e adorarão o Deus de Israel. Junto com a Assíria e Israel, o Egito se tornará uma bênção (19.24). Alguns intérpretes acreditam que esta é uma profecia da salvação dos gentios durante a era da igreja, mas outros relacionam este dia à paz da era milenar (cf. 2.2-4; 11.6-9). Para o futuro imediato, no entanto, Isaías anuncia que a Assíria levará muitos egípcios e etíopes para o cativeiro (cap. 20).

Um segundo oráculo sobre Babilônia (cf. 13.1-14.23) está contido no capítulo 21, e Isaías fica atônito ao considerar o impacto da queda de Babilônia (21.3-4). Quando Babilônia colapsar, o mundo saberá que seus deuses eram impotentes (21.9; cf. Ap 14.8; 18.2).

Embora pareça fora de lugar entre esses oráculos contra as nações, o capítulo 22 condena a cidade de Jerusalém. Assim como as nações, Jerusalém está cheia de festividades (22.2), mas em breve enfrentará os terrores de um cerco. Como o povo não confia mais no Senhor (v. 11), ele os entregará ao inimigo. A infidelidade de Jerusalém é exemplificada por Sebna, um alto funcionário culpado de orgulho e materialismo, cuja posição será ocupada pelo piedoso Eliaquim (vv. 15-23).

O último oráculo (cap. 23) é dirigido contra a cidade de Tiro, que resistiu à captura até que

Alexandre, o Grande, conquistou a fortaleza insular em 332 a.C. Quando Tiro caiu, a economia de todo o mundo mediterrâneo foi abalada, pois seus navios transportavam mercadorias das nações por toda parte.

Julgamento final e bênção (24-27)

Esta seção funciona como um grande final para os capítulos 13-23, pois antecipa o julgamento de Deus sobre as nações e a inauguração do reino de Deus. Uma terra contaminada deve suportar sua punição (24.5-6) e até mesmo as forças de Satanás enfrentam julgamento (vv. 21-22).

No capítulo 25, Isaías se alegra com o grande triunfo de Deus e vislumbra um dia em que a morte será destruída e as lágrimas serão enxugadas de todos os rostos (25.8). Os antigos inimigos de Israel, simbolizados por Moabe, serão abatidos (vv. 10-12), mas Jerusalém será uma fortaleza para os justos (26.1-3). Em 26.7-19, a nação ora para que essas promessas se tornem realidade. Os versículos 20-21 indicam que o Senhor de fato responderá, derramando sua ira sobre uma terra amaldiçoada pelo pecado e sobre Satanás em pessoa (27.1). Quando isso acontecer, Israel será uma vinha frutífera, uma bênção para todo o mundo (27.2-6; contraste 5.1-7). Primeiro, no entanto, Israel terá que suportar guerra e exílio, e então o remanescente retornará a Jerusalém.

Uma série de lamentações (28-33)

Retornando ao seu próprio período histórico, Isaías pronuncia uma série de ais sobre ambos os reinos do norte e do sul, bem como um sobre a Assíria (cap. 33). O capítulo 28 começa com uma descrição do poder decadente de Samaria, a capital do reino do norte. Os versículos 7-10 retratam os líderes de Judá da mesma forma; eles desconsideraram a mensagem de Isaías e estão desconectados de Deus. O julgamento está a caminho, e sua preparação falsa (vv. 15.18) não será de nenhuma utilidade. Deus lutará contra Israel (vv. 21-22), e até mesmo Jerusalém será colocada sob cerco até que Deus em sua misericórdia intervenha (29.1-8). Por causa de sua adoração hipócrita, o povo merece ser punido, mas no futuro Israel novamente reconhecerá o Senhor e será feito completo física e espiritualmente (29.17-24).

Os capítulos 30 e 31 denunciam a aliança proposta por Judá com o Egito na tentativa de frustrar a Assíria. Deus quer que seu povo confie nele, não em seus vizinhos pouco confiáveis ao sul. O Senhor

promete proteger Jerusalém ([30.18](#); [31.5](#)) e derrotar o exército assírio invasor ([30.31-33](#); [31.8-9](#)). Ninguém pode resistir à sua poderosa espada.

Continuando nesta nota positiva, Isaías continua a enfatizar o governo justo do rei messiânico nos capítulos [32](#) e [33](#). Sião desfrutará de paz e segurança finalmente ([32.2,17-18](#); [33.6](#)), uma grande mudança em relação ao tempo de Isaías. No século VIII a.C., em Judá, as mulheres poderiam se sentir seguras ([32.9](#)), mas as tropas assírias devastariam as colheitas e causariam luto generalizado. No entanto, o lamento logo terminará, pois o profeta pronuncia desgraça sobre a Assíria em [33.1](#). Após Isaías orar pela destruição da Assíria ([33.2-9](#)), Deus promete agir (vv. [10-12](#)). Os soldados e oficiais inimigos desaparecerão, pois o Senhor salvará seu povo e lhes trará justiça e segurança.

Mais julgamento e bênção ([34-35](#))

Esta seção forma um clímax para os capítulos [28-33](#). Mais uma vez, um julgamento cataclísmico precede um tempo de bênção e restauração. No capítulo [34](#), Isaías descreve um julgamento de dimensões cósmicas ao considerar os últimos dias. Céu e terra suportam a ira de Deus que é derramada sobre as nações, e o versículo [4](#) fornece a base para a descrição de João da grande tribulação em [Apocalipse 6.13-14](#). Edom (como Moabe; veja [Is 25.10-12](#)) representa um mundo julgado pela espada do Senhor em seu dia de vingança.

O capítulo [35](#), por outro lado, fala de alegria e restauração em uma passagem vibrante. Um deserto florescente simboliza a era física e espiritual quando Deus virá para redimir seu povo. Tanto o retorno dos israelitas do cativeiro babilônico quanto a Segunda Vinda de Cristo se encaixam nesta cena gloriosa.

Interlúdio histórico ([36-39](#))

Esses capítulos formam a dobradiça que conecta as duas metades do livro. Os capítulos [36](#) e [37](#) contêm o cumprimento das profecias de Isaías sobre o colapso da Assíria, e os capítulos [38](#) e [39](#) introduzem o cativeiro babilônico que forma o pano de fundo para os capítulos [40-66](#). Em 701 a.C., o Rei Senaqueribe da Assíria exige a rendição incondicional de Jerusalém. Ele envia seu comandante de campo para falar ao povo e tentar obter sua submissão. Com palavras persuasivas, o comandante tenta convencer a cidade de que a

rendição é a melhor política. Incrivelmente, o povo não entra em pânico, e o Rei Ezequias pede a Isaías que ore pela cidade sitiada. O profeta assim o faz e anuncia que os orgulhosos assírios não triunfarão. Em vez disso, eles sofrem um terrível desastre quando o anjo do Senhor abate 185.000 homens.

Os capítulos [38](#) e [39](#) relatam outra crise na vida de Ezequias quando ele fica gravemente doente. Milagrosamente, Deus o cura, e Ezequias louva o Senhor por sua graciosa intervenção. Quando o rei da Babilônia envia emissários para parabenizar Ezequias por sua recuperação, Ezequias, de forma imprudente, mostra a esses mensageiros seus tesouros reais. Isaías anuncia solenemente que algum dia os exércitos da Babilônia capturarão Jerusalém, saquearão a terra e levarão esses tesouros.

O retorno da babilônia ([40-48](#))

O cativeiro babilônico eventualmente chega, mas Isaías promete que ele terminará. Deus, o Criador incomparavelmente poderoso, é muito maior do que qualquer rei, nação ou deus, e ele trará seu povo de volta a Jerusalém. Para realizar este retorno do exílio, Deus levanta Ciro, o rei da Pérsia ([41.2,25](#)). O Senhor não esquece seu povo e os encoraja a ter coragem e a se alegrar.

No capítulo [42](#), somos apresentados a uma pessoa ainda mais significativa do que Ciro, o Persa. Os versículos [1-7](#) (o primeiro de quatro Cânticos do Servo) descrevem o servo do Senhor, que trará justiça às nações e será “uma luz para os gentios” ([42.6](#)). Este é o Messias, e a redenção que ele realizará no Calvário (cf. cap. [53](#)) é maior do que a libertação da Babilônia. À luz das boas-novas associadas ao servo, Isaías louva o Senhor por punir os ímpios e resgatar seu povo desviado. O capítulo [43](#) declara que nada impedirá o retorno de Israel, e o Senhor não se lembrará mais dos seus pecados. De fato, ele derramará seu Espírito sobre os descendentes deles ([44.3](#)).

Um Deus tão grande é muito mais poderoso do que qualquer ídolo. Em [44.6-20](#), Isaías usa sátira para mostrar a inutilidade das imagens feitas pelo homem. Somente Deus tem o poder de criar e restaurar, e ele trará Ciro à cena para efetuar a libertação dos exilados e iniciar a reconstrução de Jerusalém. Os capítulos [46](#) e [47](#) contrastam o Deus de Israel e os ídolos da Babilônia. Quando Deus levantar Ciro, os ídolos da Babilônia serão incapazes de salvar sua nação, e a rainha dos reinos ([47.5](#)) colapsará junto com seus feiticeiros e astrólogos. O capítulo final desta seção (cap. [48](#))

reafirma o propósito de Deus de libertar os israelitas da Babilônia através de seu aliado escolhido, Ciro da Pérsia.

Salvação através do Servo do Senhor (49–57)

Os capítulos 49–53 contêm os três últimos Cânticos do Servo (cf. também 42.1–7), culminando na morte do servo pelos pecados do mundo (52.13–53.12). No Segundo Cântico do Servo (49.1–7), Isaías descreve o chamado e o ministério do servo, observando que ele enfrentará forte oposição ao realizar a salvação para Israel e as nações. O restante do capítulo 49 trata principalmente da maneira como Deus trará Israel de volta do exílio. Em breve, a terra estará cheia de uma grande multidão (vv. 19–21), e os gentios reconhecerão Israel e seu Deus (vv. 22–23).

Embora Israel tenha merecido plenamente o exílio por causa de seus pecados (50.1–3), o sofrimento suportado pelo servo (vv. 4–11; o terceiro Cântico do Servo) é totalmente imerecido. A surra e a zombaria do versículo 6 são proféticas da experiência de Cristo (cf. Mt 27.26,30; Mc 15.19). Nos versículos 10–11 de Isaías 50, toda a nação é desafiada a confiar no Senhor, como fez o servo. Há, de fato, um remanescente crente que obedece ao Senhor (51.1–8), e o Senhor promete que os restaurará à sua terra natal. Israel bebeu o cálice da ira de Deus (vv. 17,22), mas as boas-novas de libertação do exílio fazem até as ruínas de Jerusalém explodirem em cânticos de alegria (52.7–10).

No entanto, a melhor notícia de todas é a salvação do pecado; o último Cântico do Servo (52.13–53.12) conta como Cristo conquista a liberdade para aqueles presos ao pecado. Nesta breve passagem, aprendemos como Cristo sofre rejeição (53.3) e até desfiguração (52.14). Conduzido como um cordeiro ao matadouro (53.7), ele carrega nossos pecados em seu corpo enquanto morre em ignomínia. As pessoas pensam que ele está sofrendo por seus próprios pecados (v. 4), mas ele é “transpassado” e “esmagado por nossas iniquidades” (v. 5). Os primeiros e últimos parágrafos desta seção (52.13–15; 53.10–12) afirmam que através de seu sofrimento o servo é altamente exaltado. O que parece uma terrível derrota é, na verdade, uma vitória sobre a morte e Satanás e traz salvação para muitos.

Como resultado direto da morte do servo, grande alegria vem para todas as pessoas. No capítulo 54, essa alegria se reflete no novo status de Jerusalém como esposa do Senhor. Seus descendentes serão

numerosos e ansiosos para aprender com o Senhor. Pela primeira vez, aparece o plural “servos do Senhor” (54.17), aparentemente incluindo todos os crentes, sejam judeus ou gentios (cf. 65.8–9,13–15). Alegria e prosperidade também caracterizam o capítulo 55, um convite para um grande banquete espiritual. Todas as pessoas são instadas a se voltar para o Senhor que cumpre suas promessas a Israel. Em 56.1–8, os estrangeiros são convidados a vir ao “monte santo” de Deus em Jerusalém, pois o templo será uma casa de oração para todas as nações (56.7; cf. Mt 21.13).

Os gentios crentes são fortemente contrastados com os judeus incrédulos, e em 56.9–57.13 Isaías retorna novamente ao tema do julgamento. Israel sofre porque seus líderes são perversos e porque o povo é culpado de idolatria. A cura espiritual está disponível, mas, a menos que os indivíduos se arrependam, eles não poderão fazer parte do remanescente que retornará do exílio e desfrutará da paz na Terra Prometida.

Bênção suprema e julgamento final (58–66)

Os últimos nove capítulos de Isaías enfatizam a redenção e a glória, mas a realidade do julgamento também está muito evidente. De fato, os capítulos 58 e 59 lamentam os pecados de Israel. O povo é hipócrita em sua adoração; eles são egoístas e não guardam o sábado. Mentiras, opressão e assassinato separam o povo de Deus. Quando Isaías confessa abertamente esses pecados (59.12–13), o Senhor subitamente age em favor de seu povo. Como um poderoso guerreiro, ele resgata o remanescente crente da Babilônia e os traz de volta para Jerusalém.

No capítulo 60, a glória e a riqueza de Jerusalém atingem novos patamares. Tanto a cidade quanto o santuário são adornados com esplendor, igualando a prosperidade do reinado de Salomão. Assim como as nações trataram Salomão com honra, os líderes da terra ajudarão e fortalecerão os exilados que retornam. Embora seja verdade que o governo persa ajudou os judeus repetidamente, as condições descritas aqui terão seu cumprimento final durante o Milênio e em conexão com a nova Jerusalém (cf. Ap 21.23; 22.5). As ruínas antigas serão reconstruídas (Is 61.4), e o Senhor cumprirá a aliança feita com Abraão e Davi (Is 61.8; cf. Gn 12.1–3; Is 55.3). Jerusalém será a cidade do povo santo, os redimidos do Senhor (Is 62.12), e o Senhor se deleitará nela (v. 4).

Para realizar a salvação para seu povo, Deus terá que julgar os ímpios primeiro. O Grande

pisoteamento do lagar ([63.2–3](#)) retrata graficamente o processo de julgamento e está ligado ao Dia do Senhor (cf. [13.3](#); [34.2](#)). Como Deus prometeu intervir em favor de seu povo, Isaías ora pela realização dessa promessa ([63.7–64.12](#)). Ele relembra a fidelidade de Deus no passado e suplica que Ele novamente tenha misericórdia de seu povo sofredor.

A resposta à oração de Isaías é encontrada no capítulo [65](#). Deus promete devolver a Terra Santa aos seus servos, àqueles que o adoram e obedecem. Mas para aquele segmento da nação que continua em sua obstinação, Deus promete angústia e destruição. A alegria suprema dos servos de Deus está contida em uma descrição de novos céus e uma nova terra ([65.17–25](#)). Paz, longa vida e prosperidade estarão entre as bênçãos desfrutadas em uma era que parece combinar características do Milênio e do estado eterno (cf. cap. [60](#)).

Em um resumo apropriado, o capítulo [66](#) une os temas de salvação e julgamento. Deus confortará Jerusalém e a abençoará abundantemente, mas os pecadores são alvos de sua ira. Aqueles que o honram perdurarão para sempre, mas os que se rebelam sofrerão rejeição eterna.

Veja também Isaías (Pessoa); Israel, História; Messias; Profecia; Profeta, Profetisa; Servo do Senhor; Nascimento virginal de Jesus.

Isaque

O filho de Abraão e Sara e o pai de Jacó e Esaú. Isaque foi um dos patriarcas de Israel, os primeiros pais ou líderes fundadores do povo israelita na Bíblia.

Nascimento e primeiros anos de Isaque

O nome Isaque tem uma origem linguística interessante. É a versão em português do hebraico *Yitschaq*, em grego "Isaak". Na forma imperfeita, significa "ele ri". Na forma perfeita, significa "ele riu". Os estudiosos discutem o significado de quem está rindo no nome.

Se Deus é o "ele" que ri, o nome poderia mostrar diversão divina. Abraão e Sara ambos riram diante da perspectiva de ter um filho ([Gn 17.17](#); [18.12](#)). A promessa de Deus foi cumprida quando eles inesperadamente se tornaram pais.

A origem familiar de Isaque também é interessante. Sara não era apenas a esposa de Abraão, mas

também sua meia-irmã ([Gn 20.12](#)). Esse fato por si só pode ter interferido na concepção em seus primeiros anos. Por causa desse relacionamento, Isaque pertencia a ambos os lados da família de Terá. De acordo com a prática comum da época, o filho da esposa legal tinha precedência sobre os filhos homens das concubinas. Isso significava que Isaque tinha prioridade de herança sobre Ismael. Os presentes que Abraão mais tarde deu aos filhos de suas concubinas ([25.6](#)) foram sem prejuízo à herança de Isaque.

Seguindo as instruções de Deus ([Gn 17.10–14](#)), Abraão circuncidou Isaque no oitavo dia como membro da comunidade da aliança. A próxima cerimônia ocorreu quando ele provavelmente tinha cerca de três anos. Nos países orientais, as pessoas celebram a transição de uma criança do leite para a comida sólida com um banquete. Este evento ainda é, às vezes, observado. Durante a celebração, a mãe mastiga uma porção de comida sólida e a empurra para a boca do bebê com a língua. O bebê muitas vezes fica tão chocado com esse tratamento que prontamente expulsa a comida, e a mãe repete o processo. Para um observador, o procedimento pode ser hilário, e Ismael pode ter rido disso quando Sara ficou zangada ([21.8–10](#)).

Durante os anos da juventude de Isaque, Abraão estava vivendo no território dos filisteus ([Gn 21.34](#)). O teste da fé e obediência do pai ocorreu nesse período. Abraão viu este filho da promessa de Deus crescer e se tornar um jovem saudável. Então, Deus pede que ele ofereça Isaque como sacrifício.

Isaque conhecia os rituais de sacrifício e ajudou nos preparativos. Ele também estava ciente das tradições que conferiam ao chefe da família o poder de vida ou morte sobre todos os membros. Se ele protestou enquanto estava amarrado no altar de sacrifício, isso não é mencionado na história.

Quando a fé de Abraão não vacilou, Deus interveio no momento crucial e providenciou outra oferta, um carneiro. Por causa da obediência de Abraão, Deus prometeu-lhe uma grande bênção. Isaque também participou dessa bênção ([Gn 22](#); [25.11](#)). Foi esse ato de fé e obediência que Paulo honrou séculos depois ao chamar Abraão de antepassado da igreja cristã ([Rm 4](#)).

Casamento e família de Isaque

Após a morte de Sara ([Gn 23](#)), Abraão queria garantir uma noiva para Isaque. Era costume que

os pais arranjassem casamentos para seus filhos. Ele não queria que Isaque se casasse com uma mulher local não judia. Em vez disso, Abraão enviou o administrador de sua casa a Naor, na Mesopotâmia, para procurar uma noiva para seu filho entre seus parentes.

[Gênesis 24](#) descreve como o servo conheceu Rebeca. A história enfatiza fé, perseverança e bênção divina. Naor formalizou o noivado de Rebeca com Isaque mesmo antes de ele ter conhecido o restante de sua família. O pai de Rebeca, Betuel, e o irmão, Labão, concordaram com esse arranjo. Rebeca deixou sua casa com a bênção da família para assumir suas novas responsabilidades na Palestina como esposa de Isaque.

Quando Abraão morreu em idade avançada, Isaque e Ismael o enterraram na caverna de Macpela ([Gn 25.8-9](#)). Isaque agora era o patriarca da família e responsável por liderar e tomar decisões importantes para todo o grupo familiar. Ele implorou a Deus para que Rebeca pudesse ter filhos. Ela deu à luz gêmeos, Esaú ("o peludo") e Jacó ("usurpador", que significa aquele que toma o lugar de outro).

Esaú tornou-se caçador, e Isaque o favorecia. Jacó era mais caseiro e agricultor e era favorecido por sua mãe. Jacó também era astuto. Ele aproveitou a fome extrema de Esaú um dia, barganhando com seu irmão mais velho para trocar seu direito de primogenitura por um pouco de ensopado de lentilhas. Possuir o direito de primogenitura significava que Jacó receberia uma herança dobrada ([Dt 21.17](#)).

Anos finais e legado de Isaque

Quando a fome chegou à terra, Deus disse a Isaque para não ir ao Egito ([Gn 26.2](#)). Isaque permaneceu na Palestina, onde Deus lhe prometeu que ele desfrutaria de uma boa vida. Quando os homens da região perguntaram sobre Rebeca, Isaque ficou com medo e disse que ela era sua irmã. Quando a mentira foi revelada, Abimeleque, o rei, repreendeu Isaque. O rei avisou a todos na área para não interferirem com Isaque. Isaque prosperou tanto que Abimeleque finalmente pediu que ele se mudasse. Isaque levou sua família para Berseba, onde havia muita água para seus rebanhos, e sua fortuna aumentou.

Embora Esaú fosse o filho favorito de Isaque, seu pai não aprovava os dois casamentos de Esaú com mulheres hititas. Quando Isaque sentiu que o fim

de sua vida se aproximava, ele quis abençoar seu primogênito da maneira tradicional ([Gn 27](#)). Rebeca ouviu as instruções dadas a Esaú e incentivou Jacó a enganar o velho cego, disfarçando-se de Esaú para tomar a bênção de seu irmão.

O engano foi bem-sucedido, e Isaque concedeu a Jacó a bênção do primogênito. Quando Esaú chegou para receber sua bênção, já era tarde demais. Esaú ficou profundamente amargurado com Jacó por causa do ocorrido.

Rebeca enviou Jacó para seu irmão Labão na Mesopotâmia, para escapar da raiva de Esaú e também para encontrar uma esposa. Esaú recebeu uma bênção de Isaque, mas uma menor. Duas décadas depois, um Jacó rico retornou com sua família. Ele fez as pazes com Esaú antes de Isaque morrer, e os irmãos enterraram Isaque em Hebrom ([Gn 35.27-29](#)).

Isaque não é tão conhecido nas narrativas do Antigo Testamento quanto Abraão ou Jacó. Passagens do Novo Testamento como [Atos 7.8](#), [Romanos 9.7](#), [Gálatas 4.21-31](#) e [Hebreus 11.9-20](#) reconhecem sua importância para a fé da aliança (fé baseada em confiar nas promessas de Deus e seguir Suas instruções). Isaque representa a nova aliança que Deus fez com Abraão como o filho da promessa de Deus.

Veja também Israel, História de; Período dos patriarcas.

Isar

1. Um dos filhos de Coate da tribo de Levi ([Êx 6.18,21](#); [Nm 3.19](#); [1Cr 6.2,18,38](#); [23.12,18](#)). Ele foi o pai da família Isarita ([Nm 3.27](#); [1Cr 24.22](#); [26.23,29](#)). Ele também é chamado de Aminadabe em [1Cr 6.22](#). Um dos filhos de Isar foi Corá, que liderou a rebelião contra Moisés e Arão ([Nm 16.1-11](#)).
2. Filho de Helá da tribo de Judá ([1Cr 4.7](#)).

Isbá

O filho de Merede com Bitia, a filha do Faraó ([1Cr 4.17](#)).

Isbaque

Um dos filhos de Abraão com Quetura ([Gn 25.2](#); [1Cr 1.32](#)).

Isbi-Benobe

Um gigante que quase matou Davi. Durante uma de suas muitas batalhas com os filisteus, Davi ficou exausto e Isbi-Benobe quase o matou. Abisai matou o gigante e salvou Davi ([2Sm 21.16](#)).

Isbosete

Outro nome para Esbaal, filho do rei Saul. Ele se tornou rei após a morte de seu pai ([2Sm 2-4](#)). Isbosete governou por um curto período antes de morrer.

Veja Esbaal.

Iscá

Filha de Harã e irmã de Milca ([Gn 11.29](#)).

Iscariotes

Iscariotes refere-se a Judas Iscariotes, um dos doze discípulos de Jesus. Ele é conhecido por ter traído Jesus.

Veja Judas #1.

Isi

1. O filho de Apaim, pai de Sesã e descendente de Judá pela linhagem de Jerameel ([1Cr 2.31](#)).
2. Homem da tribo de Judá, cujos descendentes foram Zoete e Ben-Zoete ([1Cr 4.20](#)).
3. Simeonita, cujos quatro filhos lideraram 500 homens ao Monte Seir, onde destruíram o remanescente dos amalequitas e estabeleceram seu próprio povo ([1Cr 4.42](#)).
4. Um dos líderes da meia tribo de Manassés a leste do Jordão ([1Cr 5.24](#)).

5. Expressão usada para Deus, que significa "meu marido", pelo qual Israel um dia o chamará ([Os 2.16](#)).

Veja também Deus, Nomes de.

Ísis

Uma deusa importante na religião do antigo Egito e esposa de Osíris, o deus dos mortos e do além.

Veja Egito, Egípcio (Religião).

Isma

Filho de Etã, da tribo de Judá ([1Cr 4.3](#)).

Ismael

Ismael

Ismael

1. O primeiro filho de Abraão nasceu de Agar, a serva egípcia de Sara, esposa de Abraão. Foi Sara quem escolheu Agar para ter um filho com Abraão. Deus prometeu fazer de Abraão uma grande nação, mesmo ele não tendo filhos ([Gn 12.2](#)). Deus prometeu-lhe que seu filho seria seu herdeiro ([15.4](#)). Mas quando Sara tinha mais de 75 anos e ainda não tinha tido filhos, ela seguiu um costume daquela época e deu sua serva Agar a Abraão como concubina. Isso era para dar a Sara um filho através de Agar ([16.1-2](#)). Depois que Agar ficou grávida, ela começou a tratar Sara com desrespeito. Sara então tratou Agar com severidade, fazendo com que ela fugisse. Um anjo encontrou Agar e disse-lhe para voltar. O anjo também prometeu a ela um filho, dizendo-lhe para nomeá-lo Ismael, que significa "Deus ouve" ([16.9-11](#)). O menino nasceu perto de Hebrom quando Abraão tinha 86 anos ([13.18](#); [16.16](#)). Abraão e Sara inicialmente pensaram que Ismael era o filho que Deus havia prometido a eles ([17.17](#); [18.12](#)). Quando Deus mais tarde anunciou que Sara teria seu próprio filho chamado Isaque, Abraão até pediu a Deus que aceitasse Ismael em vez disso ([17.18](#)). Quando Ismael tinha 13 anos, ele foi circuncidado como testemunho da aliança de Deus com Abraão ([17.9-14.22-27](#)). O Senhor prometeu fazer de Ismael o pai de 12 príncipes, dos quais viria uma grande nação. Mas a aliança (o acordo especial de Deus com Abraão) seria estabelecida com Isaque ([17.20-21](#)). Os problemas começaram quando Isaque foi desmamado, por volta dos três anos de idade. Quando Sara viu Ismael zombando de seu filho Isaque, ela decidiu que o filho de uma escrava não deveria ser herdeiro junto com seu filho Isaque. Ela exigiu que Ismael e Agar fossem mandados embora. Embora isso tenha chateado Abraão,

Deus disse a ele para fazer o que Sara pediu. Abraão deu-lhes um pouco de comida e água e os mandou embora. Ficou então claro para Abraão que Isaque, e não Ismael, era o filho da promessa de Deus.

Agar sobreviveu no deserto com a ajuda de um anjo. Ismael tornou-se um caçador de animais selvagens e se estabeleceu no deserto de Parã. Ele se casou com uma mulher egípcia ([21.20-21](#)). Não há muito mais escrito sobre ele, exceto que anos depois ele ajudou a enterrar Abraão ([25.9-10](#)). Ele também deu sua filha Maalate em casamento ([28.9](#)). Ismael morreu aos 137 anos ([25.17](#)). Os nomes de seus 12 filhos e seus assentamentos estão registrados em [Gênesis 25.13-16](#). Na história posterior, uma caravana de comerciantes ismaelitas (também chamados de midianitas, cp. [Jz 8.22-24](#)) comprou José de seus irmãos e o vendeu no Egito ([Gn 37.25-28; 39.1](#)). Embora Isaque tenha recebido as promessas especiais de Deus em vez de Ismael, isso não significava que Deus rejeitou Ismael. Abraão e Sara inicialmente tinham grandes expectativas sobre o papel de Ismael no plano de Deus, mas mais tarde tentaram excluí-lo completamente de maneira equivocada.

No Novo Testamento, Paulo usa a história de Ismael e Agar para ensinar aos Gálatas que a lei não deve ser vista como um fardo ([Gl 4.22](#)). Ele afirma que aqueles que confiam na lei de Moisés, em vez de confiarem nas promessas de Deus, não herdam o reino de Deus. Ismael, o filho da escrava (aqui um símbolo da lei), não recebeu herança com o filho da mulher livre (versículo [30](#)).

2. Um membro da família real do rei Zedequias, através de seu pai Netanias e avô Elisama ([2Rs 25.25](#)). Esta história ocorre durante o período em que Babilônia controlava Judá. O rei babilônico Nabucodonosor nomeou um homem chamado Gedalias como governador na cidade de Mispa. Baalis, o rei dos amonitas, convenceu Ismael a matar Gedalias. Antes que isso acontecesse, um homem chamado Joanã avisou Gedalias sobre o plano para matá-lo. Joanã até pediu permissão para matar Ismael primeiro para proteger Gedalias, mas Gedalias se recusou a acreditar no aviso ([Jr 40.14-16](#)). Ismael veio a Mispa com dez homens. Enquanto estavam comendo uma refeição com Gedalias, eles o mataram, assim como os soldados babilônicos que estavam com ele. No dia seguinte, um grupo de 80 peregrinos religiosos estava viajando do norte para adorar no templo em Jerusalém. Ismael os convidou para entrar em Mispa e então matou 70 deles. Ele deixou dez viverem porque ofereceram a ele seus suprimentos de comida escondidos. Ismael escondeu todos os corpos em uma grande cisterna (armazenamento de água subterrâneo). Depois disso, Ismael levou todos os outros em Mispa como prisioneiros, incluindo o profeta Jeremias e algumas mulheres da família real. Ele começou a levá-los em direção à terra dos amonitas. No entanto, Joanã reuniu alguns soldados e alcançou Ismael em um lugar chamado Gibeão. Joanã resgatou todos os prisioneiros, mas Ismael e seus homens escaparam para o território amonita ([Jr 41](#)).
3. O filho de Azel, um benjamita da família de Saul ([1Cr 8.38; 9.44](#)).
4. O pai de Zebadias, o governador da casa de Judá sob Josafá ([2Cr 19.11](#)).

5. O filho de Joanã. Ele foi um dos comandantes que se aliou a Joiada, o sacerdote, para fazer de Joás rei (enquanto ele ainda era uma criança) e acabar com o reinado de Atalia ([2Cr 23.1](#)).
6. O filho de Pasur é um dos sacerdotes que se divorciaram de suas esposas estrangeiras durante as reformas de Esdras ([Ed 10.22](#)).

Ismaelita

Qualquer descendente de Ismael. Ismael era o filho do patriarca Abraão com Hagar.

Veja Ismael #1.

Ismaías

1. Guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague na sua luta contra o rei Saul. Ismaías era um dos arqueiros e atiradores de funda ambidestros de Davi ([1Cr 12.4](#)).
2. O filho de Obadias, um oficial chefe na tribo de Zebulom no tempo de Davi ([1Cr 27.19](#)).

Ismaquias

Levita responsável pelas coisas dedicadas no templo durante a reforma de Ezequias ([2Cr 31.13](#)).

Ismerai

Filho de Elpaal e um chefe na tribo de Benjamim ([1Cr 8.18](#)).

Isode

Filho de Hamolequete, da tribo de Manassés ([1Cr 7.18](#)).

Ispa

Filho de Berias, da tribo de Benjamim ([1Cr 8.16](#)).

Ispã

Filho de Sasaque e líder na tribo de Benjamim ([1Cr 8.22](#)).

Israel (Lugar)

Veja Palestina; Canaã, Cananeus.

Israel (pessoa)

Nome que significa “aquele que luta com Deus” ou “Deus luta” ([Gn 32.28](#)). Foi dado ao filho de Isaque, Jacó, e aos seus descendentes ([35.9-12](#); cf. [Dt 6.1-4](#)). *Veja Jacó #1; Israel, História de.*

Israel, História de

Um relato do propósito soberano de Deus ao chamar um povo para fora do paganismo e estabelecê-lo como testemunha da verdadeira fé entre as nações, do poder soberano de Deus em protegê-los da extinção, de sua justiça soberana ao lidar com seu afastamento dos caminhos de santidade, da graça soberana de Deus ao perdoar seus pecados e restaurá-los à comunhão com Ele, providenciando através deles um Salvador para o mundo inteiro.

Resumo

- Era dos patriarcas
- Estadia no Egito
- O Éxodo
- Jornadas no deserto
- A conquista
- Os juízes
- A monarquia unificada
- O reino dividido
- A restauração
- O período intertestamentário
- O período romano

Era dos patriarcas

A história de Israel começa com Abraão, a quem Deus chamou inicialmente em Ur, e talvez mais tarde em Harã ([At 7.2-4](#)), para deixar a Mesopotâmia e ir para uma terra que Deus lhe indicaria. Ao chamar Abraão, Deus fez com ele uma aliança ([Gn 12.1-3](#)) que lhe prometeu uma terra, um favor divino especial ("Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem", NTLH), e o privilégio de ser um canal de bênção para todo o mundo ("E por meio de você eu abençoarei todos os povos do mundo", NTLH). Em [Gênesis 12.4-8](#), Deus confirmou esta aliança incondicional, prometendo a Abraão esta nova terra para sempre, junto com descendentes inumeráveis. Posteriormente, em [Gênesis 15.1-21](#), Deus novamente confirmou a aliança, mas acrescentou a previsão significativa de que a garantia de possuir Canaã perpetuamente não significava ocupação da terra em todas as gerações. Deus também detalhou os limites da Terra Prometida (do rio do Egito até o Eufrates, cerca de 800 a 960 quilômetros de extensão). Uma confirmação final da aliança a Abraão aparece em [Gênesis 17.6-8](#). Ela garantiu a terra de Canaã à posteridade de Abraão e acrescentou que reis (uma antecipação da dinastia davídica) surgiriam em sua linhagem. A aliança foi confirmada ao filho de Abraão, Isaque ([Gn 26.3-5](#)) e ao seu neto Jacó (cap. [28](#)).

Este período é conhecido como a era patriarcal na história hebraica. Os patriarcas foram Abraão, Isaque e Jacó. Eles foram chamados de patriarcas porque eram pais, não apenas de suas famílias imediatas, mas também da família extensa dos hebreus, sobre a qual exerciam um controle paternal. Eles serviam como líderes políticos, legais e espirituais de sua comunidade migratória, cuidando de seus interesses e liderando-os na adoração. Periodicamente, construíam altares nos quais ofereciam sacrifícios. Que a comunidade patriarcal era muito grande pode ser visto em [Gênesis 14.14](#), que diz que Abraão tinha 318 homens armados em seu acampamento. Se supusermos que a maioria dos homens era casada e tinha um ou mais filhos, a família extensa total pode ter ultrapassado 1.000 pessoas.

Os desenvolvimentos adicionais na vida de Abraão e Jacó foram particularmente importantes para a história mundial. Abraão, frustrado por não ter um herdeiro, aceitou a sugestão de Sara para ter um herdeiro através da escrava Agar (este também era o costume da terra). O filho nascido foi chamado

Ismael, progenitor dos árabes. Assim, Abraão é reverenciado por árabes e muçulmanos, bem como por judeus e cristãos. Ele é o pai dos judeus através de seu filho Isaque, filho da promessa. Ele ocupa um lugar especial no cristianismo como exemplo de Cristo, através de quem todos os cristãos obtêm sua salvação.

Jacó, um trapaceiro astuto em seus primeiros anos, acabou exilado no norte da Mesopotâmia por 20 anos na casa de seu tio Labão. Lá, ele se casou com Lia e Raquel e teve os filhos que se tornaram os progenitores das 12 tribos de Israel. Em seu retorno à Palestina, ele encontrou Deus às margens do rio Jaboque ([Gn 32](#)), e Deus mudou seu nome para Israel ("Você lutou com Deus e com os homens e venceu; por isso o seu nome será Israel" NTLH).

O período patriarcal em Canaã durou 215 anos. Estima-se que Abraão tenha entrado em Canaã por volta de 2085 a.C., quando tinha 75 anos. Jacó e seus filhos migraram para o Egito para escapar de uma severa fome em Canaã por volta de 1870 a.C. Durante grande parte do período patriarcal, a Palestina experimentou um declínio populacional e foi ocupada em grande parte por tribos nômades ou seminômades. Foi relativamente fácil para os hebreus entrarem nessa situação. Após 1900, a Palestina começou a desfrutar de condições mais estáveis. Pouco tempo depois, os hebreus fizeram a jornada para o Egito.

Estadia no Egito

Se Jacó e seus filhos entraram no Egito por volta de 1870 a.C., isso ocorreu durante o período do Reino Médio. Naquela época, outros migrantes da Ásia estavam chegando em números crescentes. Os hebreus se estabeleceram em Gósen, na região do delta oriental, sob a proteção de José, que ocupava uma posição na corte egípcia aproximadamente equivalente à de primeiro-ministro. À medida que mais hicsos asiáticos entravam no Egito, eles começaram a tomar conta do país — pelo menos do norte do Egito. Durante esse mesmo período, os hebreus se tornaram cada vez mais numerosos. Alguns que defendem uma cronologia diferente acreditam que os hebreus foram bem recebidos no Egito durante os dias de dominação dos hicsos (após 1750 a.C.). De qualquer forma, por volta de 1580 a.C., príncipes egípcios nativos recuperaram o controle do país e expulsaram muitos dos asiáticos.

Com o passar do tempo, surgiu um rei sobre o Egito que "não conhecia José" ([Ex 1.8](#)). Muito possivelmente, isso significava que uma dinastia

egípcia nativa havia surgido no Egito e eles estavam apreensivos com o fato de que o crescente número e riqueza dos hebreus poderiam ameaçar sua própria supremacia. No entanto, as medidas egípcias para subjugar os hebreus e reduzir sua taxa de natalidade tiveram um efeito contrário ([Ex 1.12](#)). Finalmente, os egípcios ordenaram a morte de todos os bebês hebreus do sexo masculino ao nascer. Entre aqueles que desobedeceram estavam os pais de Moisés, que o colocaram à deriva em um cesto à prova d'água feito de juncos. Encontrado por uma filha do Faraó, ele foi criado na corte egípcia, recebeu uma educação de primeira classe e se tornou um alto funcionário do reino.

Aos 40 anos, Moisés se identificou com seu próprio povo. Ele matou um egípcio em defesa de um companheiro hebreu e imediatamente fugiu para a terra de Midian, na parte nordeste da Península do Sinai. Ele se casou e viveu lá por 40 anos, tornando-se profundamente familiarizado com a geografia e os caminhos do deserto pelo qual mais tarde lideraria os hebreus. Os egípcios continuaram a oprimir severamente o povo hebreu até que clamaram urgentemente a Deus por liberação. Em resposta, Deus confrontou Moisés na famosa experiência da sarça ardente e o chamou para retornar ao Egito e liderar o povo de volta à terra de Canaã ([Êx 3-4](#)). Ele teria a ajuda de seu irmão, Arão.

O Êxodo

Compreensivelmente, o Faraó do Egito estava relutante em permitir que os hebreus partissem permanentemente. O valor dessa grande força de trabalho era incalculável. Mas, finalmente, após sofrer uma série de dez pragas, que duraram talvez um ano, os egípcios foram persuadidos a deixar os hebreus irem ([Êx 7-12](#)).

As pragas tinham um propósito teológico e prático. Elas desacreditaram os deuses do Egito e exaltaram o Altíssimo Deus do céu ([Ex 12.12](#)). As pragas claramente desacreditaram deuses específicos do Egito (por exemplo, o Nilo era adorado como Hapi, praga um; a rã, adorada como Heqt, praga dois; o touro, adorado como Ptah, praga cinco; o sol, adorado como Amon-Re/Aton, praga nove). Juntas, elas deram um golpe direto no panteão egípcio.

Pouco antes da última praga, que foi a noite em que o anjo da morte invadiu as casas dos egípcios, os israelitas realizaram o sacrifício da Páscoa conforme as instruções divinas. Isso envolvia matar um cordeiro para cada família (a menos que a família fosse muito pequena; nesse caso, as

famílias podiam se unir). Qualquer pessoa que fosse descuidada ao aplicar o sangue no batente da porta ou que rejeitasse essa provisão divina estava sob o julgamento de Deus. Após a morte dos primogênitos em toda a terra, os egípcios imploraram aos hebreus que partissem. O grupo deles contava com 600.000 homens com mais de 20 anos, além de mulheres e crianças, totalizando mais de 2.500.000. Além disso, levaram seus rebanhos, manadas e pertences pessoais.

A data em que eles deixaram o Egito é um assunto de debate contínuo. Tradicionalmente, uma data em torno de 1446 a.C. é dada para o Êxodo (cf. [1Rs 6.1](#), que coloca o Êxodo 480 anos antes do início da construção do templo em 966 a.C.) e 1406 a.C. para a Conquista sob Josué, e não parece haver argumentos convincentes para rejeitar essa posição. No entanto, muitos estudiosos preferem 1275 a.C. por uma variedade de razões.

A data inicial do Êxodo situaria os últimos anos das peregrinações no deserto e a subsequente conquista da Palestina durante os reinados de Amenófis III e IV (1412–1366), uma época em que os faraós permitiram que o controle egípcio da Palestina se desintegrasse. Quando os egípcios reafirmaram seu poder, por volta de 1300, restringiram seus movimentos principalmente à área costeira e, assim, não entraram em contato com os hebreus que viviam na região montanhosa da Judeia, Samaria e Galileia.

Jornadas no deserto

As peregrinações no deserto foram um interlúdio importante na história de Israel. Durante esses anos, instituições significativas e fundamentais surgiram por ordem de Deus. No Sinai, Moisés entregou a Israel a lei, o modelo do tabernáculo (que mais tarde se tornou o modelo para o templo) e ordens para seu funcionamento, além de instruções detalhadas para o sacerdócio e o sistema sacrificial de adoração.

O período das peregrinações foi realmente uma época notável. A presença de Deus era evidenciada por uma coluna de nuvem que pairava sobre o povo durante o dia e uma coluna de fogo à noite. Deus providenciou alimento na forma de maná, forneceu água de maneira milagrosa em várias ocasiões e garantiu que as roupas não se desgassem. Apesar de tudo isso, o povo murmurava e reclamava continuamente.

No Sinai, Deus deu a lei ([Êx 19.2-24.18](#)), e o povo prontamente se comprometeu a cumprí-la ([24.3](#)).

Então Deus deu o modelo para o tabernáculo e seus móveis (caps. [25-27](#), [30-31](#), [35-40](#)) e estabeleceu o sacerdócio (caps. [28-29](#)). Enquanto Moisés estava na montanha recebendo a revelação de Deus, o povo ficou impaciente e clamou por deuses que pudessem ver. Até mesmo Arão foi levado pela onda idólatra e supervisionou a fundição de um bezerro de ouro e a construção de um altar diante dele. O fato de terem se voltado tão prontamente para a adoração de gado egípcio indica que o paganismo deve ter feito profundas incursões entre eles enquanto estavam em cativeiro (caps. [32-34](#)). A resposta intercessória de Moisés ao anúncio de Deus de que destruiria Israel por causa de sua idolatria levou a uma determinação divina de executar julgamento apenas sobre os piores infratores ([32.9-14](#)).

Subsequentemente, Deus revelou a ordem legal e sacerdotal ([Lv 1.1-27.34](#)). Entre as instituições divinamente designadas descritas ou mencionadas em Levítico estão vários dias especiais ou festas, incluindo o Sábado, Páscoa, Festa dos Pães Asmos, Primícias, Pentecostes ou Festa das Semanas, Festa das Trombetas, Dia da Expiação, Festa dos Tabernáculos, o Ano do Sábado e o Ano do Jubileu.

Após acampar no Sinai por cerca de um ano, os israelitas receberam ordens para seguir em frente ([Nm 10.11-12](#)). Miriã (irmã de Moisés) e Arão criticaram a liderança de Moisés e sofreram punição divina como consequência (cap. [12](#)). Quando o povo chegou a Cades-Barneia, a porta de entrada para o sul da Palestina, eles ficaram assustados com o relato da maioria dos espiões que haviam estado em Canaã e decidiram que não deveriam avançar para Canaã. Eles pediram por um novo líder para levá-los de volta ao Egito. Deus declarou que toda a geração vagaria no deserto até que os adultos tivessem morrido. Somente Josué e Calebe (os dois espiões a favor de invadir imediatamente) entrariam na Terra Prometida ([14.26-30](#)). Perto do fim do período de peregrinação, Moisés também perdeu o privilégio de entrar na terra por um ato de desobediência.

A conquista

A parte final do livro de Números descreve como Moisés levou os israelitas à vitória sobre os povos que viviam a leste do rio Jordão. Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés solicitaram permissão para se estabelecerem lá e, relutantemente, foram autorizados a fazê-lo com a condição de que se juntassem ao restante dos israelitas na conquista de Canaã antes de se estabelecerem. Antes das

vitórias na Transjordânia, foi realizado um novo censo de homens adultos para determinar as capacidades militares de Israel e fornecer uma base para a divisão equitativa da terra que estavam prestes a entrar. O número de homens acima de 20 anos de idade era 601.730 ([Nm 26.51](#)). O livro de Deuteronômio consiste principalmente em uma série de discursos proferidos por Moisés em uma cerimônia de renovação da aliança nas campinas de Moabe, pouco antes de sua morte e da nomeação de Josué como líder.

Josué não perdeu tempo em avançar. Espiões enviados através do Jordão para Jericó relataram uma situação bem diferente da que os hebreus haviam experimentado em Cades-Barneia uma geração antes. Agora, o povo de Canaã estava apavorado porque tinha ouvido falar da força numérica e das vitórias dos hebreus. Aparentemente, no dia seguinte ao retorno dos espiões, Josué moveu o povo para a beira do Jordão e se preparou para atravessar. As águas se abriram para eles ali, assim como o Mar Vermelho havia se aberto anteriormente.

A narrativa da conquista no livro de Josué não é um relato detalhado de batalha. Ela descreve um avanço pelo meio da Palestina em torno de Jericó e Ai, uma investida ao sul para derrotar a liga amorita, e uma campanha ao norte contra Hazor e outras cidades. A história de Josué é extremamente condensada, pois a principal ação militar de Josué deve ter durado cerca de seis anos. O amigo de Josué, Calebe, tinha 79 anos quando a Conquista começou e 85 após a última grande batalha com Jabim, rei de Hazor ([Js 14.7-10](#)).

Quando a guerra terminou, fortalezas importantes (e.g., Jerusalém) ainda permaneciam nas mãos do inimigo, mas a terra a oeste do Jordão foi alocada para as nove tribos e meia hebraicas. A tarefa de conquistar as cidades inimigas foi deixada para as tribos individuais em cujas terras elas estavam localizadas. O relato de Josué não era tanto uma narrativa da proeza de batalha dos israelitas, mas sim da fidelidade e intervenção de Deus em favor de seu povo. Por exemplo, em Jericó, eles não atacaram, mas apenas seguiram as ordens divinas e observaram as defesas colapsarem; em Gibeão, pedras de granizo mataram mais amorreus do que os soldados israelitas ([Js 10.7-11](#)).

Os juízes

Josué morreu cerca de 30 anos após ter conduzido os hebreus a Canaã e foi sucedido por uma série de líderes designados divinamente que governaram,

às vezes, sobre todo o Israel como uma confederação frouxa e, em outras ocasiões, sobre uma ou mais tribos. Eles eram juízes, funcionários civis e líderes militares simultaneamente.

O livro de Juízes retrata uma série de ciclos recorrentes: afastamento de Deus, punição na forma de opressão por tribos vizinhas, clamores a Deus por alívio, libertação da escravidão sob a liderança de um juiz e um período de descanso da opressão.

O estabelecimento da cronologia dos juízes é um dos problemas mais complexos das Escrituras. Somando todos os anos de opressão e descanso mencionados no livro, obtém-se um total de 410 anos. O livro de Atos menciona um total de 450 anos desde os dias de Josué até Samuel ([At 13.19](#)). A diferença em Atos pode ser explicada pela adição dos 40 anos do ministério de Eli ([1Sm 4.18](#)). Considerando 410 anos para o período dos juízes, cerca de 30 anos para a Conquista até os juízes, e 40 anos para as andanças no deserto, isso totaliza 480 anos a partir de 1050 a.C., a data para o reinado de Saul, resultando em uma data de cerca de 1530 para o Êxodo. Isso é cerca de 100 anos a mais do que até mesmo a data mais antiga para o Êxodo. A explicação mais provável é que há alguma sobreposição nas opressões e nos períodos dos juízes. Por exemplo, as atividades de Jefté estavam centradas na fronteira oriental, as de Sansão na planície filisteia ao sudoeste, e as de Débora e Baraque no norte.

A monarquia unificada

Devido à fraqueza de Israel resultante da desunião política e da inépcia e corrupção dos filhos de Eli e Samuel, o povo de Israel pediu um rei para governá-los. Essa demanda foi, na realidade, uma rejeição ao plano divino da teocracia — o governo de Deus. Deus atendeu ao desejo dos hebreus, mas os advertiu sobre as desvantagens da monarquia ([1Sm 8.9-21](#)). O conceito de realeza não era novo para Israel. Já havia sido mencionado em [Gênesis 49.10](#) e [Números 24.17](#), e Moisés havia feito algumas declarações muito claras sobre isso em [Deuteronômio 17.14-20](#).

A primeira fase da monarquia hebraica é comumente chamada de monarquia unida porque todo Israel era governado por um único rei. Este período durou 120 anos, abrangendo os reinados de 40 anos de Saul ([At 13.21](#)), Davi ([2Sm 5.5](#)) e Salomão ([1Rs 11.42](#)).

O povo pediu por um rei, e Deus lhes concedeu um, mas não como os das nações vizinhas. O rei hebreu deveria ser um homem que seguisse os mandamentos de Deus em sua vida pública e privada, que não se intrometesse nos assuntos do sacerdócio e que não caísse na idolatria, mas exercesse toda sua influência para manter o povo fiel a Deus. Se ele falhasse em qualquer um desses aspectos, corria o risco de ser deposto por Deus, de ter sua linhagem encerrada ou até mesmo de ver o povo cair em cativeiro sob o poder de uma nação estrangeira. Tudo isso deve ser levado em consideração ao avaliar os reinados de Saul, Davi, Salomão e os reis da monarquia dividida.

Saul começou bem. Ele obteve uma grande vitória sobre os amonitas em Jabel-Gileade e demonstrou considerável sabedoria em questões administrativas. No entanto, após cerca de dois anos, ele usurpou o ofício do sacerdote para oferecer sacrifício, o que trouxe a previsão divina de que seu reino seria tirado dele ([1Sm 13.8-14](#)). Ele continuaria a desfrutar de grandes vitórias militares e habilidade como governante até aproximadamente a metade de seu reinado.

Após a desobediência de Saul ao comando de Deus para destruir totalmente os amalequitas, o Senhor rejeitou Saul e instruiu Samuel a ungir Davi em particular como futuro rei de Israel. A ascensão de Davi à proeminência foi impulsionada por sua vitória sobre Golias e a derrota dos filisteus que a acompanhou. Mais tarde, Saul nomeou Davi comandante do exército, e o jovem logo ganhou uma reputação maior do que a do próprio rei. Saul, que havia se tornado cada vez mais mentalmente perturbado após seu relacionamento com Deus ser rompido, começou a fazer tentativas contra a vida de Davi, e nos últimos anos do reinado de Saul, Davi viveu como fugitivo. Enquanto isso, os filisteus saíram completamente de controle e finalmente mataram Saul e a maioria de seus filhos na grande batalha do Monte Gilboa, o que deu aos filisteus o controle sobre grande parte da Palestina a oeste do Jordão ([1Sm 31.1-7](#)).

Logo, Davi se tornou rei em Judá, com sua capital em Hebron. Um filho de Saul, Isbosete, se estabeleceu em Maanaim, a leste do Jordão. Durante sete anos, os dois pequenos reinos existiram lado a lado ([2Sm 2.2-11](#)). Mas, depois que o rei israelita e seu comandante do exército foram assassinados, Davi se tornou governante de um reino hebreu unificado.

Não muito tempo após o início de seu reinado (1010-970 a.C.), Davi derrotou completamente e

subjugou os filisteus. Logo depois, ele capturou Jerusalém, tornando-a a capital do reino unido. Nos anos seguintes, Davi construiu um império ([2Sm 8.10](#); [1Cr 18-19](#)), conquistando Moabe, Edom, Damasco, Zobá e Amom, de modo que ele controlava o território desde o Golfo de Ácaba (um braço do Mar Vermelho) e o Sinai no sul quase até o Eufrates no norte. Além disso, ele estabeleceu boas relações, se não uma aliança, com Tiro. O estabelecimento do império de Davi foi possível devido a um vácuo de poder no Oriente Médio. Os egípcios, micênicos, hititas e assírios estavam decadentes ou afastados do palco da história. Os fenícios, um povo comercial pacífico, também estavam livres para expandir seu comércio e ficaram felizes em vender cedro para Davi para seu palácio e o templo.

Sem dúvida, Davi foi o maior rei de Israel. Jerusalém passou a ser conhecida como a cidade de Davi. Quando o rei quis construir o templo como a casa de Deus, Deus respondeu que seu filho deveria fazê-lo. Mas Deus, de uma forma muito real, construiria a casa de Davi; Ele fez uma aliança com Davi, prometendo-lhe que sua casa (dinastia, reino, trono) seria estabelecida para sempre ([2Sm 7](#)). Cristo, o Eterno que veio da linhagem de Davi, foi o único capaz de cumprir essa promessa divina (veja [Lc 1.31-33](#); [At 2.29-36](#); [13.32-39](#); [15.14-17](#)).

Como outros monarcas orientais, Davi adotou a prática de manter um harém. As escrituras mencionam 8 esposas e 21 filhos, além de outras esposas e concubinas. Essa situação gerou rivalidades familiares e questões sobre a sucessão ao trono. Dois filhos, Absalão e Adonias, tentaram conquistar o trono, mas ambos os esforços foram frustrados. Salomão, filho da esposa favorita de Davi, Bate-Seba, tornou-se o próximo rei.

Salomão (970–930 a.C.) foi um homem de paz e um construtor de palácios, cidades, fortificações e do templo. Ele fortificou cidades por todo o seu reino e equipou cidades para suas unidades de carros de combate e cavalaria. Com a ajuda dos fenícios, ele construiu um porto e manteve uma frota em Eziom-Geber, perto da moderna Eilat no Golfo de Ácaba. Ele ampliou grandemente Jerusalém ao cercar a área do templo ao norte da cidade de Davi e a colina sudoeste agora conhecida como Sião. Seu projeto mais conhecido foi o templo, que levou sete anos para ser construído. Com o dobro do tamanho do tabernáculo, foi construído no mesmo plano básico; media 27,4 metros de comprimento e 9,1 metros de largura e tinha adornos magníficos. Mas ele também construiu um complexo de palácios

que levou 13 anos para ser concluído. Isso incluía um arsenal, uma sala do trono, a residência privada do rei e uma casa para a filha do faraó.

Aparentemente muito influenciado pelo testemunho espiritual de Davi e desejando a bênção de Deus sobre seu governo, Salomão fez um grande sacrifício a Deus em Gibeão, perto do início de seu reinado. Deus o encontrou lá e ofereceu conceder o que ele desejasse. Salomão pediu entendimento e sabedoria para governar o povo de Deus ([1Rs 3.9](#)). Sua sabedoria dada por Deus é evidente em muitas decisões administrativas, políticas oficiais e planos de construção.

Infelizmente, Salomão não demonstrou tanta sabedoria ao manter um harém de 700 esposas e 300 concubinas, ou ao realizar gastos excessivos que deixaram o estado em sérias dificuldades financeiras. Ele até ergueu locais de culto para suas esposas estrangeiras, subsidiando assim suas idolatrias e incorrendo na ira de Deus. De fato, as esposas estrangeiras e sua idolatria provaram ser sua ruína; antes de Salomão morrer, Deus informou-lhe que, por essa razão, ele dividiria o reino após sua morte e daria a maior parte a alguém que não fosse o filho de Salomão. Mas, por causa de Davi, Deus manteria Judá e Jerusalém nas mãos da linhagem davídica ([1Rs 11.9-13](#)).

O reino dividido

Após a morte de Salomão, o Oriente Próximo estava destinado a se tornar um lugar muito diferente. Israel não estava mais em um vácuo de poder. O Império Assírio surgiu na Mesopotâmia, seguido pelos Impérios Neo-Babilônico e Medo-Persa. O Egito foi temporariamente poderoso no sul, mas mais tarde ficaria sob o controle da Assíria e Medo-Pérsia. Esses impérios exerceram grande pressão sobre Israel e dominaram um ou ambos os reinos hebraicos.

Quando Salomão morreu, seu filho Roboão assumiu o trono e teve que lidar com uma crescente onda de ressentimento devido aos altos impostos e à estagnação econômica dos últimos anos de Salomão. Quando Roboão se recusou a oferecer alívio, todas as tribos do norte se separaram e formaram o reino do norte, Israel, sob a liderança de Jeroboão. O reino do sul, Judá, ficou apenas com o território de Judá e Benjamim. Um total de 20 reis governou em cada um dos reinos separados. Enquanto o norte teve várias dinastias e os reinados dos reis foram geralmente curtos, no sul a dinastia de Davi continuou a governar e os reinados foram mais longos.

O reino do norte

O reino do norte existiu desde a divisão em 930 a.C. até sua conquista pela Assíria em 722. Jeroboão, temendo perder a lealdade do povo se eles continuassem indo a Jerusalém para adorar, estabeleceu uma nova religião própria. Instituindo a adoração de bezerros, ele construiu santuários em Dã, no norte, e Betel, no sul. Essa idolatria atraiu a condenação de Deus e cumpriu a previsão de que a linhagem de Jeroboão seria extermínada. Diz-se que todos os seus sucessores seguiram seus passos idólatras. Israel esteve em guerra durante grande parte de sua história — com Judá, Síria ou Assíria. Jeroboão estabeleceu sua capital primeiro em Siquém e depois em Tirza.

Quatro outros reis do norte merecem um comentário especial: Onri, Acabe, Jeú e Jeroboão II. Onri (885–874 a.C.) deve ter sido um governante impressionante. Gerações depois, os assírios ainda se referiam a Israel como a terra de Onri. Após se firmar no trono, ele estabeleceu a capital permanente do reino em Samaria e iniciou o complexo do palácio lá. No início de seu reinado, ele teve sucesso em conquistar Moabe e, mais tarde, restabeleceu as boas relações com Tiro que existiam nos dias de Davi e Salomão. Aparentemente, ele formou uma aliança completa e a consolidou com o casamento de seu filho Acabe com Jezabel, uma princesa de Tiro.

Acabe (874–853 a.C.) foi um dos reis mais significativos de Israel. Ele e sua esposa, Jezabel, promoveram a idolatria vil do culto a Baal com sua prostituição religiosa, despertando a poderosa oposição do profeta Elias. Acabe foi um militar formidável, derrotando os sírios em grandes campanhas e participando de uma coalizão que lutou contra os assírios até um impasse virtual. Ele também construiu extensivamente em Samaria, Hazor, Megido e outras cidades, como mostram as escavações.

Jeú (841–814 a.C.) foi o agente de Deus para punir a casa de Onri e destruir o culto a Baal em Israel. Ele erradicou o culto a Baal e eliminou literalmente dezenas de parentes e oficiais da corte de Acabe. No entanto, ele foi tão implacável que acabou eliminando pessoas que sabiam como administrar o governo; consequentemente, ele não governou bem. Jeú também foi forçado a se tornar um vassalo da Assíria.

Jeroboão II governou durante a maior parte da primeira metade do século VIII (793–753 a.C.) e levou o reino à sua maior extensão e prosperidade.

Ele, junto com seu contemporâneo Uzias no sul, governou a maior parte das terras que Davi havia controlado. Isso foi possível porque os assírios estavam em um período de declínio durante a maior parte da primeira metade do século.

Os profetas que atuaram durante a história do reino do norte incluem os profetas não escritores Elias e Eliseu, e os profetas escritores Jonas, Amós e Oseias.

O reino do sul

A história do reino do sul de Judá foi bastante diferente da do reino do norte. O templo estava lá, assim como um grande número de levitas, muitos dos quais vieram para o sul após a divisão do reino para protestar contra a idolatria do norte. Além dessa força espiritual, havia maior estabilidade política e unidade, promovidas pelo fato de que apenas duas tribos — Judá e Benjamim — compartilhavam o poder, e todos os reis eram da dinastia davídica. Além disso, oito dos reis foram bons monarcas. Houve também avivamentos religiosos periódicos. Deus concedeu ao reino do sul cerca de 100 anos a mais de existência do que ao norte. No entanto, Judá também caiu na idolatria e foi levada ao cativeiro por seus pecados.

Roboão, o primeiro rei do sul, é especialmente lembrado por se recusar a ouvir conselhos sábios sobre questões fiscais, o que levou à divisão do reino. Ele também é conhecido por suas políticas religiosas. Após um bom começo, ele permitiu que a apostasia se descontrolasse, trazendo o julgamento de Deus na forma de uma invasão em seu quinto ano (926 a.C.) por Sisaque I do Egito, resultando em pilhagem extensa e pagamento de tributo. Depois disso, ele iniciou um extenso programa para fortificar o reino. A invasão de Sisaque teve o efeito de provocar uma reforma espiritual parcial e temporária, mas a tendência geral do reinado de Roboão foi de declínio.

As condições durante o reinado de seu filho, Abias, foram piores, mas Asa (910–869 a.C.) iniciou uma reforma religiosa que foi eficaz na maior parte de seu reinado. No entanto, quando ameaçado pelo reino do norte em seus últimos anos, Asa recorreu à Síria em busca de ajuda em vez de confiar em Deus, e parece ter desafiado os profetas de Deus até o dia de sua morte.

O filho de Asa, Josafá (872–848 a.C.), aparentemente foi influenciado pela devoção religiosa inicial de seu pai, e seu reinado foi caracterizado pela fidelidade, ganhando o favor de

Deus. No entanto, ele parece ter feito uma aliança completa com Acabe de Israel, o que resultou no casamento de seu filho Jeorão com Atalia, filha de Acabe. Essa aliança envolveu Josafá em empreendimentos conjuntos quase desastrosos com Acabe, e mais tarde com dois de seus filhos quando se tornaram reis de Israel. Também abriu a porta para a introdução do culto a Baal em Judá quando Jeorão subiu ao trono no reino do sul. Por seu pecado, Jeorão (853–841 a.C.) sofreu revolta interna, invasão e morte por uma doença terrível.

Após sua morte, seu último filho restante, Acazias, governou por menos de um ano, seguindo os caminhos perversos de seu pai. Quando Acazias morreu em batalha, a rainha-mãe, Atalia, decidiu tomar o trono para si e garantir seu poder matando todos que estavam na linha de sucessão. Mas ela não encontrou o filho bebê de Acazias, Joás, que foi mantido escondido no templo por seis anos.

Quando Joás tinha sete anos, Joiada, o sumo sacerdote, organizou sua coroação e também a execução da assassina e idólatra Atalia. Durante seus primeiros anos, quando Joás era influenciado por bons conselhos, ele se saiu bem. Mas após a metade de seu reinado (835–796 a.C.), ele começou a ouvir os princípios que queriam restaurar a idolatria, e as condições se deterioraram. Reveses militares trouxeram declínio econômico e, por fim, o assassinato do rei.

Seu filho Amazias (796–767 a.C.) começou bem com a vitória sobre Edom e sua fidelidade a Deus. No entanto, ele também caiu na idolatria e foi completamente derrotado pelo reino do norte, sendo mantido prisioneiro lá. Nesse ponto, seu filho Uzias assumiu (c. 792 a.C.) e iniciou um reinado longo e em geral bem-sucedido. Durante as várias décadas que se seguiram, a Assíria estava em declínio, e Uzias, junto com seu contemporâneo no norte, Jeroboão II, conseguiu expandir as posses hebraicas de modo que, entre eles, controlavam a maior parte do território que Salomão havia governado.

Uzias (792–740 a.C.) conseguiu restaurar rapidamente o poder de Judá após a derrota de seu pai por Israel. Em seguida, ele subjugou os filisteus no sudoeste e os amonitas do outro lado do Jordão; ele fortaleceu seu domínio sobre os edomitas. Durante todo o seu reinado, as condições econômicas melhoraram. Mas, no auge de seu poder, Uzias imprudentemente violou as prerrogativas do sumo sacerdote e ofereceu sacrifício no templo. Por isso, ele foi acometido de lepra; seu filho Jotão foi co-regente durante os anos

750–740 a.C., passando a governar sozinho por cerca de cinco anos mais. Enquanto isso, o poder assírio ressurgiu.

De modo geral, Jotão apenas continuou as políticas de Uzias. No entanto, a administração de seu filho Acaz (735–715 a.C.) foi fortemente impactada pela ameaça assíria. Israel e Síria queriam que ele se juntasse à guerra contra a Assíria, mas ele recusou, sendo simpático à Assíria. Quando Israel e Síria invadiram Judá, o Rei Acaz enviou tributo à Assíria e tornou-se seu vassalo em troca de proteção. Essa decisão precipitada foi veementemente contestada por Isaías, que era profeta na corte (c. 740–700 a.C.). Ao mesmo tempo, o profeta Miquéias ministrava ao povo comum de Judá. A política pró-assíria de Acaz foi acompanhada por uma renovada simpatia pela idolatria, o que trouxe o julgamento de Deus na forma de invasões por edomitas e filisteus e problemas com a Assíria. De fato, durante este período, a Assíria anexou o reino do norte (722 a.C.) e deportou muitos de seus habitantes para o cativeiro.

O próximo rei de Judá, Ezequias (715–686 a.C.), foi profundamente impactado pela queda de Israel devido aos seus pecados, e ele decidiu implementar uma reforma em seu reino. Ele também era contra os assírios, mas não ousou interromper os pagamentos de tributo e lutar pela independência até que Senaqueribe subisse ao trono em Nínive em 705 a.C. No início, Senaqueribe estava muito ocupado para se preocupar com Judá, mas finalmente em 701 ele invadiu. Apesar do tremendo sucesso inicial, ele foi detido por uma praga enviada divinamente ([Is 36–39](#)). Isaías esteve ao lado do rei para tranquilizá-lo e apoiá-lo durante esta emergência.

O filho de Ezequias, Manassés (697–642 a.C.), governou por mais tempo do que qualquer outro rei de Israel ou Judá. Infelizmente, ele se afastou do exemplo de seu pai e levou o povo a cair em grosseira idolatria ([2Rs 21.9](#)). Levado cativo pelos assírios no final de seu reinado, ele se arrependeu de seus erros e Deus o restaurou ao seu trono; depois disso, ele liderou algumas reformas. Mas a terra estava muito mergulhada na iniquidade para ser resgatada. Seu filho Amom (642–640 a.C.) voltou à idolatria que conheceu em sua juventude.

A situação foi diferente com Josias (640–609 a.C.), no entanto. Durante todo o seu reinado, ele se dedicou à reforma. Ele procurou erradicar a idolatria e restaurar o templo e seu culto. Em 622 a.C., o Livro da Lei foi encontrado durante a reparação do templo, e suas exigências — que

haviam sido esquecidas — causaram uma grande impressão tanto no rei quanto no povo. É certo que Jeremias e Sofonias ministraram durante o reinado de Josias, assim como Naum e Habacuque (muito provavelmente).

As condições internacionais estavam mudando rapidamente. A Assíria estava em declínio, e Nínive caiu diante da Babilônia e os Medos em 612 a.C. Três anos depois, o Faraó Neco do Egito marchou para o norte para ajudar seu aliado assírio. Quando Josias tentou detê-lo, foi morto em batalha.

A partir deste ponto, tudo foi ladeira abaixo para Judá. Nenhum dos reis restantes era devoto, e o poder político e a saúde econômica declinaram rapidamente. O povo colocou um dos filhos de Josias, Jeoás, no trono. Ele durou três meses. Faraó Neco o substituiu por Jeaquim (609–598 a.C.), outro filho de Josias. Em 605, Nabucodonosor da Babilônia derrotou Neco, invadiu Judá e tomou tributo e reféns de Jeaquim, incluindo Daniel e seus amigos ([Dn 1.1](#)). Jeaquim se revoltou em 600 a.C., mas Nabucodonosor não veio lidar com ele pessoalmente até 597 a.C. Ele morreu antes que os babilônios chegassem, e seu filho Joaquim subiu ao trono em 598 a.C. para governar por apenas três meses antes de os babilônios o levarem para o exílio. Ezequiel estava entre os muitos cativos levados nessa ocasião.

Os babilônios então colocaram Zedequias, o filho mais novo de Josias, no trono em 597 a.C. Quando ele se rebelou, Nabucodonosor sitiou Jerusalém e tomou a cidade (587 a.C.), destruindo-a junto com o templo e levando um grande número de pessoas. O julgamento de Deus finalmente caiu sobre os judeus por seus caminhos idólatras.

A restauração

No julgamento, Deus lembrou-se da misericórdia. Isso é evidente nas vidas individuais, quando fiéis como Daniel, Ester ou Neemias ascenderam a posições de importância na vida política, ou quando inúmeras outras pessoas prosperaram em ambientes estrangeiros. Isso também é evidente no nível comunitário, à medida que Deus agiu para proteger enclaves hebraicos espalhados pelo exterior e para restaurar uma sociedade organizada na Palestina.

Entre os exilados, o judaísmo começou a emergir como um modo de vida separado de seu próprio sistema político ou centro cultural. Os judeus finalmente abandonaram a idolatria. Sem um templo, sacerdócio, rei ou terra, eles se voltaram

para as Escrituras divinas como seu ponto de união e a base de sua comunidade. Durante este período, desenvolveram a sinagoga como um lugar para comunhão, oração e estudo.

A restauração de uma comunidade organizada na Palestina por Deus envolveu particularmente a sorte de seu “ungido” Ciro ([Is 44.28; 45.1](#)). Ciro era um príncipe persa que em 559 a.C. se revoltou contra a dinastia dominante que controlava o Império Medo. Após consolidar seu domínio sobre o trono, ele prosseguiu para conquistar a Ásia Menor e o Império Caldeu ou Neo-Babilônico. Como um homem benevolente e um administrador sábio, ele permitiu que os povos cativos retornassem às suas casas e reconstruissem suas comunidades. O decreto de Ciro aos judeus aparece em [Esdras 1](#) e data provavelmente de 538 a.C. Um total de quase 50.000 pessoas voltou para Judá como resultado deste edicto ([Ed 2.64–65](#)).

Sob as pressões e tensões do reestabelecimento, o povo construiu suas casas, mas não foi além de lançar os alicerces de um novo templo. Finalmente, os profetas Ageu e Zacarias incitaram o povo a construir a casa de Deus ([Ed 5.1](#)). Eles começaram no segundo ano de Dario I, o Grande (520 a.C.; [Ag 1.1; Zc 1.1](#)), e completaram a obra em seu sexto ano (515 a.C.; [Ed 6.15](#)).

Durante o reinado do filho de Dario, Xerxes (486–465 a.C.), um plano foi arquitetado para exterminar todos os judeus no Império Persa, que naquela época controlava as terras onde os judeus viviam. Felizmente, Xerxes (Assuero no livro de Ester), em seu terceiro ano (483 a.C.; [Et 1.3](#)), procurou uma nova rainha e escolheu Ester, que conseguiu preservar seu povo.

O filho de Xerxes, Artaxerxes I (465–424 a.C.) também desempenhou um papel significativo na história judaica. No seu sétimo ano (458 a.C.; [Ed 7.7](#)), sob a liderança de Esdras, um segundo contingente de judeus retornou a Jerusalém. E no 20º ano de Artaxerxes (445 a.C.; [Ne 2.1](#)), Neemias foi a Jerusalém para supervisionar a reconstrução das muralhas da cidade. Malaquias provavelmente escreveu sua profecia aos judeus em Jerusalém durante a parte final do reinado de Artaxerxes.

Após a queda de Samaria e o cativeiro de Judá, os hebreus que permaneceram na terra casaram-se com vários grupos pagãos da região. Seus descendentes tornaram-se os samaritanos, uma mistura religiosa e racial. Essas pessoas ocuparam o vazio deixado pela destruição de Judá e, naturalmente, vieram com desagrado a intrusão dos

judeus babilônicos em uma área que passaram a considerar como sua. Fizeram tudo o que podiam para frustrar os esforços de Neemias para reconstruir os muros. Foi necessária toda a coragem, tato, energia e persuasão que Esdras e Neemias puderam reunir para impedir que os judeus que retornavam se casassem com o povo racialmente misturado da terra. Tal casamento significaria a absorção e destruição final do povo judeu.

Um templo samaritano foi posteriormente construído no Monte Gerizim (provavelmente durante o século V a.C.) e tornou-se o centro da adoração samaritana. A hostilidade entre samaritanos e judeus continuou no período do NT ([Jo 4](#)) e persiste até o presente.

O período intertestamentário

Alexandre, o Grande, conquistou o Império Persa com uma velocidade impressionante. Quando o povo de Jerusalém abriu seus portões em 332 a.C. e se rendeu sem luta, Alexandre os tratou bem. Após sua morte em 323 a.C., a Palestina passou de mão em mão entre seus sucessores até que Ptolemeu I do Egito conseguiu estabelecer controle em 301 a.C. Depois disso, a área permaneceu sob domínio egípcio até 198 a.C. Os Ptolemeus eram tolerantes e concederam aos judeus considerável autonomia, permitindo que desenvolvessem sua cultura única sem interferências, desde que pagassem seus impostos e permanecessem submissos. Muitos judeus se estabeleceram em Alexandria e gradualmente esqueceram seu hebraico no ambiente helenístico. Como resultado, uma tradução do Antigo Testamento para o grego (a Septuaginta) foi produzida lá. Embora os Ptolemeus não impusessem o helenismo aos judeus de Alexandria ou da Palestina, muitos foram influenciados pelas ideias helenísticas.

Quando Ptolemeu V subiu ao trono ainda menor de idade em 203 a.C., Antíoco III da Síria aproveitou-se do enfraquecido Egito e conquistou a Palestina em 198 a.C. Aparentemente, os judeus esperavam obter algum benefício com a mudança e receberam os sírios de braços abertos. No entanto, sua esperança era infundada. Antíoco III sofreu uma derrota desastrosa nas mãos de Roma em Magnésia em 190 a.C. A Síria não apenas perdeu muito território, mas também foi forçada a pagar uma enorme indenização. A partir de então, os judeus sofreram sob grandes encargos financeiros, junto com outros povos do império. O próximo rei sírio, Antíoco IV Epifânio (175–164 a.C.), decidiu

lançar um esforço para alcançar maior força interna e unidade dentro do império, forçando, entre outras coisas, uma maior aceitação da cultura grega e do culto ao governante divino. Naturalmente, essa exigência idólatra pesou fortemente sobre os judeus monoteístas e incitou a revolução.

No entanto, isso não explica completamente a revolta dos Macabeus contra a Síria. Em 168 a.C., um conflito armado surgiu entre facções judaicas em Jerusalém. Antíoco IV interpretou isso como uma rebelião aberta e enviou um exército contra a cidade. Suas forças demoliram parte da muralha da cidade e muitas casas. Após isso, Antíoco decidiu suprimir completamente o judaísmo, dedicou o templo a Zeus e sacrificou porcos no altar. A circuncisão, a observância do sábado e outros festivais religiosos foram proibidos, e o culto público aos deuses pagãos tornou-se obrigatório.

Alguns judeus se submeteram às ordens de Antíoco ou resistiram apenas passivamente, mas alguns decidiram resistir abertamente. Entre eles estavam Matatias e seus cinco filhos. Após a morte precoce de Matatias, seu filho Judas Macabeu liderou suas forças à vitória sobre os sírios, recuperando o direito de restaurar o culto judaico. A rededicação do templo em 25 de dezembro de 164 a.C. inaugurou o Festival de Hanukkah ([1Mc 4:36–59](#)). Subsequentemente, Jônatas e Simão (outros filhos de Matatias) continuaram a luta até que a independência foi alcançada em 142 a.C.; isso foi possível em grande parte porque eles souberam aproveitar a crescente fraqueza dos governantes sírios e a competição pelo cargo real.

Simão governou o estado judaico até seu assassinato em 134 a.C., quando seu filho João Hircano (134–104 a.C.) assumiu o poder. João Hircano lutou com sucesso no leste, norte e sul, conquistando terras na Transjordânia, capturando Siquém e o templo samaritano no Monte Gerizim, e subjugando os idumeus no sul, forçando-os a adotar o judaísmo. Seu filho Aristóbulo governou por apenas cerca de um ano (104–103 a.C.), mas ele acrescentou uma parte da Galileia ao reino. Quando ele morreu, sua viúva casou-se com seu irmão Alexandre Janeu (103–76 a.C.). Janeu continuou com ações militares quase incessantes durante seu reinado, e na época de sua morte havia quase recuperado o reino de Salomão.

Quando Janeu morreu, Alexandra, viúva de dois reis, assumiu o trono (76–67 a.C.) e seu filho mais velho, Hircano II, tornou-se sumo sacerdote. Seu reinado foi pacífico e próspero, mas quando ela

faleceu, seus filhos começaram a brigar. Seus apelos a Pompeu, que estava em campanha na área do Mediterrâneo oriental, foram responsáveis pela interferência romana na região e pela conquista da Palestina em 63 a.C.

O período romano

Após os romanos tomarem a Palestina, Hircano II foi confirmado como sumo sacerdote e também nomeado etnarca ou governante político (63–40 a.C.). No entanto, Antípatro, pai de Herodes, o Grande, era o verdadeiro poder por trás do trono, e durante muitos desses anos, Hircano foi praticamente incapaz de atuar devido à confusão das guerras civis romanas. Antípatro era leal a Roma e garantiu que as políticas romanas fossem executadas; ele conquistou o favor de Júlio César em relação aos judeus tanto na Palestina quanto na Diáspora.

Com o apoio de Marcos Antônio, Herodes conseguiu ser nomeado rei da Judeia pelo senado romano em 40 a.C. No entanto, uma invasão parta da Síria e o ódio dos judeus pelos romanos permitiram que Antígonos II, último rei da família dos Macabeus, governasse por três anos (40–37 a.C.). Finalmente, Herodes ascendeu ao trono em 37 e governou até 4 a.C. Como rei aliado, Herodes provou ser um excelente governante do ponto de vista romano e ganhou o título de "Grande". Ele trouxe alguma ordem para as regiões a leste do Jordão e possibilitou a organização da província romana da Arábia. Ele também promoveu os planos culturais de Augusto para o desenvolvimento de uma civilização greco-romana em todo o império.

Herodes admirava a cultura grega e contribuiu para projetos de construção em Rodes, Antioquia, Damasco, Atenas e outros lugares fora da Palestina. Dentro da Palestina, ele reconstruiu Samaria e a nomeou Sebaste em homenagem a Augusto (Sebastos é grego para "Augusto") e também construiu o grande porto de Cesareia. Provavelmente com o tamanho aproximado da Ilha de Manhattan (Manhattan é a parte central da cidade de Nova York nos Estados Unidos - tem por volta de 59 quilômetros quadrados), tornou-se a capital da Palestina Romana. Entre seus muitos outros projetos de construção, a remodelação do templo em Jerusalém foi a mais famosa. Iniciada em 20 a.C., não foi concluída até poucos anos antes de sua destruição em 70 d.C.

O esplendor material do reinado de Herodes não conquistou a afeição ou o apoio dos judeus. Ele

também não alcançou paz e harmonia em sua família, onde ocorriam erupções periódicas de traição, infidelidade e assassinato. Herodes se preocupava com qualquer ameaça ao seu governo e agia com rigor para eliminá-las, como é evidente pelo massacre dos inocentes em Belém após o nascimento de Cristo.

Finalmente, Herodes controlou Idumeia, Judeia, Samaria, Galileia, Perea e a área a nordeste do Mar da Galileia. Pelo seu último testamento, seu filho Arquelau deveria governar Idumeia, Judeia e Samaria; Antípas, Galileia e Perea; e Filipe, a região a nordeste do Mar da Galileia. Arquelau foi deposto em 6 d.C., e seu território tornou-se uma província romana (6–41 d.C.) a ser governada por nomeados diretos de Roma. O mais conhecido deles foi Pôncio Pilatos (26–36 d.C.), que ordenou a crucificação de Jesus. Antípas foi mais bem-sucedido e construiu uma nova capital em Tiberíades, mas caiu em desgraça com o Imperador em 39 d.C. e foi deposto. Filipe foi o mais eficaz dos três e governou até sua morte em 34 d.C. As terras de Filipe foram posteriormente dadas a Herodes Agripa I em 37 d.C.; as posses de Antípas foram então adicionadas em 39 d.C.; e em 41, Agripa também recebeu Samaria, Judeia e Idumeia.

Herodes Agripa I (37–44 d.C.) foi o herdeiro dos Macabeus (através de sua avó Mariane, primeira esposa de Herodes, o Grande), e por essa razão tinha o apoio dos judeus patriotas e dos fariseus por sua observância das ordenanças divinas. No entanto, quando ele construiu uma nova muralha ao norte de Jerusalém e se envolveu em assuntos estrangeiros, despertou as suspeitas dos romanos. Quando morreu em 44 d.C., eles transformaram o reino em uma província romana.

Como é claro nos Evangelhos, várias seitas surgiram na Palestina na época romana e estavam ativas durante o primeiro século. Os zelotes se opunham ao domínio romano e defendiam a rebelião armada. Os herodianos apoiavam a família herodiana e o poder romano. Os fariseus eram fanaticamente devotos à lei e tinham uma orientação teológica sobrenaturalista. Eles estavam relativamente contentes em apoiar Roma se lhes fosse dada liberdade religiosa e dominavam as sinagogas da região. Os saduceus eram antissobrenaturalistas, tendiam a colaborar com o regime dominante e eram predominantes no templo. De modo geral, a literatura do período intertestamentário e a mentalidade popular da época tendiam a ver o Messias como um libertador político que libertaria seu povo da dominação

estrangeira e estabeleceria um novo reino independente.

Os prefeitos romanos governaram a Palestina de 44 a 66 d.C. Eles tinham um talento para ofender os escrúulos religiosos dos judeus e aliená-los de outras maneiras. Com Félix (52 a 60 d.C.) começou uma tensão constante entre judeus e romanos que levou à primeira revolta judaica (66 a 70 d.C.). Enquanto Paulo estava preso em Cesareia ([At 23.23-24.27](#)) por volta de 58 a 60 d.C., eclodiram tumultos entre judeus e gentios. Festo (60 a 62 d.C.; [At 25](#)) era um administrador competente, mas a situação estava quase fora de controle. Após sua morte no cargo, houve uma anarquia virtual até que seu sucessor, Albino, chegasse (62 a 64 d.C.). Totalmente incompetente e desonesto, Albino foi chamado de volta em 64 e substituído por Floro (64 a 66 d.C.). Floro era ainda pior, recorrendo a roubos e subornos abertos até que não houvesse segurança ou justiça na terra. Finalmente, os judeus não aguentaram mais.

A centelha que iniciou os fogos da rebelião foi um ato antisemita pela população helenística de Cesareia em 66 d.C. Logo, os tumultos se espalharam por várias cidades, e guarnições romanas foram massacradas em diversos locais. No entanto, os judeus não estavam unidos, e em Jerusalém, grupos armados de judeus lutaram entre si pelo controle. Vespasiano foi escolhido para comandar o exército romano de cerca de 60.000 homens para lidar com a insurreição. Ele havia subjugado a maior parte da Palestina quando foi elevado à cadeira imperial em 69 d.C. (após a morte de Nero), e deixou seu filho Tito encarregado de completar as operações. Em agosto de 70 d.C., as muralhas de Jerusalém foram rompidas, muitas pessoas foram massacradas, e a cidade e o templo foram destruídos. Masada resistiu até 73 d.C. A Palestina havia sido esmagada pelo poder romano. A perda de vidas e propriedades foi incalculável e indescritível.

Em mais duas ocasiões, os judeus estavam destinados a lutar desastrosamente contra os romanos. Sob o governo de Trajano, uma rebelião de judeus eclodiu em Cirenaica em 115 d.C. e se espalhou rapidamente para Chipre, Egito, Palestina e Mesopotâmia. Inicialmente, foi um desdobramento da agitação entre os judeus e seus vizinhos helenísticos, mas se desenvolveu em um desafio à autoridade romana. Isso foi particularmente verdadeiro após os sucessos da Pártia na fronteira oriental de Roma, quando parecia haver alguma esperança de sucesso em se

livrar do jugo romano. Onde quer que os judeus obtivessem vantagem, eles perpetravam massacres, e a população não semítica retaliava da mesma forma. Trajano reprimiu implacavelmente os rebeldes e restaurou a ordem em todos os lugares, exceto no Egito; seu sucessor, Adriano, foi deixado para realizar essa tarefa.

Mas Adriano enfrentou uma nova rebelião, provocada por sua lei que proibia a circuncisão (que ele considerava desumana) e sua decisão em 130 d.C. de reconstruir Jerusalém como Aelia Capitolina e erguer um templo a Júpiter no local do templo de Yahweh. Este último não apenas profanaria o local do templo, mas também impediria qualquer reconstrução do templo judaico.

O líder desta segunda revolta judaica foi Simeão, príncipe de Israel, chamado Bar-Kochba ("Filho da Estrela"). Ambos os lados lutaram com grande ferocidade por mais de três anos (132-135 d.C.), a ponto de a população da Judeia ser quase extermínada. Jerusalém foi reconstruída como uma colônia romana, e os judeus foram proibidos de entrar sob pena de morte. Mesmo no final do século IV, eles tinham permissão para entrar apenas uma vez por ano, no aniversário da destruição do templo por Nabucodonosor. Após a revolta de Bar-Kochba, o judaísmo se retirou cada vez mais para dentro da cidadela da lei escrita e oral, separando-se assim dos gentios.

Veja também Abraão; Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Conquista e distribuição da terra; Davi; Diáspora dos judeus; O Êxodo; Primeira revolta judaica; Judeu; Judaísmo; Moisés; Período dos patriarcas; Saul #2; Salomão; Período pós-exílico; Peregrinações no deserto.

Israelita

Um descendente dos doze filhos de Israel.

"Israel" é o nome que Deus deu a Jacó ([Gn 32.28](#)). Os israelitas eram diferentes de dois outros grupos familiares que vieram de Abraão. Um grupo era o dos ismaelitas, que vieram da serva de Abraão, Agar, e de seu filho Ismael. O outro grupo era o dos edomitas, que vieram do irmão de Jacó, Esaú. Os israelitas viveram no Egito desde a época de José até o Êxodo. Então Deus os conduziu a Canaã para cumprir sua promessa a Abraão ([17.8](#)).

Deus guiou os israelitas para fora do Egito através do deserto. Ele os levou para a terra de

Canaã, como havia prometido. Juízes, reis e conquistadores de outros países os governaram. Em 722 a.C., a Assíria conquistou o reino do norte, e Israel tornou-se parte desse império.

Após esse período, "Israel" refere-se aos membros das tribos do sul, Judá e Benjamim. Um "israelita" era aquele que pertencia ao remanescente da nação da aliança de Israel. Isso era verdade tanto no sentido religioso quanto no político.

Veja também Israel, História de; Judeu; Judaísmo.

Issacar (Pessoa)

1. O nono filho de Jacó, o quinto de sua esposa Lia ([Gn 30.17-18](#)); seu nome possivelmente significa "recompensa". Jacó, em sua mensagem final aos seus 12 filhos, diz: "Issacar é jumento de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas" ([49.14](#), NTLH); a imagem sugerida é de um jumento carregado que se recusa a mover sua carga, um homem preguiçoso que não está disposto a fazer sua parte do trabalho. Pouco se sabe sobre Issacar, exceto o que ele fez junto com os outros filhos de Israel. Ele teve quatro filhos ([46.13](#)), que lideraram clãs na tribo ([1Cr 7.1-5](#)). Sua família foi com Jacó para o Egito, onde morreram (embora os restos de Issacar tenham sido posteriormente movidos para Siquém com os outros 12 patriarcas — [At 7.16](#)).

Os descendentes de Issacar eram 54.400 no primeiro censo ([Nm 1.29](#)), aumentaram para 64.300 no segundo ([26.25](#)) e para 87.000 durante o reinado de Davi ([1Cr 7.5](#)). Issacar foi a principal tribo envolvida na luta liderada por Débora, sendo ela mesma membro da tribo ([Jz 5.15](#)). Durante o tempo de Davi, havia homens da tribo de Issacar que tinham entendimento do que Israel deveria fazer em guerra ([1Cr 12.32](#)). Esses homens apoiaram Davi como rei para substituir Saul.

Issacar recebeu a quarta porção de terra depois que a arca foi levada para Siló ([Is 19.17](#)). Isso incluía as cidades de Jezreel, Suném e En-Ganim, e ficava entre as montanhas de Gilboa e Tabor. Sua porção era limitada ao sul e oeste pela tribo de Manassés, ao norte por Zebulom e Naftali, e a leste pelo rio Jordão. Este território era em grande parte uma planície fértil e frequentemente ameaçado pelos cananeus próximos, bem como por invasores estrangeiros.

2. O filho de Obede-Edom, que era um porteiro levita durante o reinado de Davi ([1Cr 26.5](#)).

Issacar, Tribo de

A tribo israelita descendeu do filho de Jacó, Issacar. Sua terra é definida em [Josué 19.17-23](#), embora não em grande detalhe.

O território da tribo de Issacar

Sua fronteira oriental termina no Jordão. A área pode ser localizada através das cidades listadas em sua terra, a saber:

- Jezreel;
- Quesulote;
- Suném;
- Anacarate;
- Quisiom;
- Remete;
- En-Ganim.

Estamos mais certos sobre as localizações de algumas dessas cidades do que de outras.

- Jezreel e En-Ganim ficam no canto sudeste do vale de Jezreel.
- Quesulote fica logo a oeste do Monte Tabor.
- Suném está aos pés da colina de Moré.

A fronteira norte pode ser identificada através dos limites ao sul de Zebulom e Naftali ([Is 19.10-12.33-34](#)). As três tribos de Issacar, Naftali e Zebulom se encontraram no Monte Tabor.

Na fronteira sul, algumas cidades importantes não foram conquistadas na época de Josué ([Jz 1.27](#)), e foram tiradas de Issacar e dadas a Manassés ([Is 17.11](#)):

- Bete-Seã,
- Ibleão;
- Taanaque.

Conflitos entre as tribos locais ocorreram nesta área (conforme registrado em uma estela de Seti I em Bete-Seã). A área é chamada de "Monte Iarunta", em homenagem a Jarmute ([Is 21.29](#)). Issacar estava localizada no rico planalto que se

estende a leste do Monte Tabor e da colina de Moré, e ao norte do vale de Bete-Seã.

Veja também Issacar (Pessoa) #1.

Issias

O filho de Harim, que obedeceu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã ([Ed 10.31](#)).

Issias

1. Filho de Izraías da tribo de Issacar ([1Cr 7.3](#)).
2. Guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em sua luta contra o Rei Saul. Issias foi um dos arqueiros e fundistas ambidestros de Davi ([1Cr 12.6](#)).
3. Filho de Uziel da tribo de Levi ([1Cr 23.20; 24.25](#)).
4. Filho de Reabias, da tribo de Levi e descendente de Moisés ([1Cr 24.21](#)).

Issiás

Interpretação alternativa de Isija, filho de Harim em [Esdras 10.31](#).

Veja Isija.

Istar

Uma deusa da fertilidade (uma divindade feminina acreditada por ajudar as plantas a crescerem e os animais a se reproduzirem) adorada na antiga Babilônia. Os babilônios escreveram histórias sobre ela, incluindo a famosa Epopeia de Gilgamesh (um poema antigo que narra as aventuras de um rei lendário chamado Gilgamesh).

Veja Epopeia de Gilgamesh.

Isvá

Um filho do patriarca Aser ([Gn 46.17; 1Cr 7.30](#)).

Isvi

1. O terceiro filho de Aser ([Gn 46.17; 1Cr 7.30](#)). Ele foi o fundador do clã dos isvitais ([Nm 26.44](#)).
2. Uma forma variante do nome "Isbosete". Ele foi um dos filhos do Rei Saul ([1Sm 14.49](#)).

Isvita

Qualquer descendente de Isvi, filho de Aser ([Nm 26.44](#)).

Veja Isvi #1.

Itai

1. Um homem filisteu da cidade de Gate. Ele e outros 600 homens de Gate permaneceram leais ao Rei Davi quando Davi teve que fugir de seu filho Absalão. Absalão estava tentando tomar o reino ([2Sm 15.18-22](#)). Itai comandou um terço do exército de Davi na batalha contra as forças de Absalão ([18.25](#)).
2. Um guerreiro da tribo de Benjamim que foi um dos valentes do Rei Davi ([2Sm 23.29](#); escrito como "Itai" em [1Cr 11.31](#)).

Itái

Ortografia alternativa de Itai, um guerreiro benjamita, em [1 Crônicas 11.31](#).

Veja Itai #2.

Itália

Península em forma de bota localizada entre os mares Tirreno e Adriático. Terrenos elevados e duas principais cadeias de montanhas — os Alpes, que formam uma fronteira ao norte, e os Apeninos, que formam a espinha dorsal da península — ocupam 77 por cento da terra. As planícies,

limitadas ao vale do rio Pó, cobrem os 23 por cento restantes.

A história mais antiga da região é encontrada nos artefatos das culturas Abbevilliana e Neandertal, descobertos em muitas áreas, incluindo o sítio em Roma. Com o advento da agricultura (6000 a.C.), a população aumentou rapidamente. Por volta de 3000 a.C., grandes grupos de agricultores se estabeleceram no sul da Itália ao longo da costa mediterrânea e no norte da Itália ao longo do Vale do Pó. Durante o terceiro milênio a.C., uma cultura importante se desenvolveu na parte central da península, influenciada pelas civilizações Minoica e Micênicas, caracterizada pela agricultura, pecuária e trabalho em bronze.

Durante o segundo milênio a.C., uma invasão de tribos indo-europeias transformou a cultura da península. Cada área passou a ser conhecida pelo nome da tribo que a habitava. Entre as mais importantes dessas tribos estavam os latinos, que se estabeleceram no vale do rio Tibre — uma área que passou a ser conhecida como Lácio. Segundo o historiador Antíoco de Siracusa (século V a.C.), foi também durante esse período (1300 a.C.) que o Rei Ítalo governou a parte sudoeste da península. Esta região passou a levar seu nome, que, ao longo do próximo milênio, foi estendido para o norte até que, na época de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), toda a península foi chamada de "Itália".

Perto do final do século VIII a.C., os etruscos, imigrantes da Ásia Menor, invadiram a península e organizaram as tribos itálicas menos civilizadas em cidades-estado sob seu domínio. O resultado foi o caos político. Guerras com colônias gregas, guerras para se libertar da dominação etrusca e guerras entre cidades-estado marcaram os cinco séculos seguintes. A cidade-estado que mais se beneficiou dessa agitação foi Roma. Em 220 a.C., Roma havia conquistado toda a península e unificado toda a Itália ao sul do Vale do Pó sob um único governo. Após uma grande revolta (90–88 a.C.), os italianos de toda a península obtiveram os direitos de cidadania romana, e em 49 a.C. Júlio César estendeu esses direitos aos habitantes do Vale do Pó. Assim, na época do NT, a Itália essencialmente havia adquirido sua forma atual.

"Itália" aparece três vezes no NT. Paulo tem a oportunidade de encontrar Priscila e Áquila, que recentemente vieram da Itália porque Cláudio havia expulsado os judeus de Roma ([At 18.2](#)). Itália é mencionada como o destino de Paulo após seu apelo a César ([At 27.16](#)). O escritor de Hebreus

envia saudações aos seus leitores de "aqueles que vêm da Itália" ([Hb 13.24](#)).

Veja também Césares; Roma, Cidade de.

Itamar

O quarto e mais jovem filho de Arão. Itamar serviu como sacerdote para as tribos de Israel enquanto o povo vivia no deserto entre o Egito e a terra prometida de Canaã ([Ex 6.23](#); [Nm 3.2-4](#); [26.60](#); [1Cr 6.3](#); [24.2](#)). Após a morte de dois de seus irmãos, ele recebeu a tarefa especial de ser responsável pela locomoção do tabernáculo ([Nm 4.28,33](#); [7.8](#)). Durante o reinado de Davi, os descendentes de Itamar e Eleazar foram organizados como sacerdotes no templo ([1Cr 24.3-6](#)). Mais tarde, alguns de seus descendentes retornaram com Esdras da Babilônia ([Ed 8.2](#)).

Itiel

1. Antepassado de Salu, um benjamita que viveu em Jerusalém após o exílio babilônico ([Ne 11.7](#)).
2. Uma das duas pessoas a quem Agur falou seus Provérbios, como aparece na ARC ([Pv 30.1](#)).

Itla

Cidade dada à tribo de Dã como herança, após a conquista inicial da Palestina por Josué ([Js 19.42](#)).

Itma

Guerreiro de origem moabita e um dos valentes de Davi ([1Cr 11.46](#)).

Itnã

Cidade no sul de Judá ([Js 15.23](#)).

Itra

O pai de Amasa por Abigail, que era irmã de Zeruia ([2Sm 17.25](#)). Ele é chamado de Jéter em [1Rs 2.5,32](#) e [1Cr 2.17](#).

Itrà

1. O filho de Disom, que era um chefe horita ([Gn 36.26; 1Cr 1.41](#)).

2. Um dos filhos de Zofá ([1Cr 7.37](#)). Ele provavelmente é o mesmo que Jéter mencionado em [1Cr 7.38](#).

Itreão

O sexto filho do Rei Davi. Sua esposa Eglá deu à luz a ele em Hebron ([2Sm 3.5; 1Cr 3.3](#)).

Itritas

Uma família ou clã que vivia em Quiriate-Jearim ([1Cr 2.53](#)). Dois dos poderosos guerreiros do Rei Davi, Ira e Garebe, eram itritas ([2Sm 23.38; 1Cr 11.40](#); na NTLH, eles são descritos como sendo "da cidade de Jatir"). O nome itrita pode vir do nome do lugar Jatir ou de uma pessoa chamada Jéter.

Itureia, Itureus

Itureia era uma pequena região perto de Traconites. Ambas as áreas eram governadas por Filipe, que era irmão do rei Herodes, o Grande. Isso ocorreu durante o período em que Tibério era o Imperador Romano ([Lc 3.1](#)).

Itureia é considerada como estando a nordeste do Mar da Galileia, na área do Monte Hermom. No entanto, sua localização e fronteiras são muito disputadas. O nome quase certamente vem de Jetur, um filho de Ismael ([Gn 25.15](#)). Seus descendentes estavam entre aqueles conquistados pelos israelitas a leste do Jordão ([1Cr 5.19-20](#)).

Por muitos anos depois disso, não encontramos nenhuma menção aos itureus nos registros históricos. Então, por volta de 105 a.C., o historiador judeu Josefo escreve sobre sua derrota pelo governante judeu Aristóbulo. Após essa derrota, muitos itureus tiveram que fazer uma escolha difícil: poderiam seguir os costumes religiosos judeus e permanecer em suas casas, ou teriam que deixar sua terra natal.

Escritores clássicos frequentemente mencionam os itureus. Às vezes, eles os chamam de sírios ou árabes. Eles eram arqueiros habilidosos e tinham

as tendências predatórias de grupos que não podiam ou não queriam se estabelecer em uma área por muito tempo. Em vista disso, não é surpreendente que saibamos mais sobre os itureus do que sobre Itureia.

Estrabão afirma que eles viviam em um país montanhoso. Dião Cássio nos informa mais tarde que eles tinham um rei. Sua história é difícil de entender devido às divisões no Império Romano que os afetaram. No final do primeiro século d.C., muitos itureus estavam sob o domínio provincial da Síria.

É mais fácil, então, discutir sobre as pessoas do que sobre o lugar. Alguns estudiosos afirmam que Lucas não poderia ter usado o substantivo "Itureia". Essa forma era desconhecida até três séculos depois. Eles dizem que a forma adjetival se encaixa melhor nesse caso. Isso levanta outra questão: Este território itureu estava dentro da tetrarquia de Filipe? Lucas poderia ter cometido um deslize e antecipado uma reagrupação regional posterior? Josefo lista as partes da tetrarquia de Filipe, mas não inclui Itureia.

Três fatos são evidentes:

1. Existe uma certa flexibilidade e sobreposição nas descrições das fronteiras territoriais.
2. Não há dados suficientes para conclusões precisas sobre Itureia.
3. As evidências são claras em outras partes das Escrituras de que Lucas é um escritor meticoloso e confiável.

Iva

Cidade que já havia caído junto com outras para os assírios ([2Rs 18.34; 19.13; Is 37.13](#)). O representante de Senaqueribe zombou da crença de Ezequias de que Deus salvaria Jerusalém. Iva estava provavelmente na Síria.

Veja também Ava.

Izarita

Qualquer descendente de Izar da tribo de Levi ([Nm 3.27; 1Cr 24.22; 26.23.29](#)). Algumas Bíblias usam as grafias "Isar" e "isaritas".

Veja Izar #1.

Izlias

Filho de Elpaal da tribo de Benjamim ([1Cr 8.18](#)).

Izraías

Filho de Uzi e um membro líder da tribo de Issacar ([1Cr 7.3](#)).

Izraíta

Designação dada a Samute, um dos 12 capitães mensais de Davi, significando um homem de uma família ou cidade chamada Isar ([1Cr 27.8](#)). A palavra “izraíta” é possivelmente uma corrupção de “zeraíta”, um descendente de Zerá de Judá ([1Cr 27.11](#)).

Izri

Músico do Templo e chefe da 4^a das 24 divisões de sacerdotes para serviço como músicos no santuário ([1Cr 25.11](#), ARC). Ele é chamado de Zeri em [1Cr 25.3](#).